

Friedrich Schiller

O Visionário

seguido de um Diálogo Filosófico

Tradução, Notas e Posfácio de
Teresa R. Cadete



O VISIONÁRIO

*Das memórias do Conde de O***

Primeiro Livro

Vou contar uma ocorrência que a muitos irá parecer inacreditável e da qual eu próprio fui em grande parte testemunha ocular. Às poucas pessoas que estão informadas acerca de um certo acontecimento político, ela prestará – se estas folhas ainda os encontrarem em tempo de vida – um esclarecimento oportuno sobre o mesmo; mas talvez também sem esta chave ela seja importante para os outros, como um contributo para a história da traição e das errâncias do espírito humano. Surpreender-se-ão com a *ousadia dos fins* que a maldade é capaz de conceber e de seguir; surpreender-se-ão com a raridade dos *meios* que ela consegue reunir para assegurar esse fim. A pura e rigorosa verdade conduzirá a minha pena; pois quando estas folhas chegarem ao mundo, já terei deixado de existir e nada terei nem a ganhar nem a perder com o relato que apresento.

Foi na minha viagem de regresso à Curlândia¹, no ano de 17** por altura do Carnaval, que visitei o Príncipe de ** em Veneza. Tínhamo-nos conhecido nas lides guerreiras em ** e renovámos aqui uma relação que a paz havia interrompido. Uma vez que eu desejava de qualquer maneira ver as curiosidades desta cidade e que o Príncipe só estava à espera de um câmbio para regressar a **, ele convenceu-me com facilidade a fazer-lhe companhia e a adiar entretanto a minha partida. Concordámos em não nos separarmos enquanto durasse a nossa estadia em Veneza e o príncipe foi gentil ao ponto de pôr à minha disposição os seus próprios aposentos no «Mouro».

Ele vivia aqui no mais rigoroso anonimato porque queria viver a sua vida e o seu reduzido apanágio tão pouco lhe teria permitido defender a craveira da sua linhagem. Dois cavaleiros, em cujo sigilo ele podia confiar inteiramente, eram para além de alguns fiéis criados a sua inteira comitiva. Evitava a pompa, mais por temperamento do que por economia. Fugia das diversões; com uma idade de trinta e cinco anos ele tinha resistido a todas as tentações dessa lasciva cidade. O belo sexo tinha-lhe sido até então indiferente. Profunda seriedade e uma melancolia exaltada eram dominantes na disposição do seu ânimo. As suas inclinações eram silenciosas mas obstinadas até à desmesura, as suas opções lentas e tímidas, a sua dedicação calorosa e eterna. No meio de um ruidoso tumulto humano ele andava solitário; fechado no seu mundo de fantasia, ele era com frequência um estranho no mundo real. Ninguém era mais predisposto a

deixar-se dominar sem ser fraco. Apesar disso ele era intrépido e fiável, assim que estivesse conquistado, e possuía igual coragem para combater um preconceito reconhecido e para morrer por outro.

Como terceiro pretendente ao trono da sua Casa, ele não tinha probabilidade de governar. A sua ambição nunca havia despertado, as suas paixões tinham seguido outra orientação. Satisfeito por não depender de uma vontade alheia, ele não tinha a tentação de exercer domínio sobre outros: a tranquila liberdade da vida privada e a fruição de um círculo de convívio pleno de espírito limitavam todos os seus desejos. Lia muito, embora sem critério; uma educação descuidada e as lides precoces de guerra não tinham deixado o seu espírito amadurecer. Todos os conhecimentos que ele depois adquiriu só aumentaram a confusão das suas ideias, uma vez que não tinham sido construídos num solo firme.

Era protestante como toda a sua família – por nascimento, não por exame que nunca tinha feito, embora numa certa época da sua vida ele tivesse passado por uma exaltação religiosa. Tanto quanto sei, nunca se tornou mação.

Uma tarde, quando passeávamos, como era hábito, totalmente cobertos com máscaras e isolados na Praça de S. Marcos – principiara a fazer-se tarde e a multidão tinha-se dissipado – o Príncipe notou que uma máscara nos seguia por toda a parte. A máscara era um arménio e ia sozinho. Apressámos os nossos passos e procurámos confundi-la alterando com frequência o nosso rumo – em vão, a máscara permanecia sempre muito perto atrás de nós. «Não tereis tido aqui nenhuma intriga?» disse-me finalmente o Príncipe. «Os maridos em Veneza são perigosos.» – «Não estou ligado a qualquer dama», foi a minha resposta. – «Vamos sentar-nos aqui e falar alemão», continuou. «Creio que se equivocam connosco.» Sentámo-nos num banco de pedra e esperámos que a máscara passasse. Ela dirigiu-se precisamente para nós e tomou lugar ao lado do Príncipe e muito perto dele. Tirou para fora o relógio e disse-me em francês e em voz alta enquanto se levantava: «Já passa das nove horas. Venha. Esquecemo-nos que estão à nossa espera no ‘Louvre’». Disse aquilo apenas para afastar a máscara do nosso trilho. «*Nove horas*», repetiu ela nessa mesma língua, de forma sublinhada e lenta. «Desejai-vos a vós próprio felicidades, Príncipe» (chamando-o aqui pelo seu verdadeiro nome). «*Às nove horas ele morreu.*» – Com isso levantou-se e partiu.

Olhámos perplexos um para o outro. – «Quem morreu?» perguntou por fim o Príncipe depois de um longo silêncio. – «Vamos segui-lo», disse eu, «e exigir uma explicação.» Percorremos todas as esquinas da Praça de S. Marcos – já não se podia encontrar a

máscara. Insatisfeitos, voltámos à nossa estalagem. O Príncipe não disse uma única palavra durante o caminho, que percorreu um pouco afastado e solitário, aparentando travar uma luta violenta, como mais tarde me confessou.

Quando estávamos em casa, ele voltou a abrir a boca pela primeira vez. «Mas é ridículo», disse, «que um louco perturbe a tranquilidade de um homem com duas palavras.» Desejámos-nos uma boa noite e assim que cheguei ao meu quarto anotei na minha lousa o dia e a hora em que aquilo tinha acontecido. Era quinta-feira.

Na noite seguinte o Príncipe disse-me: «Vamos dar uma volta pela Praça de S. Marcos e procurar o nosso misterioso arménio? Anseio ver como esta comédia se vai desenvolver.» Anuí. Ficámos até às onze horas na praça. O arménio não se via em lado nenhum. Repetimos a mesma coisa nas quatro noites seguidas sem melhor resultado.

Ao deixarmos o nosso hotel na sexta noite, eu tive a ideia – involuntária ou intencional, já não me recordo – de deixar um recado ao criado acerca do sítio em que poderíamos ser encontrados se alguém perguntasse por nós. O Príncipe notou a minha prudência e louvou-a com uma expressão sorridente. Havia uma grande multidão na Praça de S. Marcos quando lá chegámos. Mal havíamos dado trinta passos quando voltei a notar a presença do arménio que tentava passar através da multidão com passos rápidos e parecia procurar alguém com o olhar. Quando estávamos quase junto dele, o Barão de F**, do séquito do Príncipe, chegou até nós ofegante e entregou ao Príncipe uma carta. «Está lacrada a negro», acrescentou. «Pensámos que fosse urgente.» Isso caíu-me em cima como um raio. O Príncipe tinha-se aproximado de um lampião e começou a ler. «O meu primo morreu», exclamou. «*Quando?*» interrompi-o impetuosamente. Ele voltou a olhar para a carta. «Quinta-feira passada. Às nove horas da noite.»

Não tínhamos tido tempo de recuperar do nosso espanto quando o arménio apareceu junto de nós. «Reconheceram aqui Vossa Alteza», disse ao Príncipe. «Correi até ao ‘Mouro’. Lá encontrareis os membros do Senado. Não hesiteis em aceitar as honrarias que vos querem prestar. O Barão de F** esqueceu-se de vos dizer que chegaram os vossos câmbios.» E perdeu-se na multidão.

Apressámo-nos a chegar ao nosso hotel. Tudo se encontrava como o arménio tinha anunciado. Três nobres da República estavam lá para dar as boas-vindas ao Príncipe e acompanhá-lo com pompa até à Assembleia, onde a alta nobreza da cidade o aguardava. Ele mal teve tempo de me dar a entender com um sinal furtivo que eu deveria ficar acordado por sua causa.

Às onze da noite ele regressou. Com uma expressão séria e pensativa, entrou no quarto e pegou na minha mão depois de ter mandado embora os criados. «Conde», disse-me com as palavras de Hamlet, «há mais coisas no céu e na terra do que sonhamos nas nossas filosofias.»

«Mui clemente Senhor», respondi, «pareceis esquecer que ides para a cama enriquecido com uma grande esperança.» (O falecido era o príncipe herdeiro, filho único do soberano ***, que estava velho e doente e não tinha esperança numa sucessão própria. Um tio do nosso Príncipe, igualmente sem herdeiros e sem perspectiva de os ter, era o único que se interpunha agora entre este e o trono. Menciono estas circunstâncias porque delas se falará a seguir.)

«Não me recordeis tal coisa», disse o Príncipe. «E mesmo que se tivesse ganho para mim uma coroa, eu teria agora mais que fazer do que reflectir sobre essa bagatela. - - Se esse arménio não se limitou a adivinhar - -»

«Como é possível tal coisa, Príncipe?», repliquei.

«Nesse caso trocarei todas as minhas principescas esperanças por um hábito de monge.»²

Na noite seguinte fomos mais cedo para a Praça de S. Marcos. Um súbito aguaceiro obrigou-nos a entrar num café onde se jogava. O Príncipe colocou-se por detrás da cadeira de um espanhol e ficou a observar o jogo. Eu tinha ido para uma sala contígua onde fiquei a ler jornais. Algum tempo depois ouvi barulho. Antes da chegada do Príncipe, o espanhol tinha estado a perder ininterruptamente, agora ganhava com todas as cartas. Todo o jogo se tinha alterado de modo significativo e o banco corria o risco de ser desafiado pelo apontador, que aquela viragem feliz tornara audacioso. O veneziano que estava no banco disse ao Príncipe num tom ofensivo – ele estava a perturbar a sua sorte e devia abandonar a mesa. Este olhou-o com frieza e ficou; e manteve a mesma atitude quando o veneziano repetiu a sua ofensa em francês. O último pensava que o Príncipe não entendia ambas as línguas e dirigiu-se aos restantes com um riso de desprezo: «Dizei-me, senhores, como posso fazer-me entender por este desajeitado?» Ao mesmo tempo levantou-se e quis agarrar o Príncipe por um braço; este perdeu então a paciência, deitou ao veneziano uma mão forte e atirou-o ao chão de modo pouco suave. Toda a sala se pôs em movimento. O barulho fez-me precipitar lá para dentro, e sem querer chamei-o pelo nome. “Tende cuidado, Príncipe”, acrescentei de forma irreflectida, «estamos em Veneza.» O nome do Príncipe provocou um silêncio geral, que logo se tornou em murmúrio que me pareceu perigoso. Todos os italianos presentes

agruparam-se e puseram-se de lado. Um por um abandonaram a sala até que nos encontramos a sós com o espanhol e alguns franceses. «Estais perdido, Senhor», disseram estes, «se não abandonais imediatamente a cidade. O veneziano que tão mal haveis tratado é rico e prestigiado – e custar-lhe-á apenas cinquenta sequins fazer-vos desaparecer deste mundo.» O espanhol ofereceu-se para ir buscar uma escolta para a segurança do Príncipe e para nos acompanhar a casa ele próprio. O mesmo queriam fazer os franceses. Ainda estávamos ali a reflectir sobre o que fazer quando a porta se abriu e alguns funcionários da Inquisição estatal entraram. Mostraram-nos uma ordem do governo que nos mandava segui-los rapidamente. Sob uma forte cobertura, fomos conduzidos ao canal. Aqui esperava-nos uma gôndola na qual tivemos de sentar-nos. Antes de nos apearmos, os olhos foram-nos vendados. Fomos levados a subir uma grande escadaria de pedra e depois a fazer um longo e sinuoso percurso por cima de abóbadas, como depreendi dos vários ecos que ressoavam sob os nossos pés. Por fim chegámos a outra escada que nos levou a descer vinte e seis degraus. Aqui abriu-se uma sala onde nos retiraram a venda dos olhos. Encontrávamo-nos num círculo de veneráveis anciãos, todos vestidos de negro, toda a sala revestida de panos negros e parcimoniosamente iluminada, um silêncio sepulcral em toda a assembleia, o que fazia uma terrível impressão. Um desses anciãos, provavelmente o Grande Inquisidor estatal, aproximou-se do Príncipe e perguntou-lhe com uma expressão cerimoniosa, enquanto o veneziano era trazido à sua presença:

«Reconheceis este homem como sendo o mesmo que vos ofendeu no café?»

«Sim», respondeu o Príncipe.

Em seguida dirigiu-se ao prisioneiro: «É esta pessoa que quereis hoje à noite mandar assassinar?»

O prisioneiro respondeu que sim.

Nesse momento abriu-se o círculo e com horror vimos a cabeça do veneziano ser separada do tronco. «Dais-vos por satisfeito com esta contrapartida?» perguntou o Inquisidor do Estado. – O Príncipe jazia sem sentidos nos braços dos seus acompanhantes. – «Ide-vos pois», prosseguiu aquele com uma voz terrível voltando-se para mim, «e de futuro não façais juízos precipitados acerca da justiça em Veneza.»

Quem tinha sido o amigo oculto que nos havia salvado de uma morte certa através do braço célere da justiça, isso não podíamos adivinhar. Transidos de terror alcançámos a nossa morada. Passava da meia-noite. O camareiro de Z** esperava-nos com impaciência na escada.

«Como foi bom que nos tenhais enviado uma mensagem!» disse ao Príncipe, enquanto nos iluminava o caminho – «Uma notícia que o Barão de F** nos tinha trazido logo a seguir da Praça de S. Marcos tinha-nos causado um receio terrível a vosso respeito.»

«Mandei uma mensagem? Quando? Não sei nada acerca disso.»

«Esta noite depois das oito horas. Mandastes-nos dizer que podíamos estar inteiramente descansados se regressásseis hoje a casa mais tarde.»

Aqui o Príncipe olhou para mim. «Tereis talvez tido esse cuidado sem que eu tivesse sabido?»

Eu não sabia de nada.

«Terá sido assim mesmo, Alteza», disse o camareiro – «pois aqui está o relógio que haveis mandado por segurança». O Príncipe levou a mão ao bolso. O relógio tinha realmente desaparecido e ele reconheceu aquele como sendo seu. «Quem o trouxe?» perguntou com estupefacção.

«Uma máscara desconhecida, com traje arménio, que se afastou logo a seguir.»

Estávamos ali parados e olhámos um para o outro. «Que pensais disto?» perguntou finalmente o Príncipe depois de um longo silêncio. «Tenho aqui um guarda-costas secreto em Veneza.»

A terrível cena dessa noite provocara no Príncipe uma febre que o obrigou a recolher-se no quarto. Durante esse tempo, o hotel encheu-se de gente local e de forasteiros, atraídos pela descoberta do estatuto do Príncipe. Todos concorriam na oferta de serviços, cada um procurava fazer-se valer à sua maneira. A ocorrência na Inquisição estatal não foi mais mencionada. Uma vez que a corte de ** desejava adiar ainda a partida do Príncipe, alguns cambistas em Veneza receberam ordem de lhe pagar somas consideráveis. Desse modo, ele viu-se contra a sua vontade obrigado a prolongar a sua estadia na Itália e, a seu pedido, resolvi adiar a minha partida.

Assim que ele recuperou a ponto de poder abandonar o quarto, o médico convenceu-o a dar um passeio no rio Brenta para mudar de ares. O tempo estava claro e a excursão foi aceite. Quando nos preparávamos para entrar na gôndola, o Príncipe deu por falta da chave de um pequeno cofre que tinha papéis muito importantes. Demos imediatamente meia-volta para procurá-la. Ele lembrava-se com a maior exactidão de o ter fechado à chave ainda na véspera e desde então não tinha mais saído do quarto. Mas todas as buscas foram em vão e tivemos de abandoná-las para não perder mais tempo. O

Príncipe, cuja alma estava acima de qualquer desconfiança, declarou-a como perdida e pediu-nos que não falássemos mais disso.

O passeio foi o mais agradável possível. Uma paisagem pitoresca, que com cada curva do rio parecia superar-se em riqueza e beleza, o mais ameno dos céus, que em meados de Fevereiro fazia parecer um dia de Maio, jardins encantadores e inúmeras casas de campo de muito bom gosto, que ornamentam ambas as margens do Brenta – atrás de nós a majestosa Veneza, com cem torres e mastros saindo da água, tudo isso dava-nos o mais soberbo espectáculo do mundo. Entregámo-nos inteiramente à magia dessa bela natureza, a nossa disposição era a mais risonha, o próprio Príncipe perdeu a sua seriedade e competia connosco em alegres gracejos. Uma música divertida soava aos nossos ouvidos assim que nos afastámos da cidade algumas milhas italianas em direcção ao campo. Vinha de uma pequena aldeia onde estava a ocorrer uma feira anual; havia ali gente de toda a espécie. Um grupo de raparigas e rapazes, todos vestidos de modo teatral, saudou-nos com uma dança pantomímica. A improvisação era nova, leveza e graça animavam cada movimento. Antes que a dança terminasse por completo, a dirigente da mesma, que representava uma rainha, pareceu de repente ser retida por um braço invisível. Ficou parada e imóvel e tudo com ela. A música silenciou. Não se ouvia qualquer respiração em toda a assembleia e *ela* estava ali parada, o olhar fixo na terra, numa profunda paralisia. De repente ergueu-se com o furor do entusiasmo, lançou um olhar bravo à sua volta – «Há um rei entre nós», exclamou, arrancando a coroa da cabeça e depondo-a – aos pés do Príncipe. Todos os que ali estavam dirigiram o olhar para ele, sem saberem ao certo, durante bastante tempo, se essa farsa teria algum significado, de tal modo tinham sido iludidos pela atitude séria e emotiva da comediante. – Uma salva de palmas generalizada interrompeu por fim esse silêncio. Os meus olhos procuraram o Príncipe. Notei que ele não estava pouco perturbado e se esforçava por se subtrair ao olhar prescutor dos espectadores. Atirou dinheiro às crianças e apressou-se a sair da confusão.

Tínhamos dado poucos passos quando um homem descalço e com um ar digno abriu caminho por entre a população e se interpôs no caminho do Príncipe. «Senhor», disse o monge, «dá a Nossa Senhora algo da tua riqueza, irás necessitar a sua oração.» Disse isso num tom que nos tocou. A multidão arrebatou-o para longe.

O nosso séquito tinha entretanto crescido. Um lorde inglês que o Príncipe já havia visto em Nice, alguns comerciantes de Livorno, um cónego alemão, um abade francês com algumas damas e um oficial russo associaram-se a nós. A fisionomia deste último

tinha algo de inusitado que atraiu a nossa atenção. Nunca na minha vida eu vira tantos *traços* e tão pouco *carácter*, tanta benevolência insinuante juntamente com tanto gelo repelente *num* rosto humano. Todas as paixões pareciam ter-se ali agitado, abandonando-o em seguida. Nada mais restara senão o olhar tranquilo e penetrante de um completo conhecedor da natureza humana, que intimidava qualquer olhar que encontrasse. Essa estranha criatura seguia-nos à distância mas parecia participar de forma displiscente em tudo o que estava a ocorrer.

Chegámos a uma barraca onde se jogava na lotaria. As damas compraram rifas, nós seguimos o seu exemplo; também o Príncipe exigiu uma rifa. Ganhou uma tabaqueira. Quando a abriu, vi-o recuar empalidecendo. – A chave estava lá dentro.

«O que é isto?», disse-me o Príncipe logo que ficámos por um momento a sós. «Um poder superior anda a seguir-me. À minha volta paira a omnisciência. Um ser invisível ao qual não posso fugir vigia todos os meus passos. Tenho de procurar o arménio e obter luz da sua parte.»

O sol aproximava-se do ocaso quando chegámos ao pavilhão onde o jantar estava na mesa. O nome do Príncipe tinha aumentado o nosso grupo e éramos dezasseis pessoas. Para além das acima mencionadas tinham-se ainda juntado a nós um *virtuose* de Roma, alguns suíços e um aventureiro de Palermo, que vinha de uniforme e se fazia passar por um capitão. Decidimos passar aqui todo o serão e voltar para casa à luz dos archotes. A conversa à mesa foi muito viva e o Príncipe não pôde evitar contar a ocorrência com a chave, que despertou uma surpresa geral. A maior parte das pessoas afirmou sem reboços que todas essas artes ocultas eram obra de prestidigitação; o abade, que já tinha bebido muito vinho, desafiou todo o mundo dos espíritos a regressar aos seus limites; o inglês disse blasfémias; o músico fez o sinal da cruz diante do demónio. Poucos, entre os quais o Príncipe, sustentavam que era preciso ter um juízo reservado perante tais coisas; entretanto, o oficial russo conversava com as damas e parecia não dar atenção à conversa. No calor da contenda ninguém reparara que o siciliano tinha saído. Depois de uma breve meia hora ele regressou embuçado num manto e colocou-se por detrás da cadeira do francês. «Haveis tido há pouco a ousadia de desafiar todos os espíritos – quereis tentar isso com *um*?»

«De acordo!» disse o abade – «se assumirdes a tarefa de mandar vir um.»

«Fá-lo-ei», respondeu o siciliano (virando-se para nós) «quando estes senhores e estas senhoras nos tiverem deixado.»

«Por que razão?» exclamou o inglês. «Um espírito forte não receia uma sociedade divertida.»

«Não me responsabilizo pelo desfecho», disse o siciliano.

«Por amor de Deus! Não!» gritaram as damas à mesa e levantaram-se assustadas das suas cadeiras.

«Mandai vir o vosso espírito», disse o abade, renitente; «mas avisai-o antes que aqui há lâminas afiadas» (dizendo isto, pediu a um dos convidados o seu punhal).

«Podereis fazer como quiserdes», respondeu o siciliano com frieza, «se ainda tiverdes vontade para tal.» Aqui voltou-se para o Príncipe. «Mui clemente Senhor», disse a este, «afirmais que a vossa chave esteve em mãos alheias – podeis supor em quais?»

«Não.»

«Não adivinhais também quem possa ser?»

«É certo que tinha uma ideia - -»

«Reconheceríeis a pessoa se a vísseis diante de vós?»

«Sem dúvida.»

Aqui o siciliano deitou a capa para trás e tirou um espelho que colocou diante dos olhos do Príncipe.

«É este?»

O Príncipe recuou assustado.

«Que haveis visto?» perguntei.

«O arménio.»

O siciliano voltou a ocultar o espelho debaixo da capa. «Era a mesma pessoa em que estáveis a pensar?» perguntou todo o grupo ao Príncipe.

«A mesma.»

Aqui todos os rostos se alteraram, o riso acabou. Todos os olhares se dirigiram com curiosidade ao siciliano.

«Monsieur l' Abbé, a coisa está a tornar-se séria», disse o inglês; «aconselhar-vos-ia a recuar.»

«O fulano tem o diabo no corpo», gritou o francês e saiu a correr, as damas precipitaram-se aos gritos para fora da sala, o *virtuose* seguiu-as, o cónego alemão ressonava numa poltrona, o russo ficou sentado com indiferença como até então.

«Haveis talvez querido fazer de um fanfarrão motivo de riso», recomeçou o Príncipe depois de aqueles terem saído – «ou gostaríeis de cumprir para nós a promessa?»

«É verdade», disse o siciliano. «Com o abade a coisa não era a sério, fiz-lhe a proposta apenas porque sabia que o cobarde não me tomaria à letra. – A própria coisa é aliás demasiado séria para gracejar meramente a esse respeito.»

«Confessais assim que ela está na vossa mão?»

O mago silenciou longo tempo e pareceu examinar cuidadosamente o Príncipe com o olhar.

«Sim», respondeu finalmente.

A curiosidade do Príncipe tinha já atingido o mais alto grau de tensão. O contacto com o mundo dos espíritos tinha sido sempre a sua exaltada predilecção e, desde que o arménio havia surgido pela primeira vez, tinham-lhe voltado a ocorrer todas as ideias que a sua razão mais madura havia durante tanto tempo rejeitado. Afastou-se para o lado com o siciliano e ouvi-o conversar com ele de um modo muito insistente.

«Tendes diante de vós um homem», continuou, «que arde de impaciência por chegar a uma convicção nesta importante matéria. Abraçaria como meu benfeitor, como meu primeiro amigo, aquele que dissipasse aqui as minhas dúvidas e levantasse a cobertura dos meus olhos – Quereis merecer essa grande honra a meu respeito?»

«Que desejais de mim?» perguntou o mago apreensivo.

«Por agora apenas uma amostra da vossa arte. Deixai-me ver uma aparição.»

«Para onde é que isso nos vai levar?»

«Nessa altura podereis julgar, quando me conhecerdes melhor, se sou digno de receber lições de um nível superior.»

«Tenho por vós a maior consideração, mui clemente Príncipe. Uma força secreta que emana da vossa presença, e que não conheceis ainda, ligou-me a vós desde o primeiro momento. Sois mais poderoso do que vós próprio sabeis. Tendes o poder de dominar ilimitadamente as minhas forças – mas –»

«Então deixai-me ver uma aparição.»

«Mas tenho primeiro de ter a certeza de que não me fazeis essa exigência por curiosidade. Embora as forças invisíveis me sejam relativamente submissas, tal acontece na condição sagrada de eu não profanar os sacros mistérios, de eu não abusar do meu poder.»

«As minhas intenções são as mais puras. Quero a verdade.»

Aqui abandonaram o seu lugar e dirigiram-se a uma janela distante, onde eu não podia continuar a ouvi-los. O inglês, que também ouvira essa conversa, chamou-me para o seu lado.

«O vosso Príncipe é um homem nobre. Lamento que se envolva com um charlatão.»

«Tudo dependerá», disse eu, «de como ele sair da situação.»

«Sabeis uma coisa?» disse o inglês, «agora o pobre diabo vai fazer-se caro. Não tirará cá para fora a sua arte antes de ouvir soar o dinheiro. Nós somos nove. Vamos fazer uma colecta e levá-lo à tentação por meio de um preço mais elevado. Isso irá fazê-lo ceder e abrir os olhos ao Príncipe.»

«Estou de acordo.»

O inglês deitou num prato nove guinéus e deu a volta para fazer a colecta. Cada um deu alguns luíses; o russo pareceu interessar-se imensamente pela nossa proposta e depôs uma nota bancária de cem sequins no prato – um desperdício que surpreendeu o inglês. Trouxemos o resultado da colecta ao Príncipe. «Tende a bondade», disse o inglês, «de intervir em nosso favor junto desse senhor para que nos deixe ver uma amostra da sua arte e aceite esta pequena prova do nosso reconhecimento.» O Príncipe depôs ainda um precioso anel no prato e estendeu-o ao siciliano. Este reflectiu alguns segundos. – «Meus senhores e benfeitores», começou a responder, «tal magnanimidade envergonha-me. – Pareceis entender-me mal – mas correspondo de bom grado ao vosso anseio. O vosso desejo será realizado» (e puxou de uma campainha). «No que diz respeito a este ouro, ao qual eu próprio não tenho direito, permitir-me-eis que o deponha no mais próximo mosteiro beneditino para obras de misericórdia. O anel, conservo-o como um venerável testemunho que deverá recordar-me o mais digno dos Príncipes.»

Aqui entrou o estalajadeiro, a quem ele entregou o dinheiro de imediato.

«Ele é assim mesmo um burlão», disse-me o inglês ao ouvido. «Recusa o dinheiro porque lhe interessa mais o Príncipe.»

«Ou o estalajadeiro sabe o que deve fazer», disse outro.

«Quem desejais ver aqui?», perguntou agora o mago ao Príncipe.

O Príncipe reflectiu um momento. – «De preferência um grande homem para já», exclamou o lorde. «Convocai o Papa Ganganelli³. Isso custará pouco ao Senhor.»

O siciliano mordeu os lábios. – «Não posso citar ninguém que tenha recebido as Ordens.»

«Isso é mau», disse o inglês. «Talvez ficássemos a saber por ele de que doença veio a morrer.»

«O marquês de Lanoy», tomou então o Príncipe a palavra, «foi um brigadeiro francês na anterior guerra e o meu melhor amigo. Na batalha de Hastinbeck ele foi ferido de morte, levaram-no para a minha tenda onde ele morreu pouco depois nos meus braços.»

Quando já lutava com a morte, ele ainda me chamou a si. ‘Príncipe’, começou, ‘não voltarei a ver a minha pátria, por isso ireis saber um segredo para o qual ninguém tem a chave senão eu. Num mosteiro junto à fronteira com Flandres vive uma – ‘ e aqui expirou. A mão da morte cortou o fio da sua fala; gostaria de o ter aqui e de ouvir a sequência.»

«Grande exigência, por Deus!», exclamou o inglês. «Declarar-vos-ei um segundo Salomão se solucionardes este problema.» –

Admirámos a escolha inteligente do Príncipe e concedemos-lhe por unanimidade o nosso aplauso. Entretanto, o mago andava com passos enérgicos de um lado para o outro e parecia lutar indeciso consigo próprio.

«E isso foi tudo o que o moribundo tinha para deixar-vos?»

«Tudo.»

«Não haveis feito investigações a esse propósito na sua pátria?»

«Foram todas em vão.»

«O marquês de Lanoy tinha vivido sem mácula? – Não posso evocar qualquer morto.»

«Morreu arrependido pelos excessos da sua juventude.»

«Trazeis convosco alguma recordação dele?»

«Sim.» (O Príncipe tinha realmente consigo uma tabaqueira com uma imagem esmaltada em miniatura do marquês e que ele tinha junto de si à mesa.)

«Não quero saber - - Deixai-me a sós. Devereis ver o falecido.»

Fomos solicitados a ir para o outro pavilhão até que ele nos chamasse. Ao mesmo tempo ele mandou tirar todos os móveis da sala, desengonçar as janelas e fechar as portadas o mais cuidadosamente possível. Ordenou ao estalajadeiro, com o qual já parecia ter um tratamento de confiança, que trouxesse um recipiente com carvões em brasa e que apagasse todos os lumes na casa com água. Antes de sairmos pediu a cada um de nós que desse a sua palavra de honra em como se observaria um eterno silêncio sobre o que iríamos ver e ouvir. Atrás de nós foram trancadas todas as salas nesse pavilhão.

Passava das onze e um silêncio profundo reinava em toda a casa. Ao sair, o russo perguntou-me se tínhamos connosco pistolas carregadas. – «Para quê?» disse eu. – «Em todo o caso», respondeu ele. «Esperai um momento, vou verificar.» Afastou-se. O barão de F** e eu abrimos uma janela que ficava em frente àquele pavilhão e pareceu-nos ouvir dois homens murmurando juntos e um ruído como se alguém encostasse uma escada. Mas isso não passava de uma suposição e não me atrevo a dá-la como

verdadeira. O russo voltou com um par de pistolas depois de ter ficado ausente por meia hora. Vimo-lo carregá-las. Eram quase duas horas quando o mago apareceu de novo e nos anunciou que era a altura. Antes de entrarmos foi-nos mandado descalçar os sapatos e ficar em camisa, meias e roupa interior. Atrás de nós a porta foi trancada, como na primeira vez.

Encontrámo-nos ao regressar à sala num amplo círculo traçado a carvão, que podia abarcar-nos comodamente a todos os dez. A toda a volta e em todas as quatro paredes da sala as tábuas tinham sido levantadas, de tal modo que parecíamos estar numa ilha. Um altar coberto de pano preto erguia-se no meio do círculo onde tinha sido estendido um tapete de cetim vermelho. Uma Bíblia caldeia⁴ estava aberta sobre o altar junto de uma caveira, com um crucifixo prateado nela instalado. Em lugar de velas havia uma lamparina prateada com álcool a arder. Um espesso fumo de incenso escurecia a sala, o que quase sufocava a luz. O feiticeiro estava despido como nós, mas descalço; à volta do pescoço nu trazia um amuleto num colar de cabelos humanos, em redor dos quadris tinha atado um avental branco com fórmulas secretas e figuras simbólicas. Mandou-nos dar as mãos uns aos outros e observar um profundo silêncio; aconselhou-nos preferencialmente a não fazer qualquer pergunta à aparição. Pediu ao inglês e a mim (parecia desconfiar mais de nós os dois) que segurássemos dois punhais cruzados, sem os movimentarmos, uma polegada por cima da sua cabeça enquanto durasse a acção. Estávamos colocados em meia-lua à volta dele, o oficial russo chegou-se até muito perto do inglês e ficou junto ao altar. Com o rosto virado para o nascente, o mago estava agora sobre o tapete, aspergia água benta em todas as quatro direcções e inclinou-se três vezes para a Bíblia. O apelo, do qual nada entendemos, demorou meio quarto de hora; no fim daquele, ele fez um sinal aos que estavam mais próximos para o agarrarem firmemente pelos cabelos. Em fortes convulsões, chamou o morto três vezes pelo nome e à terceira vez estendeu a mão para o crucifixo - -

De repente sentimos todos em simultâneo uma sacudidela como se fosse de um raio, de tal modo que as nossas mãos se separaram; um trovão súbito abalou a casa, todas as fechaduras soaram, todas as portas bateram, a tampa da lamparina caiu, a luz apagou-se e junto da parede oposta, por cima da lareira, surgiu uma figura humana numa camisa ensanguentada, pálida e com o rosto de um moribundo.

«Quem me chama?» disse uma voz oca, dificilmente audível.

«O teu amigo», respondeu o feiticeiro, «que honra a tua memória e reza pela tua alma», e ao mesmo tempo mencionou o nome do Príncipe.

As respostas seguiam-se sempre a um espaço intermédio muito grande.

«Que deseja ele?» continuou essa voz.

«Ele quer acabar de ouvir o que principiaste a revelar-lhe neste mundo e não terminaste.»

«Num mosteiro junto à fronteira com a Flandres vive - - -»

Aqui a casa estremeceu de novo. A porta abriu-se com um forte trovão, um raio iluminou a sala e outra figura *corpórea*, ensanguentada e pálida como a primeira, mas mais horrível, surgiu no limiar. O álcool principiou a arder sozinho e a sala tornou-se clara como antes.

«Quem está entre nós?», exclamou o mago assustado e lançou um olhar aterrorizado pela assembleia – «A ti não te queria ter aqui.»

«*Quem me chama?*» disse essa segunda aparição.

O mago principiou a tremer violentamente. Pavor e espanto tinham-nos paralisado. Lancei a mão a uma pistola, o mago arrancou-ma da mão e premiu o gatilho contra a figura. A bala rolou lentamente no altar e a figura saiu inalterada do fumo. O mago tombou então sem sentidos.

«O que é isto?» exclamou o inglês espantado e brandiu contra ela o punhal. A figura tocou no seu braço e a lâmina caiu no chão. Aqui o medo fez aparecer o suor na minha testa. O barão de F** confessou-nos depois que tinha rezado. Durante todo esse tempo, o Príncipe tinha ficado ali sem temor e tranquilo, com os olhos fixados na aparição.

«Sim! Reconheço-te», exclamou por fim pleno de comoção, «és Lanoy, és o meu amigo - - Donde vens?»

«A eternidade é muda. Pergunta-me coisas da vida passada.»

«Quem vive no mosteiro de que me falaste?»

«A minha filha.»

“O quê? Foste pai?”

«Ai de mim que o fui tão pouco!»

«Não és feliz, Lanoy?»

«Deus julgou.»

«Posso prestar-te ainda um serviço neste mundo?»

«Nenhum a não ser pensares em ti próprio.»

«Como assim?»

«Em Roma o saberás.»

Aqui seguiu-se um novo trovão – uma nuvem negra de fumo encheu o quarto; assim que ela se tinha dissipado, já não encontrámos qualquer figura. Abri uma portada. Era manhã.

Foi então que o mago regressou do seu torpor. «Onde estamos?» exclamou ao ver a luz do dia. O oficial russo estava por detrás dele e olhou-o por cima do ombro. «Ilusionista», disse lançando-lhe um olhar terrível, «já não invocarás mais nenhum espírito.»

O siciliano voltou-se, olhou melhor para o seu rosto, lançou um grito sonoro e caiu aos seus pés.

Então olhámos todos para o pretense russo. O Príncipe reconheceu nele sem esforço os traços do seu arménio, e as palavras que ele queria balbuciar morreram na sua boca. Pavor e surpresa tinham-nos como que petrificado a todos. Em silêncio e imóveis, olhámos fixamente para esse ser misterioso que nos prescrutava com um olhar de tranquila violência e grandeza. Um minuto durou esse silêncio – e mais outro. Não se ouvia respirar em toda a assembleia.

Alguns golpes fortes na porta trouxeram-nos de novo até nós mesmos. A porta caiu aos bocados na sala e entraram precipitadamente funcionários judiciais com escolta. «Aqui vos encontramos todos juntos!» exclamou o comandante e voltou-se para os seus acompanhantes. «Em nome do governo!» exclamou em nossa direcção. «Estais presos.» Não tivemos tempo de reflectir; em poucos instantes estávamos cercados. O oficial russo, a que volto a chamar arménio, puxou para o lado o comandante dos esbirros e, na medida em que essa confusão mo permitiu, notei que lhe dizia em segredo algumas palavras ao ouvido e que lhe mostrava algo escrito. Imediatamente o esbirro deixou-o com uma vénia muda e respeitosa, voltou-se para nós e tirou o chapéu. «Perdoai, meus senhores», disse ele, «por eu vos ter confundido com este burlão. Não quero indagar quem sois – mas este cavalheiro assegura-me que tenho diante de mim homens honoráveis.» Ao mesmo tempo fez um sinal aos seus acompanhantes para nos largarem. Ao siciliano, mandou vigiá-lo e amarrá-lo. «Esse sujeito aí está mais do que maduro», acrescentou. «Temo-lo debaixo de olho já há sete meses.»

Aquele desgraçado era realmente um objecto lamentável. O duplo susto da segunda aparição e deste inesperado assalto tinha-se apoderado das suas faculdades. Deixou-se amarrar como uma criança; os olhos estavam esbugalhados e fixos num rosto que parecia de um morto, e os seus lábios tremiam em silenciosos espasmos, sem soltar um ruído. A cada instante esperávamos por uma irrupção de convulsões. O Príncipe sentiu

compaixão pelo seu estado e tentou obter a sua libertação junto do funcionário judicial ao qual se deu a conhecer.

«Meu senhor», disse este, «sabeis também quem é a criatura em favor de quem vos empenhais tão magnanimamente? A burla que ele tencionava fazer-vos é o menor dos seus crimes. Temos os seus cúmplices. Eles dizem dele coisas horríveis. Ele pode dar-se por satisfeito se se safar com a galera.»

Entretanto vimos o estalajadeiro juntamente com os seus criados serem levados pelo pátio, atados com cordas. – «Também esse?» exclamou o Príncipe. «Que culpas tem ele?» – «Ele era o seu cúmplice conivente», respondeu o comandante dos esbirros, «que o ajudava nos seus números de ilusionismo e rapinas e dividia com ele o produto do roubo. Devereis de imediato convencer-vos de tal coisa, mui clemente senhor» (e voltou-se para os seus acompanhantes). «Que seja passada revista a toda a casa e me sejam logo dadas notícias do que tiver sido encontrado.»

O Príncipe olhou então em volta em busca do arménio – mas ele já lá não estava; na confusão geral provocada por aquele assalto, tinha encontrado meios de se afastar sem ser notado. O Príncipe estava inconsolável; queria de imediato mandar todos os seus homens para seguir o seu rasto; ele próprio queria procurá-lo e arrastar-me consigo nessa empresa. Corri para a janela; toda a casa estava rodeada de curiosos ali levados pelo boato daquela ocorrência. Era impossível atravessar a multidão. Propus ao Príncipe o seguinte: «Se esse arménio pretende a sério esconder-se de nós, então conhecerá melhor do que nós, e de forma mais infalível, as artimanhas para tal, e todas as nossas pesquisas serão em vão. Deixai-nos antes ficar aqui, mui clemente Príncipe. Talvez este funcionário judicial possa dizer-nos mais qualquer coisa sobre ele, uma vez que ele se lhe deu a conhecer, se vi bem as coisas.»

Foi então que nos lembrámos que ainda estávamos despídos. Apressámo-nos a regressar aos nossos quartos, a vestir rapidamente os nossos fatos. Quando regressámos, a revista à casa tinha sido feita.

Depois de se ter removido o altar e levantado as tábuas da sala, foi descoberta uma ampla cavidade onde uma pessoa podia estar confortavelmente sentada, com uma porta que conduzia para a cave por uma escada estreita. Nessa cavidade foram encontrados uma máquina de produzir electricidade, um relógio e um pequeno sino prateado, o qual, assim como a máquina de produzir electricidade, tinha comunicação com o altar e o cruxifixo nele assente. Uma portada mesmo em frente à lareira tinha sido quebrada e dotada de um fecho, afim de, como mais tarde viemos a saber, adaptar uma lanterna

mágica à sua abertura, a partir da qual a requerida figura tinha sido projectada na parede sobre a lareira. Do sótão e da cave foram trazidos diferentes tambores que tinham, penduradas em fios, grandes esferas de chumbo, provavelmente para produzir o ruído do trovão que havíamos ouvido. Quando foram revistados os trajes do siciliano, foi encontrado um estojo com diferentes pós, assim como mercúrio vivo em frasquinhos e caixinhas, fósforo numa garrafa de vidro, um anel que imediatamente reconhecemos como sendo magnético, uma vez que ficou preso a um botão de aço de que tinha sido aproximado, nos bolsos do casaco uma linha de pesca com anzóis, uma barba de judeu, pistoletas e um punhal. «Deixai ver se estão carregadas!» disse um dos esbirros pegando numa das pistoletas e disparando para a lareira. «Jesus Maria!» exclamou uma voz humana cavada, precisamente aquela que havíamos ouvido da primeira aparição – e no mesmo momento vimos um corpo sangrento cair da chaminé. – «Ainda não tiveste paz, pobre espírito?» exclamou o inglês, enquanto outros de nós estremecemos de pavor. «Regressa à morada do teu túmulo. Pareceste o que não eras; agora vais ser o que parecias.»

«Jesus Maria! Estou ferido», repetiu o homem na chaminé. A bala tinha-lhe despedaçado a perna direita. Imediatamente se providenciou para que a ferida fosse ligada.

«Mas quem és tu e que demónio malvado te traz aqui?»

«Um pobre de pés descalços», respondeu o ferido. «Um senhor que me era estranho aqui ofereceu-me um sequim para eu -»

«Recitar uma fórmula? E porque não te puseste a andar logo a seguir?»

«Ele queria fazer-me sinal quando fosse suposto eu continuar; mas o sinal não apareceu e quando quis sair a escada tinha sido tirada.»

«E como é a fórmula que ele te ensinou?»

O homem desmaiou aqui, de tal modo que nada se lhe pôde arrancar. Quando o observámos mais de perto, reconhecemos a mesma pessoa que na tarde anterior se tinha colocado no caminho do Príncipe e se lhe tinha dirigido tão cerimoniosamente.

Entretanto, o Príncipe tinha-se voltado para o comandante dos esbirros.

«Haveis-nos salvo», disse ao mesmo tempo que lhe metia na mão algumas moedas de ouro, «haveis-nos salvo das mãos de um burlão e haveis tido uma atitude justa connosco mesmo sem nos conhecer. Quereis agora completar o nosso compromisso dando-nos a conhecer quem era o desconhecido que precisou apenas de algumas palavras para nos pôr em liberdade?»

«A quem vos estais referindo?» perguntou o comandante dos esbirros com uma cara que evidenciava claramente quão desnecessária era tal pergunta.

«É ao cavalheiro de uniforme russo que me refiro, esse que vos chamou há pouco para o lado, vos mostrou uma coisa escrita e vos disse algumas palavras ao ouvido, após o que nos haveis libertado imediatamente.»

«Não conheceis portanto esse cavalheiro?» voltou a perguntar o comandante. «Ele não pertencia à vossa sociedade?»

«Não», disse o Príncipe. - «e por razões muito importantes desejaria travar um conhecimento mais estreito com ele.»

«Mais estreitamente», respondeu o esbirro, “também não o conheço. O seu próprio nome é-me desconhecido e vi-o hoje pela primeira vez na minha vida.»

«Como? E em tão pouco tempo, por meio de algumas palavras ele exerceu sobre vós tamanho poder, a ponto de o terdes declarado inocente, assim como a nós?»

«Aliás por meio de uma única palavra.»

«E esta foi? – Confesso que gostaria de saber.»

«Esse desconhecido, mui clemente Senhor» - e sopesava os sequins na sua mão - «haveis sido demasiado magnânimo comigo para que eu continue a fazer disso um segredo – esse desconhecido era – um oficial da Inquisição do Estado.»

«Da Inquisição do Estado! – Esse! -»

«Nada menos, mui clemente Senhor – e disso me convenceu o papel que ele me mostrou.»

«Essa pessoa, dizíeis? Não é possível.»

«Quero dizer-vos ainda mais, mui clemente Senhor. Era precisamente o mesmo cuja denúncia me mandou vir aqui para prender o espiritista.»

Olhámos uns para os outros com um espanto ainda maior.

«Com isso ficaríamos a saber», exclamou por fim o inglês, «por que razão o pobre diabo do espiritista ficou tão tolhido de pavor ao olhá-lo mais de perto na cara. Reconheceu-o como sendo um espião e por isso deu aquele grito e se atirou aos seus pés.»

«De modo algum», exclamou o Príncipe. «Esta pessoa é tudo o que quer ser e tudo o que o momento exige que ele seja. O que ele realmente é, nunca nenhum mortal ainda soube. Haveis visto o siciliano desfalecer quando ele lhe gritou ao ouvido as seguintes palavras: ‘Não invocarás mais nenhum espírito!’ Por detrás disso há mais. Que alguém fique apavorado com algo humano, ninguém me convence de tal coisa.»

«Acerca disso ninguém melhor do que o próprio mago poderá esclarecer-nos», disse o lorde, «se este senhor» (voltando-se para o comandante dos funcionários judiciais) «nos conceder uma oportunidade para falar com o seu prisioneiro.»

O comandante dos esbirros prometeu-nos tal coisa e combinámos com o inglês que o procuraríamos já na manhã seguinte. Regressámos então a Veneza.⁵

De manhã muito cedo apareceu Lord Seymour (era o nome do inglês) e pouco depois surgiu uma pessoa de confiança mandada pelo funcionário do tribunal para nos levar ao cárcere. Esqueci-me de contar que o Príncipe tinha já há bastantes dias dado pela falta de um dos seus monteiros, nascido em Bremen, que o tinha servido honestamente por muitos anos e em quem o Príncipe tivera toda a confiança. Ninguém sabia se ele havia tido um acidente, sido raptado ou ainda fugido. Não havia qualquer razão plausível para a última alternativa, uma vez que ele tinha sido sempre uma pessoa calma e ordeira e nunca ninguém tinha encontrado nele algo de repreensível. Tudo aquilo de que os seus camaradas se lembravam era que ele nos últimos tempos tinha estado muito melancólico e que, sempre que encontrava um só momento livre, ia visitar um certo mosteiro minorita⁶ na ilha Giudecca⁷, onde tinha muitas vezes contacto com alguns irmãos. Isso fez-nos supor que ele talvez tivesse ido parar às mãos dos monges e se houvesse convertido ao catolicismo; e como o Príncipe sobre este domínio se mostrava ainda nessa altura muito indiferente, ele havia abandonado o assunto depois de algumas investigações infrutíferas. Porém, ele sofria com a perda desse homem que nos seus empreendimentos guerreiros tinha estado sempre ao seu lado, lhe tinha sido sempre fiel e não podia ser facilmente substituído num país estrangeiro. Ora precisamente nesse dia, quando nos preparávamos para sair, fez-se anunciar o banqueiro do Príncipe, que havia sido incumbido de procurar um novo servo. Apresentou ao Príncipe um homem bem proporcionado e bem vestido de meia-idade, que durante muito tempo tinha estado ao serviço do procurador como secretário, falava francês e um pouco de alemão, e dotado aliás das melhores referências. A sua fisionomia agradou e, uma vez que ele declarou que o seu ordenado deveria depender do grau de satisfação do Príncipe com os seus serviços, este admitiu-o sem demora.

Encontrámos o siciliano numa prisão particular, para onde ele, para fazer um favor ao Príncipe, tinha sido provisoriamente trazido antes de ser colocado nos Piombi aos quais já não havia acesso aberto. Estes Piombi são a prisão mais terrível em Veneza, sob o telhado do Palácio de S. Marcos, onde os infelizes criminosos têm de sofrer, muitas vezes até à loucura, o calor tórrido do sol que se acumula na superfície de chumbo. O

siciliano havia recuperado do incidente do dia anterior e levantou-se repetidamente ao ver o Príncipe. Uma perna e uma mão estavam atadas, mas para além disso ele podia andar livremente pelo quarto. Ao entrarmos, o guarda afastou-se da porta.

«Venho», disse o Príncipe depois de havermos tomado lugar, «exigir de vós um esclarecimento acerca de dois pontos. Acerca de um deles deveis-me explicação e não ficareis prejudicado ao satisfazer-me acerca do outro.»

«O meu papel chegou ao fim», respondeu o siciliano. «O meu destino está nas vossas mãos.»

«Só a vossa sinceridade», respondeu o Príncipe, «pode torná-lo mais leve.»

«Perguntai, mui clemente Senhor. Estou pronto a responder, pois nada mais tenho a perder.»

«Haveis-me feito ver o rosto do arménio no vosso espelho. Como haveis conseguido?»

«Não era um espelho o que haveis visto. Uma simples pintura pastel por detrás de um vidro, representando um homem em trajes arménios, causou em vós essa ilusão. A minha rapidez, o crepúsculo, a vossa surpresa, tudo contribuiu para essa burla. O retrato poderá ser encontrado por entre as coisas que foram confiscadas na estalagem.»

«Mas como podíeis conhecer tão bem os meus pensamentos e adivinhar precisamente que era o arménio?»

«Isso não foi difícil, mui clemente Senhor. Não há dúvida que haveis falado bastantes vezes da ocorrência, quando estáveis à mesa na presença dos vossos criados. Um dos meus homens travou casualmente na Giudecca conhecimento com um monteiro que está ao vosso serviço, e dele conseguiu obter aquilo que eu necessitava de saber.»

«Onde está esse monteiro?» perguntou o Príncipe. «Sinto a falta dele e sabereis certamente alguma coisa acerca do seu desaparecimento.»

«Juro-vos que não sei absolutamente nada sobre isso, mui clemente Senhor. Eu próprio nunca o vi e nunca tive para com ele outra intenção para além daquela que vos transmiti.»

«Continuai», disse o Príncipe.

«Por essa via vim aliás a saber pela primeira vez da vossa estadia e do que convosco havia ocorrido em Veneza, e decidi imediatamente aproveitar-me disso. Vedes, mui clemente Senhor, que sou sincero. Sabia da vossa intenção de fazer um passeio no Brenta; estava atento a isso e uma chave que haveis deixado cair deu-me a primeira oportunidade de tentar demonstrar-vos as minhas artes.»

«Como? Ter-me-ia pois enganado? O número com a chave foi obra vossa e não do arménio? A chave, dizeis, ter-me-ia caído?»

«Quando haveis puxado da bolsa – e eu aproveitei o instante, uma vez que ninguém me estava a observar, para tapá-la rapidamente com o pé. A pessoa que vos fez tirar um número da lotaria tinha feito uma combinação comigo. Deixou-vos tirar a rifa de um recipiente onde não havia rifas em branco e a chave estava há muito tempo na caixa antes de ser por vós ganha.»

«Agora entendo. E o monge descalço que se atirou aos meus pés e se me dirigiu tão cerimoniosamente?»

«Era o mesmo que foi tirado, segundo me disseram, ferido da lareira. Era um dos meus camaradas, que sob esse manto já me prestou alguns bons serviços.»

«Mas com que finalidade o haveis empregado?»

«Para vos fazer reflectir – para preparar em vós um estado de ânimo que vos tornasse receptivo ao maravilhoso, às intenções que eu tinha face a vós.»

«Mas a dança pantomímica, que teve uma viragem tão surpreendente e rara – ao menos essa não foi invenção vossa?»

«A rapariga que representava a rainha tinha sido por mim instruída e todo o seu papel foi obra minha. Supus que Vossa Alteza achasse bastante estranho ser reconhecido nesse lugar e perdoai-me, mui clemente Senhor, mas a aventura com o arménio permitiu-me ter a esperança de que já estaríeis inclinado a desprezar interpretações naturais e a seguir o rasto de fontes superiores do sobrenatural.»

«De facto», exclamou o Príncipe com uma expressão simultânea de dissabor e de surpresa e lançando-me, especialmente a mim, um olhar significativo, «de facto», exclamou, «não estava à espera de tal coisa.»⁸

«Mas», continuou depois de um longo silêncio, «como haveis criado a figura que surgiu na parede por cima da lareira?»

«Através da lanterna mágica, que estava colocada na portada em frente, para o que tereis também notado a abertura.»

«Mas como aconteceu que ninguém de nós se deu conta disso?» perguntou Lord Seymour.

«Recordareis, clemente Senhor, que um espesso fumo escurecia toda a sala quando haveis regressado. Ao mesmo tempo eu tinha tido a precaução de encostar as portadas, que haviam sido retiradas, àquela janela onde estava a lanterna mágica; com isso impedi que essa portada ficasse à vossa vista. Aliás a lanterna ficou oculta por um biombo até

terdes tomado os vossos lugares, de tal modo que não havia mais investigações a temer da vossa parte.»

«Tive a impressão», interrompi, de ter ouvido na proximidade dessa sala alguém encostar uma escada quando olhei para fora da janela no outro pavilhão. Foi realmente assim?»

«Inteiramente correcto. Foi por essa mesma escada que o meu ajudante trepou para a dita janela para orientar a lanterna mágica.»

«A figura», continuou o Príncipe, «parecia realmente ter uma semelhança fugaz com o meu falecido amigo; sobretudo pelo facto de ser muito loira. Era um mero acaso ou aonde fostes buscar a mesma?»

«Vossa Alteza recordará que tinha junto de si à mesa uma caixa na qual estava o retrato em esmalte de um oficial no uniforme de **. Perguntei-vos se não trazíeis convosco qualquer recordação do vosso amigo, ao que haveis respondido que sim; daí concluí que talvez fosse a caixa. Tinha fixado bem a imagem à mesa e, como tenho muita prática e jeito para desenho, foi-me fácil dar à imagem essa fugaz semelhança que haveis notado; e com mais razão, uma vez que os traços do rosto do marquês saltam bastante à vista.»

«Mas a figura parecia contudo mover-se. -»

«Parecia – mas não era a figura, mas o fumo que estava iluminado pela sua aparição.»

«E a pessoa que caiu da chaminé respondeu portanto pela aparição?»

«Precisamente.»

«Mas ele não podia ouvir as perguntas.»

«Tão pouco precisava. Recordar-vos-eis, meu Príncipe, que vos proibi com o maior rigor de fazer qualquer pergunta ao fantasma. O que eu lhe ia perguntar e o que ele me devia responder estava combinado; e para não haver erros acidentais, fi-lo observar grandes pausas que ele tinha de contar pelas batidas de um relógio.»

«Haveis ordenado ao estalajadeiro que mandasse apagar cuidadosamente com água todos os lumes na casa; isso aconteceu sem dúvida -»

«Para pôr o meu homem na chaminé fora do perigo de ficar sufocado, uma vez que as chaminés na casa comunicam entre si e eu não sabia se estava seguro nos vossos aposentos.»

«Mas por que razão», perguntou Lord Seymour, «o vosso espírito não estava lá nem antes nem depois de precisardes dele?»

«O meu espírito já estava há algum tempo na sala quando o citei; mas enquanto o álcool estava a arder não se podia ver essa aparência baça. Quando a minha fórmula mágica terminou, deixei cair o recipiente em que o álcool ardia, tornou-se noite na sala e só então é que se notou na parede a figura que já lá estava reflectida há muito tempo.»

«Mas precisamente no momento em que apareceu o espírito sentimos todos um choque eléctrico. Como o haveis provocado?»

«Haveis encontrado a máquina por debaixo do altar. Haveis também visto que eu estava em cima de um tapete de seda. Mandeí-vos formar uma meia-lua e dar as mãos uns aos outros; quando tudo estava próximo, fiz sinal a um de vós para me agarrar pelos cabelos. O cruxifixo foi o condutor e haveis sentido o choque quando lhe toquei com a mão.»

«Ordenastes-nos, ao conde de O** e a mim», disse Lord Seymour, «que segurássemos dois punhais cruzados sobre a vossa cabeça enquanto durasse a evocação. Para que servia isso então?»

«Nada mais do que para vos ocupar a ambos durante todo o acto, uma vez que éreis vós em quem eu menos confiava. Recordar-vos-eis que vos determinei expressamente que fosse uma polegada; o facto de terdes de tomar sempre atenção a essa distância impediu-vos de dirigir os vossos olhares para onde eu não gostaria que eles fossem dirigidos. Nessa altura não tinha ainda vislumbrado o meu pior inimigo.»

«Confesso», exclamou Lord Seymour, «que isso foi agir com prudência – mas porque tínhamos de estar despidos?»

«Apenas para dar à actuação um aspecto mais cerimonioso e, com esse factor fora do comum, intensificar a vossa imaginação.»

«A segunda aparição não deixou o vosso espírito tomar a palavra», disse o Príncipe. «O que deveríamos na verdade ter ficado a saber dele?»

«Quase o mesmo que haveis ouvido mais tarde. Perguntei a Vossa Alteza, não sem intenção, se também me haveis dito tudo o que o moribundo vos havia transmitido como missão e se não havíeis feito mais perguntas acerca dele na sua pátria; achei tal coisa necessária para não colidir contra factos que teriam podido contradizer as declarações do meu espírito. Perguntei, por causa de certos pecados juvenis, se o morto tinha vivido sem mácula; e sobre a resposta fundamentei então a minha invenção.»

«Sobre esta questão», começou o Príncipe após algum silêncio, «haveis-me prestado um esclarecimento satisfatório. Mas ainda falta uma circunstância importante, sobre a qual exijo luz da vossa parte.»

«Se estiver em meu poder e -»

«Nada de condições! A justiça em cujas mãos estais não colocará questões tão modestas. Quem era esse desconhecido diante do qual vos vimos prostrado? O que sabeis dele? Donde o conheceis? E que significado tem essa segunda aparição?»

«Mui clemente Príncipe -»

«Ao olhá-lo mais de perto para o seu rosto, haveis dado um grito ruidoso e caído no chão. Porquê? Que significou tal coisa?»

«Esse desconhecido, mui clemente Príncipe -» Parou, tornou-se visivelmente mais inquieto e olhou em volta para todos nós com olhares embaraçados. - «Sim, por Deus, mui clemente Príncipe, esse desconhecido é um ser terrível.»

«Que sabeis dele? Que ligação tem ele convosco? – Não penseis ocultar-nos a verdade.» -

«Deus me livre de o fazer – pois quem me assegura que ele não se encontra neste instante entre nós?»

«Onde? Quem?» exclamámos todos em simultâneo e olhámos em volta na sala, meio a rir, meio perplexos. - «Isso não é possível!»

«Oh! Para essa criatura – quem quer que ela seja – há coisas muito mais incompreensíveis e que são possíveis.»

«Mas quem é ele? Donde provém? Arménio ou russo? O que há de verdadeiro no que ostenta ser?»

«Nada do que parece. Haverá poucas categorias sociais, caracteres e nações de que ele não tenha afivelado a máscara. Quem é ele? Donde vem? Para onde vai? Ninguém sabe. Que terá estado muito tempo no Egipto, como muitos afirmam, e que terá ido buscar a sua sabedoria oculta a uma pirâmide, isso não quero nem afirmar nem negar. Entre nós ele é conhecido sob o nome do *Insondável*. Quantos anos, por exemplo, pensais que ele tem?»

«Julgando pela aparência exterior, mal pode ter passado dos quarenta.»

«Não andais longe dos cinquenta.»

«Certíssimo – e se eu vos disser que quando era um rapaz de dezassete anos já o meu avô me contava coisas desse mágico, que ele tinha visto em Famagusta⁹ mais ou menos com a mesma idade que parece agora ter. -»

«Isso é ridículo, incrível e exagerado.»

«Nem por sombras. Se não estivesse impedido por estas cadeias, apresentar-vos-ia fiadores cuja honorabilidade não vos deixariam qualquer dúvida. Existem pessoas

credíveis que se recordam de o ter visto ao mesmo tempo em regiões diferentes do mundo. Nenhuma ponta de punhal pode trespassá-lo, nenhum veneno pode fazer-lhe mal, nenhum fogo o chamusca, nenhum navio em que ele se encontre vai ao fundo. O próprio tempo parece perder o seu poder face a ele, os anos não secam a sua seiva e a idade não pode encanecer os seus cabelos. Ninguém o viu tomar qualquer alimento, nunca uma mulher foi por ele tocada, nenhum sono visita os seus olhos; de todas as horas do dia só se sabe uma que ele não domina, na qual nunca ninguém o viu, na qual ele não executou qualquer tarefa terrena.»

«Sim?» disse o Príncipe. «E qual é essa hora?»

«A décima segunda hora da noite. Logo que o sino dá a décima segunda badalada, ele deixa de pertencer aos vivos. Onde quer que esteja, ele tem de partir, qualquer que seja a tarefa que esteja a executar, ele tem de a interromper. Essa terrível badalada arranca-o aos braços da amizade, arrebatá-lo mesmo para longe do altar e chamá-lo-ia mesmo numa luta mortal. Ninguém sabe para onde ele vai, nem o que lá vai fazer. Ninguém ousa perguntar-lhe qualquer coisa acerca disso e muito menos segui-lo; pois as suas feições contraem-se de repente, logo que toca essa hora temida, numa expressão tão sinistra e terrível que qualquer pessoa perde a vontade de o olhar no rosto ou de lhe dirigir a palavra. Um silêncio profundo e mortal termina então de repente a mais viva conversa e todos os que o rodeiam esperam com pavor e respeito o seu regresso sem sequer ousar levantar-se do lugar ou abrir a porta pela qual ele saiu.»

«Mas», perguntou um de nós, «não se nota nele nada de extraordinário quando regressa?»

«Nada para além de ter uma aparência pálida e fatigada, mais ou menos como uma pessoa que passou por uma operação dolorosa ou recebe uma notícia terrível. Alguns pretendem ter visto pingos de sangue na sua camisa; mas isso deixo em aberto.»

«E nunca se tentou ao menos ocultar-lhe essa hora, ou distraí-lo de modo a que ele a ignore?»

«Uma única vez, diz-se, ele deixou passar a hora. O grupo era numeroso, as pessoas atrasaram-se até altas horas da noite, todos os relógios haviam sido propositadamente desacertados e o fogo da conversa arrebatou-o. Logo que a hora marcada chegou, ele emudeceu de repente e tornou-se rígido, todos os seus membros permaneceram paralisados na mesma posição em que esse acidente os surpreendera, os seus olhos ficaram fechados, o seu pulso deixou de bater, todos os meios usados para despertá-lo de novo foram infrutíferos; e ele manteve-se nesse estado até a hora ter passado. Então

voltou de súbito a animar-se por si próprio, abriu os olhos e continuou a falar na mesma sílaba em que tinha sido interrompido. A consternação geral revelou-lhe o que havia acontecido e ele explicou então com um tom terrivelmente sério que era necessário que as pessoas se considerassem felizes por terem escapado com um mero susto. Mas ainda na mesma noite ele abandonou para sempre a cidade onde aquilo lhe havia sucedido. Em geral, pensa-se que ele durante essa hora misteriosa conversa com o seu génio. Alguns são mesmo da opinião que ele é um defunto a quem é permitido vaguear vinte e três horas por dia entre os vivos; mas na última a sua alma teria de regressar ao mundo inferior para ali se submeter ao respectivo julgamento. Muitos tomam-no também pelo famoso Apolónio de Tiana¹⁰ e outros pelo Apóstolo S. João, do qual se diz que ele permaneceria vivo até ao Juízo Final.»

«Acerca de um homem tão extraordinário», disse o Príncipe, «não faltarão certamente hipóteses arrojadas. Tudo o que até agora foi dito são coisas que haveis ouvido; porém o comportamento que teve para convosco e o vosso para com ele pareceu-me sugerir uma relação mais estreita. Não existirá aqui o fundamento de uma história particular, na qual haveis vós mesmo estado envolvido? Não nos oculteis nada.»

O siciliano olhou-nos com um olhar duvidoso e ficou calado.

«Se se trata de um assunto», continuou o Príncipe, «que não gostaríeis de divulgar, asseguro-vos em nome destes dois cavalheiros o mais inviolável sigilo. Mas falai de forma sincera e franca.»

«Se me for possível esperar», principiou o homem depois de um longo silêncio, «que não usareis contra mim o que eu disser, então contar-vos-ei uma curiosa ocorrência com esse arménio, da qual eu fui testemunha e vos deixará qualquer dúvida acerca do poder oculto dessa criatura. Mas que me seja permitido», acrescentou, «silenciar alguns nomes.»

«Não poderá ser tudo sem tal condição?»

«Não, mui clemente Senhor. Há uma família envolvida que eu tenho razões para poupar.»

«Fazei-nos então ouvir a história», disse o Príncipe.

«Há talvez cinco anos», principiou o siciliano, «travei conhecimento em Nápoles, onde exercia as minhas artes com bastante sucesso, com um certo Lorenzo del M**nte, Cavaleiro da Ordem de S. Estêvão, um cavaleiro jovem e rico de uma das primeiras casas do reino, que me acumulou de favores e parecia ter grande admiração pelos meus segredos. Ele revelou-me que o marquês des M**nte, seu pai, era um admirador

fanático da Cabala e ficaria feliz por ter um sábio universal (era assim que ele gostava de chamar-me) sob o seu tecto. O ancião habitava numa das suas propriedades rurais no litoral, mais ou menos a sete milhas de Nápoles, onde vivia afastado das outras pessoas chorando a memória de um querido filho que lhe havia sido arrebatado por um terrível destino. O cavaleiro fez-me notar que ele e a sua família poderiam necessitar de mim numa circunstância muito séria, recebendo através da minha ciência oculta esclarecimentos sobre algo em relação ao qual todos os meios naturais haviam sido esgotados de forma infrutífera. Sobretudo ele, acrescentou intencionalmente, teria talvez um dia razão para me considerar como o causador da sua tranquilidade e da sua felicidade terrena. Não ousei perguntar-lhe mais nada e as coisas ficaram por essa explicação. Mas a própria história teve o seguinte desenlace.

Esse Lorenzo era o filho mais novo do marquês, razão pela qual estava também destinado a seguir a via sacerdotal; os bens da família deveriam passar para o irmão mais velho. *Jeronymo*, assim se chamava o irmão mais velho, tinha passado vários anos a viajar e regressou à sua pátria mais ou menos sete anos antes da ocorrência que agora é narrada, a fim de contrair casamento com a filha única de uma Casa vizinha, do conde de C***tti, casamento esse que já havia sido acordado por ambas as famílias por ocasião do nascimento das crianças, a fim de unir as suas propriedades de dimensões consideráveis. Independentemente do facto de tal união ser uma mera obra da conveniência paterna e de os corações de ambos os noivos não terem sido consultados na escolha, eles haviam contudo legitimado tacitamente a mesma. *Jeronymo del M***nte* e *Antonie C***tti* tinham sido educados juntos e a ausência de coacção posta no tratamento de duas crianças que as pessoas já na altura estavam habituadas a considerar como um par tinha feito nascer logo cedo um terno entendimento entre ambos, que se consolidou pela harmonia dos seus caracteres e se elevou facilmente ao nível do amor em anos posteriores. Um afastamento de quatro anos tinha contribuído mais para que ele se incendiasse do que esfriasse, e *Jeronymo* regressou tão fiel e feroso para os braços da sua noiva como se nunca a eles se tivesse arrebatado.

Os encantos do reencontro ainda não tinham passado e os preparativos do casamento estavam a ser diligentemente feitos quando o noivo – desapareceu. Ele costumava passar frequentemente noites inteiras numa casa de campo com vista para o mar e tinha prazer em dar uma vez ou outra uma volta de barco. Depois de uma dessas noites aconteceu que ele ficou ausente por um período inusitadamente longo. Foram enviados mensageiros à sua procura, barcos buscaram-no no mar; ninguém o tinha visto. Dos

seus criados não faltava ninguém, de forma que nenhum poderia tê-lo acompanhado. Fez-se noite e ele não apareceu. Fez-se manhã – fez-se meio-dia e noite, e nada de Jeronymo. Já se começava a dar lugar às mais terríveis hipóteses quando chegou a notícia de que um corsário argelino tinha desembarcado nessa costa no dia anterior e alguns dos seus habitantes haviam sido levados como prisioneiros. Imediatamente são equipadas duas galeras, com as velas prontas para sair; o velho marquês vai na primeira, decidido a libertar o filho com risco da própria vida. Na terceira manhã vislumbram o corsário, tendo o vento a seu favor; depressa o alcançam, aproximam-se tanto dele que Lorenzo, que se encontra na primeira galera, julga reconhecer um sinal do seu irmão no convés inimigo, quando de repente uma tempestade os volta a separar. Os navios danificados suportam com esforço a borrasca; mas a presa desapareceu e a necessidade obriga-os a aportar em Malta. A dor da família é ilimitada; inconsolável, o velho marquês arrepela os cabelos grisalhos, teme-se pela vida da jovem condessa.

Cinco anos passam em buscas infrutíferas. Ao longo de toda a costa berbere fazem-se interrogatórios; oferecem-se prêmios enormes pela libertação do jovem marquês; mas ninguém se apresenta para os receber. Por fim permaneceu a hipótese provável de que aquela tempestade que separou ambas as embarcações teria destruído o navio pirata e de que toda a sua tripulação teria morrido nas ondas.

Por mais provável que fosse tal suposição, faltava-lhe contudo muito para que se transformasse em certeza e nada legitimava a renúncia à esperança de que o desaparecido pudesse voltar a ser visto. Mas no caso de isso não acontecer, a família apagar-se-ia ao mesmo tempo que ele, a não ser que o segundo irmão renunciasse ao sacerdócio e assumisse os direitos do primogênito. Por mais ousado e em si injusto que fosse tal passo e por mais injusto que fosse destituir esse irmão provavelmente ainda vivo da posse dos seus direitos naturais, acreditava-se contudo que uma possibilidade tão remota não deveria contribuir para pôr em jogo o destino de uma linhagem tão antiga e brilhante. O desgosto e a idade aproximavam do túmulo o velho marquês; com cada tentativa gorada diminuía a esperança de reencontrar o desaparecido; ele via a ruína da sua Casa que poderia ser impedida por uma pequena injustiça, se ele quisesse decidir-se a favorecer o irmão mais novo à custa do mais velho. Para realizar a sua associação com a Casa do condado de C***tti, só teria de ser mudado um nome; a finalidade de ambas as famílias seria cumprida da mesma maneira, quer a condessa Antonie fosse esposa de Lorenzo ou de Jeronymo. A fraca *possibilidade* de um regresso do último não podia ser considerada face ao mal *certo* e premente, a ruína total da

família, e o velho marquês, que sentia a proximidade da morte com cada dia que passava, desejava com impaciência morrer livre pelo menos *dessa* inquietação.

O único que retardava e combatia com a máxima insistência tal passoera o que mais teria a ganhar com ele – Lorenzo. Indiferente à tentação de bens incomensuráveis, insensível mesmo à posse da mais adorável criatura, que deveria passar para os seus braços, ele recusava com a mais nobre das convicções roubar um irmão que talvez estivesse com vida e que poderia exigir de volta a sua propriedade. ‘Não será o destino do meu caro Jeronymo’, dizia ele, ‘já suficientemente horrível devido a esse longo cativeiro, deveria eu torná-lo ainda mais amargo através de um roubo que lhe tiraria tudo o que lhe é mais caro? Com que coração rogaria aos céus o seu regresso, se a sua mulher estivesse nos meus braços? Com que cara iria ao seu encontro se por fim um milagre no-lo trouxesse de volta? E no caso de ele nos ter sido arrebatado para sempre, por que meio poderíamos melhor honrar a sua memória do que deixando eternamente por preencher a lacuna que a sua morte abriu no nosso círculo? Sacrificando todas as esperanças no seu túmulo e deixando intocado o que foi seu, como uma relíquia?’

Mas nenhum dos motivos que a delicadeza fraternal encontrou foi capaz de reconciliar o velho marquês com a ideia de ver apagar-se uma linhagem que tinha florescido durante séculos. Tudo o que Lorenzo conseguiu obter dele foi um prazo de dois anos antes de levar ao altar a noiva do seu irmão. Durante esse espaço de tempo, as buscas foram prosseguidas com a maior diligência. O próprio Lorenzo fez várias viagens marítimas, expondo a sua pessoa a muitos perigos; não foram poupados esforços nem custos para reencontrar o desaparecido. Mas também esses dois anos decorreram como todos os anteriores de forma infrutífera.»

«E a condessa Antonie?» perguntou o Príncipe. «Do seu estado nada nos dizeis. Ter-se-ia ela entregue ao seu destino de modo tão despreocupado? Não posso acreditar.»

«O estado de Antonie era a mais terrível das lutas entre dever e paixão, rejeição e admiração. A magnanimidade altruísta do amor fraternal tocava-a; sentia-se levada a venerar o homem que ela não podia jamais amar; dilacerado por sentimentos contraditórios, o seu coração sangrava. Mas a sua má vontade contra o Cavaleiro parecia crescer precisamente na mesma medida que aumentavam os direitos deste ao seu respeito. Com um profundo sofrimento, ele notava a mágoa silenciosa que consumia a sua juventude. Uma terna piedade tomou de forma imperceptível o lugar da indiferença, com a qual ele a havia até então considerado; mas esse sentimento traiçoeiro ultrapassou-o e uma paixão furiosa principiou a dificultar-lhe o exercício de

uma virtude que até então tinha sido superior a qualquer tentação. Mas mesmo à custa do seu coração ele ouviu os apelos da sua nobre consciência; foi ele o único a tomar sob protecção a infeliz vítima contra o arbítrio da família. Mas os seus esforços fracassaram; cada vitória que ele obtinha sobre a sua paixão mostrava que ele era tanto mais digno dela, e a magnanimidade com a qual ele a rejeitava servia apenas para subtrair qualquer desculpa à obstinação por parte dela.

Assim estavam as coisas quando o Cavaleiro me convenceu a visitá-lo na sua propriedade. A calorosa recomendação do meu protector preparou-me ali uma recepção que ultrapassava todos os meus desejos. Não me posso esquecer de acrescentar ainda que havia conseguido, por meio de algumas operações bizarras, tornar o meu nome famoso entre as lojas maçónicas locais, o que provavelmente terá contribuído para aumentar a confiança do velho marquês e elevar as suas expectativas a meu respeito. Até que ponto eu tinha chegado com ele e as vias que havia seguido, isso dispensai-me que vos conte; a partir do que já vos confessei podereis concluir tudo o resto. Tendo utilizado todos os livros místicos que se encontravam na muito considerável biblioteca do marquês, consegui em pouco tempo falar com ele na sua linguagem e sintonizar o meu sistema do mundo invisível com as suas próprias opiniões. Num curto espaço de tempo, ele passou a acreditar em tudo o que eu queria e teria mostrado tanta confiança nos acasalamientos entre filósofos e salamandras ou sílfides como num artigo canónico. Uma vez que ele para além disso era muito religioso e tinha formado a sua capacidade de crença naquela escola e no mais elevado grau, as minhas fábulas foram tanto mais facilmente aceites por ele, e finalmente eu havia-o enleado e rodeado de tal maneira com misticismo que ele não acreditava em nada mais que fosse natural. Num curto espaço de tempo eu era o apóstolo venerado da casa. O conteúdo habitual das minhas prelecções era a exaltação da natureza humana e o contacto com seres superiores, sendo o meu mentor o infalível conde de Gabalis¹¹. A jovem condessa, que desde a perda do seu amado vivia aliás mais no mundo dos espíritos do que no mundo real e se sentia atraída com apaixonado interesse, através do voo exaltado da sua fantasia, por assuntos desta natureza, captou os sinais que lhe enviei com uma arrepiante receptividade; e mesmo os criados da casa procuravam qualquer coisa para fazer quando eu falava na sala, para apanhar aqui e ali uma ou outra das minhas palavras, indo depois recompor esses fragmentos à sua maneira.

Eu teria passado assim mais ou menos dois meses desta maneira nesse domínio quando uma manhã o Cavaleiro entrou no meu quarto. Um profundo desgosto estava

pintado na sua face, todas as suas feições estavam destruídas, e ele atirou-se para uma cadeira com todos os gestos do desespero.

‘Capitão’, disse ele, ‘comigo tudo acabou. Tenho de partir. Não posso aguentar mais estar aqui.’

‘O que se passa convosco, Cavaleiro? Que tendes?’

‘Oh esta terrível paixão!’ (Aqui ele levantou-se bruscamente da cadeira e atirou-se para os meus braços.) – ‘Lutei contra ela como um homem. – Agora já não posso mais.’

‘Mas de quem depende isso, caríssimo amigo, senão de vós? Não está tudo em vosso poder? Pai, família – ‘

‘Pai! Família! O que me importa isso? – Quero uma mão coagida ou uma inclinação voluntária? – Não tenho um rival? – Ah! E quem? Um rival talvez por entre os mortos? Oh deixai-me! Deixai-me! Ainda que se vá até ao fim do mundo! Tenho de encontrar o meu irmão.’

‘Como? Depois de tantas tentativas fracassadas podeis ainda ter esperança – ‘

‘Esperança! No *meu* coração ela já morreu há muito. Mas também naquele? Que importância tem a *minha* esperança? Serei feliz enquanto brilhar um lampejo de esperança no coração de Antonie? Duas palavras, amigo, podem pôr fim ao meu martírio – Mas em vão! O meu destino permanecerá miserável até que a eternidade quebre o seu longo silêncio e as sepulturas testemunhem a meu favor.’

‘É portanto tal certeza que pode fazer-vos feliz?’

‘Feliz? Oh, duvido que possa voltar a sê-lo! – Mas a incerteza é a mais terrível maldição!’ (Depois de algum silêncio, dominou-se e continuou com tristeza.) ‘Se ele visse os meus sofrimentos! – Poderá fazê-lo feliz, essa fidelidade, que causa a ruína do seu irmão? Deverá uma pessoa viva languescer por causa de uma pessoa morta que já não pode fruir? – Se ele soubesse do meu tormento – ‘ (aqui ele principiou a chorar convulsivamente e apertou o rosto contra o meu peito) ‘talvez – sim, talvez ele próprio a conduzisse para os meus braços.’

‘Mas será tal desejo tão inteiramente irrealizável?’

‘Amigo! Que dizeis?’ – Olhou para mim assustado.

‘Motivos muito menos importantes’, continuei, ‘entreteceram os falecidos no destino dos vivos. Será que toda a felicidade presente de uma pessoa – de um irmão – ‘

‘Toda a felicidade presente! Oh, sinto isso mesmo! Como é verdadeiro o que haveis dito! Toda a minha felicidade!’

‘E a tranquilidade de uma família enlutada não será um motivo justo para exortar os poderes invisíveis a que nos apoiem? Certamente! Se uma questão terrena pode dar direito a perturbar o repouso dos defuntos – a fazer uso de um poder –‘

‘Por amor de Deus, amigo!’ interrompeu-me, ‘não me digais mais nada. É certo que outrora, confesso-o, acalentei tal pensamento – creio que vos falei disso – mas há muito que o rejeitei como sendo desalmado e repugnante.’

Vedes já, continuou o siciliano, aonde tal coisa nos levou. Esforcei-me por dissipar as reservas do Cavaleiro, o que por fim consegui. Decidiu-se citar o espírito do falecido, para o que pus como condição um prazo de catorze dias, a fim de, como aleguei, preparar-me dignamente para tal. Depois de ter decorrido esse espaço de tempo e de as minhas máquinas estarem convenientemente preparadas, aproveitei uma noite tenebrosa, em que a família estava reunida à minha volta como habitualmente, para obter o seu consentimento ou, melhor ainda, levá-la sem que ela o notasse a ser ela própria a fazer-me tal pedido. A situação mais difícil era a da jovem condessa, cuja presença era porém tão essencial; mas aqui veio em nossa ajuda o voo exaltado da sua paixão e, talvez mais ainda, um débil vislumbre de esperança que aquele que era dado como morto estivesse ainda vivo e não aparecesse ao ser invocado. Desconfiança na própria causa, dúvidas acerca da minha arte, eram a única barreira que eu *não* tinha de combater.

Logo que foi obtida a concordância da família, foi destinado o terceiro dia para a obra. Orações, que tiveram de ser prolongadas até à meia-noite, jejuns, vigílias, isolamento e aulas de mística foram, associados ao uso de um certo instrumento musical ainda desconhecido¹² e que eu achava muito eficaz em casos semelhantes, os preparativos para esse acto cerimonioso, e eles ocorreram de tal modo segundo os meus desejos que o entusiasmo fanático dos meus ouvintes inflamou a minha própria fantasia e aumentou bastante a ilusão que eu tinha de esforçar-me para obter nessa ocasião. Finalmente chegou a hora tão esperada ->

«Adivinho», exclamou o Príncipe, «*quem* nos ides agora apresentar – Mas continuai – continuai ->

«Não, meu Senhor. A magia decorreu como se desejava.»

«Como assim? Onde ficou o arménio?»

«Não receeis», respondeu o siciliano, «o arménio aparecerá cedo de mais.

Não acedo em fazer uma descrição da farsa, o que aliás me levaria demasiado longe. Basta dizer que preencheu todas as minhas expectativas. O velho marquês, a jovem

condessa mais a sua mãe, o Cavaleiro e ainda alguns familiares estavam presentes. Podeis facilmente pensar que durante o longo tempo que passei naquela casa não me teriam faltado oportunidades de obter as mais rigorosas informações, sobretudo a respeito do morto. Diversos retratos pintados que encontrei dele permitiram-me dar à aparição a mais ilusória das semelhanças e, uma vez que só deixei falar o espírito por meio de sinais, tão pouco a sua voz podia despertar suspeitas. O próprio morto surgiu com um vestuário bárbaro, de escravo, com uma ferida profunda no pescoço. Notais», disse o siciliano, «que parti aqui da suposição geral que fizera com que ele morresse nas ondas, uma vez que tinha razões para esperar que precisamente o lado imprevisto dessa viragem não contribuiria pouco para aumentar a credibilidade da visão; do mesmo modo que, inversamente, nada me parecia mais perigoso do que uma conscienciosa aproximação ao elemento natural.»

«Creio que tal avaliação estava muito certa», disse o Príncipe dirigindo-se a nós. «Numa série de fenómenos extraordinários teria justamente o *mais provável*, quer-me parecer, de incomodar. A facilidade em entender a descoberta recebida teria aqui apenas aviltado o meio através do qual se haveria chegado à mesma; a facilidade em inventá-la tê-la-ia mesmo tornado suspeita; pois para quê convocar um espírito se não é suposto ficar a saber mais dele do que também era possível apurar sem ele, com a ajuda da simples razão comum? Mas a surpreendente novidade e dificuldade da descoberta é aqui de certo modo uma garantia da magia através da qual ela é recebida – pois quem duvidará do carácter sobrenatural de uma operação se aquilo que ela obtém não puder ser obtido por meio de forças naturais? – Interrompi-vos», acrescentou o Príncipe. «Terminai a vossa narrativa.»

«Dirigi», continuou este, «ao espírito a pergunta se ele não chamava *seu* a nada mais neste mundo e nada deixava nele que lhe fosse caro. O espírito abanou três vezes a cabeça e estendeu uma das suas mãos para o céu. Antes de partir tirou ainda um anel do dedo, que foi encontrado no chão depois do seu desaparecimento. Quando a condessa olhou mais de perto para ele, era a sua aliança.»

«A sua aliança!» exclamou o Príncipe com estranheza. «A sua aliança! Mas como chegou a esta?»

«Eu - - - Não era a verdadeira, meu Príncipe - - Eu tinha-a - - Era só uma imitação -»

«Uma imitação! Repetiu o Príncipe. «Para fazer a imitação precisáveis da verdadeira e como chegastes a esta, uma vez que o morto nunca a tirou certamente do dedo?»

«Isso é verdade», disse o siciliano, não sem um sinal de perturbação - «mas a partir de uma descrição que me tinha sido feita da verdadeira aliança -»

«Que vos havia sido feita *por quem?*»

«Há já bastante tempo», disse o siciliano - - «Era um anel de ouro muito simples, com o nome da jovem condessa, creio eu - - Mas haveis-me desorganizado -»

«Como continuou a história?» disse o Príncipe com uma expressão muito insatisfeita e ambígua.

«Agora consideravam-se convencidos de que Jeronymo já não estava vivo. A família deu a conhecer a público a sua morte a partir desse dia e declarou formalmente luto por ele. A circunstância do anel não permitiu nem sequer a Antonie ficar ainda com dúvidas e deu às pretensões do Cavaleiro um grande ênfase. Mas a violenta impressão que a aparição tinha causado nela fê-la precipitar-se numa perigosa doença que teria em breve gorado as esperanças do seu pretendente. Quando ela se restabeleceu, insistiu em professar, e só os argumentos mais firmes por parte do seu confessor, em quem ela depositava uma ilimitada confiança, a fizeram recuar face a tal propósito. Finalmente, os esforços conjuntos deste homem e da família conseguiram pressioná-la a ponto de ela dizer que sim. O último dia do luto deveria ser o feliz dia, que o velho marquês estava disposto a tornar ainda mais festivo pela passagem de todos os seus bens para as mãos do herdeiro legítimo.

Esse dia chegou e Lorenzo recebeu junto ao altar a sua noiva que tremia. O dia chegou ao fim, um majestoso banquete aguardava os alegres convivas na sala da boda claramente iluminada, e uma música ruidosa acompanhava a alegria expandida. O feliz ancião tinha desejado que todo o mundo partilhasse a sua jovialidade; todas as portas do palácio estavam abertas e quem lhe desejasse felicidade era bem-vindo. Ora nesta multidão - »

O siciliano parou aqui, e um arrepio de expectativa suspendeu a nossa respiração - -

«Nesta multidão portanto», continuou, «quem estava ao meu lado fez-me notar um *monge franciscano*, que estava ali imóvel como uma coluna, de grande e magra estatura e rosto pálido como cinza, e que tinha um olhar sisudo e triste fixado no casal de noivos. A alegria em volta, rindo em todos os rostos, parecia passar ao lado deste, a sua expressão permanecia inalteravelmente a mesma, como um busto entre figuras vivas. O carácter extraordinário nesse olhar, que por me surpreender no meio da alegria e se distinguir de tudo o que me rodeava nesse momento de uma forma tão estridente, me causava uma impressão tanto mais profunda, deixou na minha alma uma indelével

impressão, de tal modo que só isso me colocou na situação de reconhecer os traços do rosto desse monge na fisionomia do *russo* (pois já haveis compreendido que ele e o vosso *arménio* eram a mesma pessoa), o que de outra forma teria sido puramente impossível. Tentei repetidas vezes desviar o olhar dessa terrível figura, mas eles voltaram a incidir nela involuntariamente, encontrando-a sempre inalterada. Dei um toque no meu vizinho, este no seu; a mesma curiosidade, a mesma estranheza percorreu toda a mesa, a conversa ficou suspensa, um súbito silêncio geral; o monge não se incomodou com isso. O monge continuava imóvel e igual a si mesmo, com um olhar sisudo e triste fixado no casal de noivos. Todos ficaram horrorizados com essa aparição; só a jovem condessa encontrou a sua própria tristeza espelhada no rosto desse estranho e dedicou a sua atenção com um prazer secreto ao único objecto nessa assembleia que parecia entender e partilhar o seu desgosto. Aos poucos foi-se dissolvendo o ajuntamento, já passava da meia-noite, a música principiou a soar com menor sonoridade e maior dispersão, as velas com menos luz e finalmente só uma ou outra, a conversa a murmurar cada vez mais baixo – e a atmosfera tornou-se cada vez mais desoladora no salão da boda, sombriamente iluminado; o monge continuava imóvel e sempre o mesmo, com um olhar calmo e triste fixado no casal de noivos.

A mesa é levantada, os convidados dispersam-se para ali e para acolá, a família reúne-se num círculo mais estreito; o monge permanece nesse círculo mais estreito sem ser convidado. Não sei como aconteceu ninguém querer dirigir-lhe a palavra; ninguém lhe dirigiu a palavra. As mulheres juntam-se em volta da trémula noiva, que dirige um olhar suplicante ao venerável estranho, como se pedisse ajuda; o estranho não lhe respondeu.

Os homens juntam-se da mesma maneira em volta do noivo – um silêncio opressor e expectante – ‘Estamos entre nós tão felizes’, principiou finalmente o ancião, o único entre nós que parecia não notar o desconhecido, ou não se surpreender com ele: ‘Estamos tão felizes’, disse, ‘e tem de faltar o meu filho Jeronymo!’

‘Será que o convidaste e ele faltou?’ – perguntou o monge. Era a primeira vez que ele abria a boca. Olhámos para ele com pavor.

‘Ah! Ele foi para um lugar onde se falta para sempre’, respondeu o velho. ‘Venerável Senhor, entendeis-me de forma injusta. O meu filho Jeronymo está morto.’

‘Talvez ele receie apenas mostrar-se em tal sociedade’, continuou o monge – ‘Quem sabe a aparência que poderá ter, o teu filho Jeronymo! – Fá-lo ouvir a voz que ele ouviu pela última vez! – Pede ao teu filho Lorenzo que o chame.’

‘O que quer isto dizer?’ murmuraram todos. Lorenzo ficou de outra cor. Não nego que os meus cabelos principiaram a ficar em pé.

O monge tinha-se entretanto aproximado da mesa do banquete, onde agarrou num copo cheio de vinho que levou aos lábios – ‘À memória do nosso caro Jeronymo!’ exclamou. ‘Quem amava o falecido que faça como eu.’

‘Donde quer que venhais, venerável Senhor’, exclamou por fim o marquês, ‘haveis mencionado um nome que me é caro. Sede bem-vindo! – Vinde, meus amigos! (virando-se para nós e fazendo circular os copos) ‘ não deixeis que um estranho nos envergonhe! – À memória do meu filho Jeronymo.’

Nunca, creio eu, se bebeu à saúde de alguém com uma disposição tão ruim.

‘Há um copo que ainda está aí cheio – Por que razão se recusa o meu filho Lorenzo a corresponder a este amável brinde?’

Trémulo, Lorenzo recebeu o copo da mão do franciscano – trémulo levou-o à boca – ‘Ao meu muito amado irmão Jeronymo!’, balbuciou, e voltou a pousá-lo apavorado.

‘Esta é a voz do meu assassino’, clamou uma horrível figura que de repente se encontrou entre nós, com vestuário sangrento e deformado por feridas horríveis. - -

Mas não me pergunteis mais nada», disse o siciliano, com todos os sinais de pavor no seu rosto. «Os meus sentidos haviam-me abandonado no momento em que lancei um olhar para a figura, o que aconteceu a todos os que estavam presentes. Ao voltarmos a nós, Lorenzo lutava com a morte; monge e aparição tinham desaparecido. O Cavaleiro foi levado para a cama com terríveis convulsões; ninguém ficou junto do moribundo para além do padre e do mísero ancião que morreu poucas semanas depois dele. A sua confissão permanece no fundo do peito do padre que ouviu a sua última confissão e nenhum ser vivo soube qual era.

Pouco tempo depois desta ocorrência tornou-se necessário limpar um poço que estava escondido debaixo de arbustos selvagens no pátio traseiro da casa de campo e que tinha estado coberto de entulho; ao ser removido o entulho, foi descoberto um esqueleto. A casa onde isto aconteceu já não existe; a família de M***nte extinguiu-se e num convento não muito longe de Salerno pode ser-vos mostrado o túmulo de Antonie.

Vedes pois», continuou o siciliano, ao ver que estávamos todos ali ainda mudos e perturbados e que ninguém queria tomar a palavra: «Vedes pois no que se baseia o meu conhecimento desse oficial russo ou desse arménio. Julgai agora se terei tido razões para tremer diante de um ser que se meteu no meu caminho por duas vezes de uma forma tão terrível.»

«Respondei ainda a uma última pergunta», disse o Príncipe e levantou-se. «Haveis sido sempre sincero na vossa narrativa acerca de tudo o que dizia respeito ao Cavaleiro?»

«Mais não sei», respondeu o siciliano.

«Havei-lo portanto considerado realmente como um homem de bem?»

«Considerarei sim, por Deus, considerarei», respondeu aquele.

«Mesmo quando ele vos deu o anel que sabemos?»

«Como? – Ele não me deu anel nenhum – Eu não disse que foi *ele* que me deu o anel.»

«Bem», disse o Príncipe, agitando a campainha e fazendo menção de partir. «E o espírito do marquês de Lanoy» (perguntou, voltando uma vez mais) «que esse russo fez aparecer depois do vosso, será que o tomais por um espírito verdadeiro e real?» -

«Não saberia tomá-lo por outra coisa», respondeu aquele.

«Vinde», disse-nos o Príncipe. O carcereiro entrou. «Terminámos», disse a este. «Vós, senhor» (dirigindo-se ao siciliano) «haveis de ter mais notícias minhas.»

«A questão, meu senhor, que haveis colocado ao charlatão, gostaria de a fazer a vós mesmo», disse eu ao Príncipe, assim que voltámos a estar a sós. «Tomais esse segundo espírito por verdadeiro e genuíno?»

«Eu? Não, na verdade já não tomo.»

«Já não? Portanto haveis tomado?»

«Não nego que me deixei arrebatar por um momento ao tomar esse fogo-de-artifício por algo mais.»

«E eu gostaria de ver *aquele*», exclamei, «que nestas condições rejeite uma hipótese semelhante. Mas que razões tendes para abdicar de tal opinião? Depois do que nos foi contado agora mesmo acerca do arménio, a crença na sua capacidade de fazer milagres deveria ter antes aumentado e não diminuído.»

«O que um ser indigno nos contou acerca dele?» interrompeu-me o Príncipe com uma expressão séria. «Porque espero que não duvideis já que estivemos a lidar com uma criatura dessa espécie? -»

«Não», disse eu. «Mas será que por isso o seu testemunho - -»

«O testemunho de um ser indigno – no pressuposto de que eu não tivesse mais nenhuma razão para duvidar dele – não pode competir com a verdade e com uma saudável razão. Será que uma pessoa que me enganou várias vezes, que fez da charlatanice a sua profissão, merece ser ouvido numa causa na qual o mais sincero amor

pela verdade tem ele próprio de se purificar primeiro a fim de merecer credibilidade? Será que uma tal pessoa, que talvez nunca tenha dito uma verdade apenas para dizer a verdade, merece credibilidade ao surgir como testemunha contra a razão humana e a eterna ordem natural? Isso assemelha-se à possibilidade de eu dar a um conhecido criminoso plenos poderes para acusar a inocência imaculada e irrepreensível.»

«Mas que motivos poderia ele ter para passar a um homem, que ele tem tantas razões para odiar, ou pelo menos para rezear, um atestado tão glorioso?»

«Mesmo que eu não entenda esses motivos, será que ele não os tem por isso? Saberei eu a soldo *de quem é* que ele me mentiu? Admito não ter ainda entendido bem toda a teia das suas charlatanices; mas ele prestou à causa que defende um serviço muito mau ao desmarcar-se como charlatão – e talvez como algo ainda mais grave.»

«É certo que a circunstância do anel me parece algo suspeita.»

«É *mais do que isso*», disse o Príncipe, «é decisiva. Esse anel (permiti-me que suponha entretanto que o episódio narrado tenha realmente ocorrido), recebeu-o ele do assassino, e ele tinha de estar certo naquele mesmo momento de que se tratava do assassino. Quem senão o assassino poderia ter extraído ao morto um anel que aquele certamente nunca tiraria do dedo? Durante toda a narrativa, ele procurou convencer-nos de que ele próprio teria sido iludido pelo Cavaleiro e de que ele próprio teria pensado iludi-lo. Para quê tais rodeios a não ser que ele próprio sentisse quanto tinha a perder se admitisse a sua concordância com o assassino? Toda a sua narrativa não é nada mais do que uma série de invenções, a fim de juntar umas às outras as poucas verdades que ele achou por bem revelar-nos. E deveria eu ter maiores reservas em acusar um ser indigno, que apanhei a dizer dez mentiras, depois de o ouvir dizer a décima primeira, em lugar de permitir uma ruptura na ordem fundamental da natureza, na qual nunca descobri qualquer dissonância?»

«Nada posso responder-vos a isso», disse eu. «Mas a figura que vimos ontem permanece para mim não menos incompreensível com isso.»

«Para mim também», respondeu o Príncipe, «embora eu me tenha sentido tentado a encontrar uma chave para tal mistério.»

«Como assim? disse eu.

«Recordais-vos que a segunda figura, logo depois de entrar, se dirigiu ao altar, agarrou no crucifixo e foi para cima do tapete?»

«Foi o que me pareceu. Sim.»

«E o crucifixo, disse-nos o siciliano, era um condutor de electricidade. Por aí vedes portanto que ela se apressou em tornar-se eléctrica. O que Lord Seymour fez com o punhal só podia ficar sem efeito porque o choque eléctrico paralisou o seu braço.»

«Com o punhal isso estaria certo. Mas a bala que o siciliano disparou sobre ela e que ouvimos rolar lentamente no altar?»

«Sabeis ao certo que foi a bala disparada que ouvimos rolar? – Nem quero falar da hipótese de a marioneta ou a pessoa que representava o espírito estar tão bem protegida que se teria tornado imune aos tiros ou aos punhais – Mas reflecti um pouco sobre *quem* foi que carregou a pistola.»

«É verdade, disse eu e uma luz repentina acendeu-se no meu espírito - -, «foi o russo que a carregou. Mas isso aconteceu diante dos nossos olhos, como é que poderia ter aí acontecido uma charlatanice?»

«E por que razão não deveria ter podido acontecer? Será que haveis já na altura desconfiado dessa pessoa de modo a achar necessário observá-la? Haveis examinado a bala antes de ele a ter posto em movimento e que poderia muito bem ter sido uma bala de mercúrio ou de barro pintado? Haveis tido em atenção se ele a introduziu na pistola ou a deixou cair na sua mão? O que vos convence – no pressuposto de que ele tenha carregado a pistola – que ele terá levado precisamente as pistolas carregadas e não outro par, o que teria sido fácil uma vez que ninguém teve a ideia de o observar e que estávamos para além disso ocupados a despir-nos? E não poderia a figura, no momento em que o fumo da pólvora a subtraiu a nós, ter deixado cair no altar outra bala que teria numa reserva de emergência? Qual destas hipóteses é improvável?»

«Tendes razão. Mas essa semelhança exacta da figura com o vosso falecido amigo – eu vi-o muitas vezes em vossa casa e reconheci-o imediatamente no espírito.»

«Também eu – nada mais posso dizer para além de que a ilusão foi perfeita. Mas se esse siciliano, após alguns olhares furtivos para a minha tabaqueira, foi capaz de dar ao *seu* quadro uma semelhança fugaz, então por que não poderia tê-lo feito o russo, que durante todo o banquete pôde usar livremente a minha tabaqueira, que gozou do privilégio de permanecer sempre inobservado, e ao qual eu tinha além disso confiado *quem* era a pessoa retratada na caixa? – Acrescentai – o que o siciliano também fez notar – que era uma característica do marquês ter traços de rosto facilmente imitáveis mesmo de forma tosca – o que fica então por esclarecer em toda esta situação?»

«Mas o conteúdo das suas palavras? A revelação sobre o vosso amigo?»

«Como assim? Não nos disse pois o siciliano que a partir do pouco que me perguntou compôs uma história semelhante? Não provará isso quão natural parecia precisamente essa invenção? Para além disso, as respostas do espírito soavam de tal maneira obscuras que ele não podia correr o risco de ser apanhado em contradição. Supondo que a criatura do charlatão que fez de espírito possuía argúcia e sensatez e que estava apenas um pouco a par das circunstâncias – até onde é que a charlatanice não poderia ter sido ainda levada?

«Mas pensai, mui clemente Senhor, na amplitude dos preparativos para uma charlatanice tão complexa por parte do arménio! Quanto tempo isso teria levado! Quanto tempo apenas para copiar uma cabeça humana de modo tão fiel como aqui se pressupõe! Quanto tempo para instruir tão bem esse espírito incutido, de forma a impedir um erro grosseiro! Quanta atenção teriam exigido as insignificantes e inomináveis coisas que ou corroboram ou que teriam de ser resolvidas de qualquer modo por poderem tornar-se incómodas! E agora tende em conta que o russo não saiu por mais de meia hora. Poderia, em não mais de meia hora, mandar-se fazer tudo o que fosse mais indispensável? – Verdadeiramente, meu Senhor, nem mesmo um escritor dramático que estivesse em apuros com as implacáveis três unidades do seu Aristóteles sobrecarregaria um entreacto com tanta acção nem exigiria da sua plateia uma crença tão forte.»

«Como? Pensais que seria simplesmente impossível que nessa curta meia hora todas essas disposições pudessem ser tomadas?»

«Na realidade», exclamei, «praticamente impossível.» -

«Essa maneira de falar é que não entendo. Será que todas as leis do tempo, do espaço e dos efeitos físicos se verão contrariadas pelo facto de uma cabeça tão versátil, como esse arménio incontestavelmente é, com a ajuda das suas talvez igualmente versáteis criaturas, a coberto da noite, sem ser observado por ninguém, munido de todos os apetrechos dos quais um homem desse ofício aliás nunca se separa, que tal pessoa, favorecida por tais circunstâncias, possa fazer tanta coisa em tão pouco tempo? Será que é impensável e aberrante acreditar que ele, com a ajuda de poucas palavras, ordens ou sinais, pudesse dar aos seus ajudantes amplas instruções, que pudesse indicar operações amplas e complexas com um mínimo de palavras? – E será que pode ser estabelecida outra hipótese, para além de uma impossibilidade claramente reconhecida, contra as eternas leis da natureza? Preferis acreditar num milagre a admitir uma improbabilidade?»

preferis derrubar as forças da natureza a aceitar uma combinação artificial e menos comum dessas mesmas forças?»

«Mesmo que a questão não justifique uma conclusão tão ousada, podereis pelo menos admitir que ela ultrapassa de longe a nossa compreensão.»

«Quase teria vontade de contestar também isso», disse o Príncipe com uma vivacidade trocista. «Como assim, caro Conde? se por exemplo se viesse a saber que não só durante e depois dessa meia hora, não só à pressa e à parte, mas durante todo o serão e toda a noite se tivesse estado a trabalhar para o arménio? Pensai que o siciliano precisou de quase três horas para os seus preparativos.»

«O siciliano, mui clemente Senhor!»

«E como podeis provar-me que o siciliano não terá tido a sua participação na aparição do segundo fantasma como teve na do primeiro?»

«Como, mui clemente Senhor?»

«Que ele não tenha sido o ajudante privilegiado – em suma – que não estejam ambos debaixo do *mesmo* tecto?»

«Isso deveria ser difícil de provar», exclamei com um espanto não pequeno.

«Não tão difícil, caro Conde, como podeis pretender. Como? Seria um acaso que esses dois homens se encontrassem ao mesmo tempo e no mesmo lugar num atentado tão complexo feito à mesma pessoa, que ocorresse entre as operações de ambos uma harmonia tão impressionante, uma sintonia tão bem pensada, de tal modo que um parecia trabalhar para o outro? Suponhai que ele se tenha servido da charlatanice mais tosca para dar um enquadramento à mais requintada. Suponhai que ele tenha feito avançar aquele para descobrir o grau de credulidade com que ele poderia contar em mim; para averiguar as formas de acesso à minha confiança; para, através dessa tentativa, que poderia fracassar independentemente do resto do seu plano, se familiarizar com o seu sujeito; em suma, para introduzir assim o seu instrumento no jogo. Suponhai que ele o tenha feito precisamente com o propósito de atrair a minha atenção para um lado e assim mantê-la desperta, deixando-a adormecer noutro lado, que para ele seria mais importante. Suponhai que ele tivesse de recolher algumas informações que desejaria ver contabilizadas pelo ilusionista, a fim de afastar a desconfiança da verdadeira pista.»

«Que quereis dizer com isso?»

«Permiti que suponhamos que ele subornou um dos meus homens a fim de receber através dele certas notícias secretas – talvez até documentos – que serviriam os seus

propósitos. Sinto a falta do meu Monteiro. O que me impede de crer que o Arménio terá tido algum papel no desvio dessa pessoa? Mas o acaso pode proporcionar que eu venha a descobrir esse estratagema; uma carta pode ser interceptada, um criado pode dar com a língua nos dentes. Todo o seu prestígio fracassa se eu descobrir as fontes da sua omnisciência. Ele interpõe assim esse ilusionista que deveria ter este ou aquele propósito a meu respeito. Não deixa de me dar a tempo um sinal acerca da existência e das intenções dessa pessoa. Seja o que for que eu possa descobrir, a minha suspeita não cairá em mais ninguém para além desse trapaceiro; e às pesquisas que o favoreçam a ele, Arménio, o Siciliano dará o seu nome. Foi esse o boneco com o qual ele me fez jogar enquanto ele, inobservado e insuspeito, me enrola com cordas invisíveis.»

«Muito bem! Mas como é que isso rima com o facto de ele mesmo ter pretendido ajudar a desfazer essa ilusão e ter revelado os mistérios da sua arte perante olhares profanos? Não terá ele de recear que a descoberta de uma ausência de fundamento de uma ilusão criada com tão alto grau de verdade, como a operação do Siciliano na realidade foi, enfraqueceria a vossa crença e dificultaria em grande medida os seus futuros planos?»

«Que mistérios são esses que ele me revela? Decerto nenhum que ele tivesse vontade de exercitar comigo. Logo, ele nada perdeu com a sua profanação – mas quanto terá ganho, pelo contrário, se esse suposto triunfo face ao engano e à charlatanice me tivesse tornado *seguro* e confiante, se ele tivesse conseguido dirigir a minha atenção numa direcção oposta, fixar a minha desconfiança ainda vaga em objectos que estariam extremamente afastados do verdadeiro sítio da sua actuação? Ele podia esperar que eu, mais tarde ou mais cedo, por desconfiança própria ou impulso alheio, procuraria a chave dos seus milagres na prestidigitação. – Que poderia fazer ele de melhor do que pôr os mesmos ao lado da outra, de modo a dar-me por assim dizer a medida para a avaliação e, enquanto colocava à última um limite artificial, tanto mais aumentava ou confundia a minha compreensão dos primeiros? Quantas suposições não terá ele erradicado com esta habilidade! quantas explicações contestado antecipadamente, nas quais eu poderia talvez ter caído em seguida!»

«Assim ele agiu pelo menos bastante contra si próprio, tornando mais perspicaz o olhar daqueles que ele queria iludir e ao enfraquecendo a sua crença na capacidade de operar milagres ao desmascarar uma charlatanice tão artificial. Vós mesmo, meu Senhor, sois a melhor oposição ao seu plano, se é que ele teve alguma vez algum.»

«Ele enganou-se talvez comigo – mas nem por isso julgou com menos acuidade. Podia ele prever que o que permaneceria na minha memória seria precisamente aquilo que poderia tornar-se na chave para o milagre? Será que fazia parte do seu plano o facto de a criatura, da qual ele se serviu, se ter exposto daquela maneira? Sabemos nós se esse siciliano terá ultrapassado em larga medida os plenos poderes que lhe haviam sido dados? – Com o anel certamente – E contudo é sobretudo essa única circunstância que decidi sobre a minha desconfiança contra aquele homem. Com que facilidade pode um plano de elaborado requinte ser conspurcado por um órgão mais grosseiro? Decerto ele não era da opinião que o ilusionista nos apregoasse a sua fama como se estivesse na praça pública – que ele nos revelasse o segredo daquelas histórias que se contradizem com a mais leve reflexão. Assim, por exemplo – com que cara pode esse charlatão pretender que o seu mágico tenha de suprimir com qualquer contacto com pessoas mal soem as doze badaladas? Não o vimos a ele próprio nessa altura entre nós?»

«É verdade», exclamei. «Ele deve ter-se esquecido disso!»

«Mas faz parte do carácter desse género de pessoas exagerar tais incumbências e estragar com o excesso o que uma charlatanice modesta e moderada teria tornado perfeito.»

«Apesar disso não consigo ainda convencer-me, mui clemente Senhor, a tomar toda essa coisa por nada mais do que um jogo encenado. Como assim? O terror do siciliano, as convulsões, a impotência, todo o estado lamentoso dessa pessoa, que nos incutiu piedade a nós mesmos – tudo isso teria sido apenas um papel estudado? Admitindo que o jogo de marionetas se tivesse excedido, porém a arte do actor não pode dominar os seus órgãos vitais.»

«Quanto a isso, meu amigo – Vi Ricardo III representado por Garrick¹³ – E será que tínhamos nesse momento a frieza e disponibilidade suficientes para sermos observadores descontraídos? Será que podíamos verificar o estado de afecto dessa pessoa quando o nosso nos avassalava? Além disso, o ponto crítico e decisivo, mesmo de uma charlatanice, é para o charlatão uma coisa tão importante que *nele a expectativa* pode facilmente criar sintomas tão violentos como a *surpresa na pessoa iludida*. Tende ainda em conta o inesperado aparecimento dos esbirros ->

«Precisamente esses, mui clemente Senhor – Ainda bem que mo lembrais – Teria ele ousado pôr a nu perante o olhar da justiça um plano tão perigoso? Pôr à prova de uma maneira tão problemática a fidelidade da sua criatura? – E com que finalidade?»

«Deixai que seja isso a preocupação de quem tem de conhecer a sua gente. Saberemos nós que crimes secretos lhe garantem a secretude desta pessoa? – Haveis ouvido qual o cargo que ele detém em Veneza – E mesmo que essa presunção pertença às restantes fábulas – quanto lhe custará ajudar esse sujeito que não tem mais ninguém que o acuse?»

(E na realidade o desfecho só justificou a desconfiança do Príncipe. Quando dias depois nos informámos acerca do nosso prisioneiro, foi-nos respondido que ele se tinha tornado invisível.)

«E com que fim, perguntais? Por que outra via a não ser esta, violenta, terá ele podido exigir ao siciliano uma confissão tão inverosímil e repreensível, que se tornou tão essencial? Quem senão uma pessoa desesperada, que nada mais tem a perder, poderá resolver-se a dar informações tão humilhantes sobre si próprio? Em que outras circunstâncias teríamos acreditado nele?»

«Admitamos tudo isso, mui clemente Príncipe», disse eu por fim. «Que ambas as aparições tenham sido jogos de marionetas; que esse siciliano nos tenha impingido uma fábula que o seu chefe o tenha obrigado a aprender de cor, que ambos tenham actuado em concordância em prol de *uma* finalidade, e que a partir dessa concordância possam ser explicados todos aqueles milagrosos acasos que nos espantaram ao longo deste episódio. Aquela profecia na Praça de S. Marcos, o primeiro milagre que abriu caminho a todos os outros, não deixa por isso de ficar por esclarecer; e de que nos serve a chave de todos os outros se desesperamos para encontrar a solução desse único?»

«Invertamos antes as coisas, caro Conde», foi a resposta que o Príncipe aqui me deu. «Dizei-me, o que provam todos aqueles milagres se eu conseguir provar que entre eles se encontrava nem que fosse um só truque de ilusionismo? Aquela profecia – reconheço-o diante de vós – ultrapassa a minha capacidade de compreensão. Se ela se encontrasse *isolada*, se o arménio tivesse com isso concluído o seu papel assim como o iniciou desse modo – confesso-vos que não sei até onde ela teria podido conduzir-me. Nessa sociedade *baixa*, ela é-me um pouco suspeita.» -

«Admitamos que sim, mui clemente Senhor! Contudo ela permanece incompreensível, e eu exorto todos os filósofos a dar-me um esclarecimento a esse respeito.»

«Será que ela é assim tão inexplicável?» continuou o Príncipe depois de ter reflectido por alguns momentos. «Estou muito longe de reivindicar o estatuto de filósofo; mas

poderia sentir a tentação de procurar também para esse milagre uma chave natural ou de preferência despojá-lo de toda a aparência de extraordinário.»

«Se podeis fazer *isso*, meu Príncipe, então», respondi com um sorriso muito incrédulo, «sereis o único milagre em que creio.»

«E como prova», continuou, «do pouco direito que temos de buscar o nosso refúgio em forças sobrenaturais, quero mostrar-vos duas saídas nas quais podemos talvez fundamentar essa ocorrência sem exercer coacção sobre a natureza.»

«Duas soluções de uma vez! Tornais-me na realidade altamente curioso.»

«Haveis lido comigo as notícias mais próximas da doença do meu falecido primo. Foi um ataque de febre fria no qual uma apoplexia o matou. O carácter extraordinário dessa morte, confesso-o, levou-me a recolher o diagnóstico de alguns médicos e o que o que fiquei a saber nessa ocasião conduz-me à pista dessa magia. A doença do defunto, uma das mais raras e terríveis, tem o sintoma particular de colocar o doente, durante os arrepios de febre, num sono profundo do qual ele não acorda e que costuma matá-lo de apoplexia quando regressa o paroxismo. Uma vez que esses paroxismos regressam na mais rigorosa ordem e à hora certa, a partir desse mesmo momento o médico, tendo tomado uma decisão sobre o género da doença, é capaz de indicar a hora da morte. O terceiro paroxismo de uma febre intermitente de três dias ocorre porém, como se sabe, no quinto dia da doença – e é precisamente desse tempo que uma carta necessita para chegar de ***, onde morreu o meu primo, a Veneza. Suponhamos pois que o nosso arménio possui um correspondente atento na comitiva do falecido, - que ele terá um vivo interesse em receber notícias dessa parte, que ele terá intenções face à minha própria pessoa que a crença no maravilhoso e a aparência de forças sobrenaturais ajudem a promover, - deste modo tereis uma conclusão natural acerca daquela profecia que vos parece tão incompreensível. Basta, por aqui vedes a possibilidade de que um terceiro me dê a notícia de uma morte que ocorre no momento em que ele a anuncia a quarenta milhas de distância.»

«Realmente, Príncipe, associais aqui coisas que, tomadas isoladamente, têm decerto uma aparência muito natural, mas só podem ser associados por meios que mais não são do que feitiçaria.»

«Como? Estremeceis menos perante o maravilhoso do que perante o que foi *deliberadamente procurado*, o inusitado? Assim que atribuamos ao arménio um plano importante que ou me tenha como fim ou me use como meio – e não *teremos* de o fazer, independentemente do modo como julgemos a sua pessoa? – então nada que o leve à

sua meta pelo caminho mais curto será pouco natural ou forçado. Mas haverá um caminho mais curto para assegurar o domínio sobre uma pessoa do que a credibilidade de um mágico? Quem resiste a um homem ao qual os espíritos se submetem? Mas admito que a minha hipótese é artificial; confesso que ela não me satisfaz a mim próprio. Não insisto nela porque acho que não vale a pena recorrer a um modelo artificial e repensado numa situação em que o mero acaso já é suficiente.»

«Como?» interrompi, «deveria ser um mero acaso - -»

«Difícilmente seria algo mais!» continuou o Príncipe. O arménio sabia do perigo em que se encontrava o meu primo. Encontrou-nos na Praça de S. Marcos. A ocasião convidou-o a atrever-se a uma profecia que, no caso de resultar errada, teria sido uma mera palavra perdida – e se resultasse certa, poderia ter as mais importantes consequências. O sucesso favoreceu essa tentativa – e só então ele terá podido pensar em utilizar a dádiva de um acaso para um plano consistente. – O tempo esclarecerá esse mistério ou não o esclarecerá – mas crede, meu amigo» (e pousou a sua mão na minha, tomando uma expressão muito séria), «uma pessoa que tem à sua disposição forças superiores não precisará de qualquer charlatanice, ou desprezá-la-á.»

Assim acabou uma conversa que eu incluí aqui na íntegra pelo facto de ela mostrar as dificuldades que deviam ser superadas no Príncipe e também pelo facto de ela, como espero, libertar a sua memória da acusação de ele se ter precipitado de forma cega e irreflectida numa armadilha que lhe estava a ser preparada por uma urdidura inaudita e diabólica. Nem todos aqueles – prossegue o Conde de O** - que no momento em que escrevo isto olham sobranceiramente e com um riso de escárnio para a sua fraqueza e que, na arrogante suposição da sua razão nunca contestada, se crêem no direito de quebrar a vara da condenação sobre ele, nem todos, receio, teriam passado esta primeira prova de modo tão viril. Mesmo que o vejamos cair depois desta conseguida preparação e apesar da mesma; mesmo que o negro atentado, de cuja proximidade o seu bom génio o avisou, tenha encontrado nele uma possibilidade de concretização, dever-se-á não tanto escarnecer sobre a sua loucura como experimentar surpresa sobre a dimensão da trapaça a que sucumbiu uma razão tão bem defendida. Cauções mundanas não podem já ser parte do meu testemunho; pois *ele*, que poderia agradecer-me, já não existe. O seu terrível destino findou; há muito que a sua alma se depurou perante o trono da verdade, diante do qual também a minha se encontrará desde há muito quando o mundo ler isto; mas – que me seja perdoada a lágrima que cai involuntariamente à memória do meu mais caro amigo – mas em nome da justiça eu escrevo isto: ele foi uma pessoa nobre e

teria sido decerto uma peça valiosa no trono a que ele se deixou convencer a subir por meio de um crime.

Segundo Livro

Não muito tempo depois destas últimas ocorrências – continua a narrar o Conde de O** - principiei a notar uma importante alteração no ânimo do Príncipe. Até então o Príncipe tinha evitado qualquer exame mais rigoroso à sua fé, contentando-se com uma depuração dos conceitos rudes e sensoriais em que tinha sido educado por meio de ideias superiores que lhe surgiram mais tarde, sem com isso examinar os fundamentos da sua fé. Assuntos religiosos em geral, confessou-me ele várias vezes, pareciam-lhe ser algo como um castelo encantado no qual não se põe o pé sem estremecer e seria melhor contorná-los com uma respeitosa resignação sem se expor ao perigo de perder-se nos seus labirintos. Contudo, uma tendência oposta levava-o irresistivelmente a especulações associadas ao tema.

Uma educação beata e servil foi a origem desse receio; este tinha gravado no seu frágil cérebro imagens de terror das quais ele nunca se pôde libertar inteiramente durante toda a sua vida. Melancolia religiosa era uma doença hereditária da sua família; a educação que foi dada a ele e aos seus irmãos adequava-se a essa disposição; as pessoas a quem ele foi confiado haviam sido escolhidas a partir dessa perspectiva, sendo portanto fanáticos ou hipócritas. Sufocar toda a vivacidade do mancebo numa obtusa coacção do espírito fora o meio mais fidedigno de ver assegurada a maior satisfação por parte dos principescos progenitores.

Tal configuração, negra e nocturna, possuía toda a juventude do nosso Príncipe; até dos seus jogos tinha sido banida a alegria. Todas as suas ideias de religião tinham em si algo de pavoroso e foi precisamente o que era horrível e rude é que principiou por apoderar-se da sua viva faculdade de imaginação e ali se conservou por mais tempo. O seu Deus era uma imagem de terror, um ser punitivo; a sua devoção, servil tremor ou submissão cega, sufocadora de toda a força e ousadia. No caminho de todas as suas inclinações infantis e juvenis, que um robusto corpo e uma saúde florescente faziam explodir de forma tanto mais enérgica, estava a religião; com tudo a que o seu coração juvenil se apegava ela entrava em litígio; ele tomou conhecimento dela como sendo não um benefício mas apenas um atentado às suas paixões. Assim se desencadeou aos poucos um mudo ressentimento contra ela no seu coração, tendo aquele provocado a

mais bizarra mistura com uma respeitosa fé e um cego temor – uma má vontade contra um Senhor face ao qual ele sentia repulsa e veneração em igual grau.

Não é de admirar que ele tenha aproveitado a primeira oportunidade para fugir a um jugo tão rigoroso – mas ele fugiu-lhe como um escravo foge ao severo senhor a quem pertence, como alguém que mesmo em liberdade traz em si o sentimento da sua servidão. Precisamente por não ter renunciado à fé da sua juventude numa opção serena; precisamente por não ter esperado que a sua razão mais madura se libertasse confortavelmente dela; precisamente por se lhe haver escapado como um fugitivo sobre o qual ainda vigoram os direitos de propriedade do seu senhor – por isso mesmo ele tinha sempre, por maiores que fossem os seus desvios, de regressar a ela. Ele havia escapado com as cadeias e por isso mesmo ele tornou-se necessariamente na presa de qualquer trapaceiro que as descobrisse e soubesse usá-las. O surgimento dessa figura será documentado, se ainda não se adivinhou tal coisa, pela sequência desta história.

As confissões do siciliano deixaram no seu ânimo consequências mais relevantes do que toda a coisa em si valia a pena, e a pequena vitória que a sua razão obtivera sobre essa fraca ilusão tinha contribuído para aumentar consideravelmente a confiança que possuía na sua razão. A facilidade com que havia conseguido dissolver *esse* engano pareceu surpreendê-lo a ele próprio. Na sua cabeça, verdade e erro não se haviam ainda separado inteiramente de forma a impedir que ele confundisse os fundamentos duma com os do outro; daí adveio o facto de o golpe que derrubou a sua crença em milagres ter feito oscilar ao mesmo tempo todo o edifício da sua fé religiosa. Aconteceu com ele o que acontece a uma pessoa inexperiente que foi traído na amizade ou no amor por ter feito uma má escolha e que deixa cair a sua crença nesses sentimentos uma vez que toma meras casualidades por propriedades e características essenciais. Um engano posto a nu tornou também suspeita aos seus olhos a verdade, uma vez que, por infelicidade, ele havia comprovado a existência da verdade por motivos igualmente maus.

Esse aparente triunfo agradou-lhe tanto mais quanto lhe fora pesada a pressão da qual ele parecera libertá-lo. A partir dessa altura manifestou-se nele um vício da dúvida que não poupou a entidade mais digna de respeito.

Várias coisas contribuíram para levá-lo a essa disposição de ânimo e nela o reter. A solidão em que havia vivido até então terminou nessa altura e teve de dar lugar a uma vida plena de diversões. O seu estatuto tinha sido descoberto. Atenções a que teve de responder, uma etiqueta que ele devia manter de acordo com a sua posição, tudo isso o arrebatou imperceptivelmente para o turbilhão do mundo dos grandes. O seu estatuto,

bem como as suas qualidades pessoais, deram-lhe acesso aos círculos mais interessantes e inteligentes de Veneza; pouco depois ele viu-se ligado às cabeças mais iluminadas da República, tanto académicos como homens de Estado. Tal facto obrigou-o a alargar o círculo uniforme e estreito no qual o seu espírito se havia fechado até então. Principiou a dar-se conta do carácter limitado das suas concepções e a sentir a necessidade de uma cultura superior. A forma obsoleta do seu espírito, por muitas que fossem as características de excelência que a acompanhavam, contrastava em desvantagem com as concepções correntes da sociedade e o seu estranhamento face às coisas mais conhecidas expunha-o ocasionalmente ao ridículo; e o que ele mais temia era o ridículo. O preconceito desfavorável a que estava associada a sua terra natal surgia-lhe como um desafio a contrariar a mesma na sua pessoa. A isso se juntava a particularidade do seu carácter que o fazia depreciar toda a atenção que ele pensava ter de ficar a dever ao seu estatuto e não ao seu valor pessoal. Sentia tal humilhação sobretudo na presença de pessoas que brilhavam pelo seu espírito e que triunfavam por assim dizer através de méritos pessoais sobre o seu nascimento. Ver-se distinguido em tal sociedade enquanto Príncipe era para ele sempre um factor de profunda vergonha, uma vez que tinha a infelicidade de acreditar que esse nome o excluiria de qualquer concorrência. Tudo isto somado conduziu-o à necessidade de dar ao seu espírito a cultura que ele havia negligenciado até então, a fim de recuperar o lustro do mundo espiritual e pensante em relação ao qual ele havia ficado tão para trás.

Escolheu para isso a mais moderna leitura, à qual se entregou com a seriedade com que tratava tudo o que empreendia. Mas a mão ruim que estava em jogo na escolha dessas obras fez com que ele tivesse sempre a infelicidade de deparar com aquelas não contribuíam muito para melhorar nem a sua razão nem o seu coração. E também aqui dominava a sua tendência favorita para se deixar atrair irresistivelmente por tudo o que não estava sujeito à compreensão. Só para aquilo que tinha a ver com tais objectos é que ele tinha atenção e memória; a sua razão e o seu coração permaneceram vazios enquanto essas secções do seu cérebro se enchiam de conceitos confusos. O estilo fulgurante de um arrebatava a sua imaginação, enquanto as espirituosas invenções de outro enredavam a sua razão. Era fácil a ambos subjugar um espírito que se tornava na presa de qualquer um que se insinuasse junto dele com uma certa habilidade.

Uma leitura praticada durante mais de um ano com paixão não chegou a enriquecê-lo com qualquer conceito construtivo, contribuindo para encher a sua cabeça de dúvidas que, como sucedeu inevitavelmente num carácter tão consequente, não tardaram a

encontrar um caminho infeliz para o seu coração. Resumindo – ele tinha entrado nesse labirinto como um fanático seguro das suas crenças e abandonou-o como um céptico e, por último, como um espírito completamente livre.

Entre os círculos para os quais tinha havido alguém capaz de atraí-lo estava uma determinada sociedade secreta, apelidada de *Bucentauro*¹⁴, que sob a aparência exterior de uma liberdade de espírito nobre e racional favorecia a mais desenfreada lassidão, tanto de opiniões como de costumes. Uma vez que ela contava entre os seus membros com muitos padres e trazia na fila dianteira o nome de alguns cardeais, mais facilmente se deixou o Príncipe convencer a ser introduzido nesse círculo. Certas verdades perigosas da razão não podiam, na sua opinião, encontrar-se em melhores mãos do que nas daquelas pessoas cujo estatuto já as obrigaria a ter uma atitude moderada e que teriam a vantagem de ter ouvido e analisado o partido oposto. O Príncipe esqueceu aqui que a *libertinagem* do espírito e dos costumes nas pessoas de tal nível alastra mais precisamente por encontrar aqui um refreio a menos e não se deixar intimidar por qualquer nimbo de santidade, que tantas vezes cega olhares profanos. E tal era o caso do Bucentauro, do qual a maior parte dos seus membros insultava, através de uma filosofia funesta e de costumes dignos de tal chefia, não apenas o seu estatuto mas a própria humanidade.

A sociedade tinha os seus graus de secretude e, para honra do Príncipe, quero acreditar que ele nunca foi iniciado nos aspectos mais íntimos e sagrados. Quem entrasse nessa sociedade tinha de, pelo menos enquanto fosse vivo, despojar-se do seu estatuto, da sua nação, da sua religião, em suma, de todos os sinais convencionais de distinção para entrar num certo nível de igualdade universal. A selecção dos membros era na realidade rigorosa, uma vez que só qualidades de excelência do espírito podiam abrir um caminho nessa direcção. A sociedade gabava-se de ter o mais fino tom e o mais requintado gosto e gozava realmente dessa fama em toda a Veneza. Este aspecto, bem como a aparência de igualdade que ali dominava, atraiu irresistivelmente o Príncipe. Um convívio pleno de espírito e animado por uma inteligência requintada, conversas informativas, o melhor do mundo académico e político, que aqui confluía como se fosse o seu centro, ocultaram por muito tempo aos seus olhos os riscos dessa associação. Assim como aos poucos o espírito da instituição se tornou cada vez mais visível através da máscara, ou também porque as pessoas se cansaram de continuar a ter uma atitude de sobreaviso diante dele, o caminho de regresso era igualmente perigoso e

uma falsa vergonha, bem como a preocupação pela sua segurança, obrigaram-no a ocultar o seu desagrado interior.

Mas já através da mera convivência com essa classe de pessoas e os seus modos de pensar, embora elas não o incitassem à imitação, foi-se perdendo a pura e bela simplicidade do seu carácter e a delicadeza do seu sentimento moral. O seu entendimento, apoiado em conhecimentos tão pouco profundos, não podia dissolver sem ajuda estranha os sofisticados enganos em que ele havia sido aqui enredado; e esse terrível corrosivo havia, imperceptivelmente, consumido tudo – ou quase tudo aquilo em que deveria basear-se a sua moralidade. Os suportes naturais da sua felicidade foram por ele rejeitados como sofismas e abandonaram-no no momento decisivo, obrigando-o a ater-se aos que lhe eram lançados em primeiro lugar de forma arbitrária.

Talvez a mão de um amigo tivesse conseguido salvá-lo a tempo desse precipício – mas, para além do facto de eu só muito mais tarde ter tomado conhecimento do interior do Bucentauro, quando a desgraça já tinha acontecido, no início desse período uma razão urgente tinha-me chamado para longe de Veneza. Também Mylord Seymour, um respeitável conhecido do Príncipe, cuja cabeça fria resistia a toda a espécie de ilusão e que poderia ter-lhe servido sem falta de apoio seguro, deixou-nos por essa altura para regressar à sua pátria. Aqueles em cujas mãos deixei o Príncipe eram pessoas honestas mas inexperientes e extremamente limitadas na sua religião, faltando-lhes tanto um entendimento do mal como prestígio junto do Príncipe. Aos seus sofismas enganadores eles nada mais sabiam contrapor para além das prerrogativas de uma fé cega e inquestionada, que ora o irritavam, ora o divertiam; ele ignorava-os com demasiada facilidade e o seu entendimento superior depressa fazia calar esses maus defensores da boa causa. Aos outros que a seguir se apoderavam da sua confiança interessava sobretudo afundá-lo cada vez mais na sua influência. Quando regresssei a Veneza no ano seguinte – como fui encontrar tudo mudado!

A influência dessa nova filosofia depressa se evidenciou na vida do Príncipe. Quanto maior era a evidência do seu sucesso em Veneza e da conquista de novos amigos, maiores eram as perdas que começava a fazer junto dos amigos antigos. A sua atitude agradava-me cada vez menos de dia para dia, víamo-nos também mais raramente e ele tornou-se em geral mais difícil de contactar. A corrente do grandioso mundo tinha-o apanhado. Nunca o seu patamar ficava vazio quando ele estava em casa. Um prazer seguia-se a outro, uma festa a outra, um feliz evento a outro. Ele era a bela por todos cortejada, o rei e o ídolo de todos os círculos. Por mais difícil que lhe tivesse parecido,

na anterior tranquilidade da sua vida limitada, penetrar no curso do grandioso mundo, tanto mais fácil ele achava isso agora para sua surpresa. Tudo vinha ao seu encontro, tudo o que vinha dos seus lábios era perfeito e quando ele silenciava isso era entendido como um roubo feito à sociedade. Também essa sorte que o perseguia por toda a parte, esse sucesso geral, tornava-o realmente em algo *mais* do que ele era na realidade, uma vez que lhe dava coragem e confiança em si próprio. A opinião elevada que ele obtinha com isso acerca do seu próprio valor fazia-o crer na veneração exagerada e quase idólatra a que era submetido o seu espírito e que, se não fosse esse sentimento acrescentado e de certo modo fundamentado que tinha de si próprio, teria necessariamente de se tornar suspeito a seus olhos. Mas agora essa voz generalizada vinha apenas reforçar o que o seu orgulho auto-suficiente lhe dizia em silêncio – um tributo que, como queria acreditar, lhe era justamente devido. Ele teria escapado infalivelmente a esse laço se o tivessem deixado respirar, se lhe tivessem concedido tempo para descansar, para comparar o seu próprio valor com a imagem que lhe era apresentada num espelho tão agradável. Mas a sua existência era um permanente estado de embriaguez, de oscilante delírio. Quanto mais alto era o plano em que ele havia sido colocado, maior era o esforço que tinha de fazer para se manter a essa altura: essa permanente tensão consumia-o lentamente; mesmo do seu sono havia fugido a tranquilidade. As suas lacunas haviam sido detectadas e a paixão que nele fora acesa havia sido bem calculada.

Pouco depois, os seus honrados Cavaleiros tiveram de pagar pelo facto de o seu senhor se haver tornado numa cabeça megalómana. Sentimentos sérios e verdades dignas, aos quais o seu coração havia até estado até à data apegado da forma mais calorosa, principiaram então a tornar-se em objecto do seu escárnio. Foi nas verdades da religião que ele se vingou da pressão em que as ideias exaltadas o tinham mantido durante tanto tempo; porém, uma vez que uma voz do seu coração, impossível de falsificar, combatia os delírios da sua cabeça, nos seus jogos de palavras havia mais amargura do que um ânimo alegre. A sua maneira natural de ser principiou a modificar-se, surgiram caprichos. O mais belo adorno do seu carácter, a sua modéstia, desapareceu; os adutores haviam envenenado o seu excelente coração. O trato respeitoso e delicado, que havia feito esquecer aos seus Cavaleiros que ele era o seu senhor, deu lugar não raras vezes a um tom dominador e decidido, que feria tanto mais sensivelmente por estar fundamentado não na distância exterior inerente ao nascimento, em relação ao qual é fácil encontrar consolação e que ele próprio pouco considerava,

mas num pressuposto ofensivo da sua sublimidade pessoal. Uma vez que em casa ele dava com frequência voz a considerações que não lhe haviam podido dizer respeito na vertigem da sociedade, os seus próprios homens viam-no raramente com uma atitude diferente de uma pose sinistra, mal-humorada e infeliz, enquanto ele animava os círculos estranhos com uma alegria forçada. Com sofrimento partilhado, víamos como ele se encaminhava para essa perigosa via; mas no tumulto no qual havia sido arremessado, ele já não ouvia a fraca voz da amizade e estava ainda demasiado feliz para a entender.

Logo nos primeiros tempos dessa época, uma importante circunstância, que eu não poderia fazer passar à frente do mais feroso interesse da amizade, chamou-me à corte do meu soberano. Uma mão invisível, que só muito mais tarde veio a ser descoberta, havia encontrado meios para lançar a confusão sobre os meus assuntos e espalhar boatos sobre mim, de tal maneira que tive de apressar-me a desmenti-los. A despedida do Príncipe foi difícil para mim, mas tanto mais fácil para ele. Já algum tempo que haviam afrouxado os laços que o prendiam a mim. Mas o seu destino havia despertado toda a minha simpatia; por isso fiz o Barão de F*** prometer que me manteria em contacto através de notícias por escrito, o que ele cumpriu da forma mais escrupulosa. A partir de agora já não serei, por muito tempo, testemunha ocular destes acontecimentos: seja-me permitido apresentar o Barão de F*** no meu lugar e completar esta lacuna através de excertos das suas cartas. Independentemente do facto de a maneira de ver as coisas do meu amigo F*** nem sempre ser a minha, não quis porém alterar nada nas suas palavras, a partir das quais o leitor encontrará a verdade com pouco esforço.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O***

Primeira carta

Maio de 17**

Obrigado, muito caro amigo, por me haverdes permitido continuar, mesmo na ausência, o convívio convosco que havia sido a minha maior alegria na minha estadia aqui. Aqui, bem sabeis, não há ninguém com quem eu ousaria expressar-me acerca de certas coisas – independentemente do que me possais dizer em contrário, este povo é-me odioso. Desde que o Príncipe se tornou um deles, e desde que nos haveis sido inteiramente arrebatado, estou abandonado no meio desta populosa cidade. Z*** leva as coisas de forma mais ligeira, e as beldades de Veneza sabem fazer-lhe esquecer as

ofensas que ele tem de partilhar comigo em casa. E que teria *ele* para desgostar-se sobre isso? Ele nada mais vê e exige no Príncipe do que um senhor que pode encontrar por toda a parte – mas eu! Sabeis quão próximos do meu coração estão o bem-estar e o sofrimento do nosso Príncipe e como tenho razões para tal. Era um rapazinho de nove anos quando vim para o seu serviço e desde essa altura nenhum destino me separou dele. Tornei-me homem sob os seus olhos; um longo convívio formou-me à medida dele. Passei com ele todas as suas aventuras, grandes e pequenas. Vivo na sua felicidade. Até este ano infeliz, vi nele apenas o meu amigo, o meu irmão mais velho, como num brilho alegre do sol vivi no seu olhar – nenhuma nuvem perturbou a minha felicidade; e tudo isso é agora suporto ver-se arruinado nesta desgraçada Veneza!

Depois da vossa partida, muitas coisas mudaram entre nós. O Príncipe de **d** chegou aqui com uma comitiva numerosa e deu ao nosso círculo uma nova e tumultuosa vida. Uma vez que ele e o nosso Príncipe têm um parentesco tão próximo e se dão agora bastante bem juntos, pouco irão separar-se durante a sua estadia aqui, que deve durar, como ouvi dizer, até à festa da Ascensão. O começo não podia ser melhor; desde há dez dias que o Príncipe mal tem conseguido respirar. O Príncipe de **d** começou logo numa parada muito alta, o que se tornou possível por voltar a afastar-se em breve; mas o pior disto tudo é que contagiou o nosso Príncipe, uma vez que ele não conseguia excluir-se e, face à especial relação que vigora entre as duas Casas, pensava estar na obrigação de corresponder ao estatuto da sua, aqui posto em causa. A isto se junta o facto de em poucas semanas se aproximar também a nossa despedida de Veneza; assim ele vê-se coagido a prolongar esse extraordinário aparato.

O Príncipe de **d** encontra-se aqui, como se diz, para tratar de assuntos da Ordem de *** e tem a presunção de desempenhar um papel importante. Podereis facilmente imaginar que ele se apoderou logo de todos os conhecidos do nosso Príncipe. Sobretudo no Bucentauro ele foi introduzido com pompa, uma vez que já desde há algum tempo gosta de desempenhar o papel de alguém que tem uma cabeça plena de ditos espirituosos e um espírito forte, como também faz com que o chamem nas suas correspondências, que mantém em todas as partes do mundo, apenas o *Prince philosophe*. Não sei se haveis tido a felicidade de o ver. Uma aparência externa muito promissora, um olhar atento, uma expressão plena de entendimento face às artes, muita ostentação de leitura, muita natureza adquirida (permiti-me esta palavra) e uma principesca sobranceira face a sentimentos humanos, a par de uma confiança heróica em si próprio e uma eloquência que tudo rebaixa. Quem poderia negar a homenagem a uma

Alteza Real com qualidades tão brilhantes? A figura que faz, entretanto, o valor tranquilo, parco em palavras e profundo do nosso Príncipe junto a uma perfeição tão gritante, isso ser-nos-á dado a ver pelo desfecho.

Na nossa organização aconteceram desde então muitas e grandes transformações. Mudámo-nos para uma nova casa magnífica, em frente à nova Procuradoria, porque o Príncipe se sentia limitado no “Mouro”. A nossa comitiva foi aumentada de doze cabeças, pagens, mouros, lacaios e outros mais – tudo agora tende para a grandeza. Haveis-vos queixado do aparato enquanto estivestes aqui – haveríeis de ver agora!

As nossas relações íntimas são ainda as antigas – para além de o Príncipe, que a vossa presença já não mantém dentro de limites, se ter tornado ainda mais monossilábico e glacial connosco e de o termos pouco entre nós fora das ocasiões em que se veste e despe. Com a desculpa de falarmos mal o francês e nada de italiano, ele consegue excluir-nos da maioria dos seus círculos, com o que pessoalmente não me causa grande ofensa; mas creio perceber a verdade: ele tem vergonha de nós – e isso magoa-me, não merecemos tal coisa.

Da nossa gente (uma vez que quereis saber todos os detalhes) ele serve-se quase só do Biondello, que entrou ao seu serviço, como sabeis, depois do desaparecimento do nosso batedor, e que agora se lhe tornou inteiramente indispensável nesta nova forma de vida. O homem conhece tudo em Veneza, e a tudo sabe dar uso. É como se tivesse mil olhos, se pudesse movimentar mil mãos. Ele consegue isso com a ajuda dos gondoleiros, diz. Para o Príncipe, ele é extremamente útil pois fá-lo para já travar conhecimento com todas as novas caras que surgem nos seus círculos; e o Príncipe sempre achou correctas as informações confidenciais que ele dá. Além disso ele fala e escreve italiano e francês na perfeição, o que o fez subir à categoria de secretário do Príncipe. Tenho porém de contar-vos uma amostra de fidelidade desinteressada, o que é realmente raro numa pessoa deste estatuto. Há pouco tempo, um reputado comerciante de Rimini pediu audiência ao Príncipe. A razão era uma estranha queixa acerca de Biondello. O Procurador, seu amo anterior, que terá sido um curioso santo, tinha vivido numa irreconciliável hostilidade para com os seus familiares, que se prolongaria possivelmente para além da sua existência. A sua confiança exclusiva tinha-a Biondello, em quem ele depositava todos os segredos; este teve ainda de jurar-lhe ainda no leito de morte que os guardaria religiosamente e que nunca os usaria em proveito dos familiares; um considerável legado deveria compensá-lo por este silêncio. Quando se abriu o testamento e se examinou os seus papéis, foram encontradas grandes lacunas e

confusões, que só Biondello podia esclarecer. Este negou obstinadamente saber qualquer coisa, deixou aos herdeiros o muito importante legado e manteve os seus segredos. Os familiares fizeram-lhe muitas solicitações, mas tudo foi em vão; por fim, para se subtrair à pressão deles, uma vez que ameaçavam processá-lo judicialmente, ele passou para o serviço do Príncipe. A este se dirigiu então o herdeiro principal, esse comerciante, com solicitações ainda maiores do que aquelas que haviam ocorrido quando Biondello queria alterar as suas intenções. Mas mesmo a intervenção do Príncipe foi em vão. É certo que ele confessou a este que lhe tinham sido confiados aqueles segredos e que tão pouco negou que o falecido talvez tivesse ido demasiado longe no ódio contra a sua família; “mas”, acrescentou, “ele era o meu bom Senhor e o meu benfeitor; e morreu numa confiança firme acerca da minha lealdade. Eu era o único amigo que ele deixou no mundo – maior a razão para eu não trair a sua única esperança.” Ao mesmo tempo ele fez notar que essas revelações não honrariam muito a memória do seu falecido senhor. Isto não é uma coisa pensada com finura e nobreza? Podeis também facilmente pensar que o Príncipe não insistiu muito na tentativa de o fazer ceder na sua posição tão louvável. Essa rara fidelidade que ele provou ter para com o seu falecido senhor fez com que ganhasse a confiança ilimitada do que estava vivo.

Sede feliz na vossa vida, meu muito caro amigo. Como tenho saudades da existência tranquila em que nos haveis aqui encontrado e compensado de forma tão agradável! Receio que os meus bons tempos em Veneza tenham desaparecido, e já ficamos a ganhar com o facto de para o Príncipe não ser verdade a mesma coisa. O elemento em que ele agora vive não é aquele em que poderia ser feliz a longo prazo, ou estarei enganado apesar de dezasseis anos de experiência. Desejo-vos felicidades.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Segunda carta

18 de Maio

Não tinha pensado que a nossa estadia em Veneza serviria ainda para qualquer coisa! Salvou a vida a uma pessoa, estou reconciliado com ela.

O Príncipe fez-se há dias transportar do Bucentauro para casa; dois criados, entre os quais estava Biondello, acompanhavam-no. Não sei como acontece que a liteira, que tinha sido arranjada à pressa, se quebra e o Príncipe se vê obrigado a fazer o resto do

caminho a pé. Biondello vai à frente, o caminho seguia por algumas ruas escuras e afastadas e, uma vez que já não faltava muito para o romper do dia, as luzes estavam escurecidas ou já se haviam apagado. Deviam estar a andar há um quarto de hora quando Biondello descobriu que estava perdido. A semelhança das pontes tinha-o iludido e, em lugar de terem vindo desembocar a S. Marcos, encontravam-se no *Sestiere di Castello*¹⁵. Estavam numa das ruelas mais afastadas e não havia um ser vivo em volta; era preciso dar meia-volta para buscar orientação numa rua principal. Tinham andado poucos passos quando, não longe dali, uma gritaria de morte ecoa numa rua. O Príncipe, desarmado como estava, arranca o bastão das mãos de um criado e com a coragem decidida que nele conheceis dirige-se ao sítio donde ecoava essa voz. Três temíveis sujeitos estão prestes a dar uma estocada num quarto, que com o seu acompanhante mal se pode defender; o Príncipe surge precisamente na altura certa para impedir a estocada mortal. O seu clamor e o dos criados assustam os assassinos, que não esperavam ser surpreendidos num lugar tão afastado, de tal maneira que após algumas leves punhaladas deixaram o homem e puseram-se em fuga. Quase sem sentidos e esgotado de lutar, o ferido cai nos braços do Príncipe; o seu acompanhante revela-lhe que tinha salvado o Marquês de Civitella, sobrinho do Cardeal A***i. Uma vez que o Marquês tinha perdido muito sangue, Biondello fez à pressa e o melhor que pôde o papel de curandeiro e o Príncipe providenciou para que ele fosse transportado para o palácio do seu tio, que estava mais próximo e para onde ele próprio o acompanhou. Aqui abandonou-o em silêncio e sem se ter dado a conhecer.

Mas um criado que havia reconhecido Biondello denunciou-o. Logo na manhã seguinte apareceu o Cardeal, um conhecimento antigo do Bucentauro. A visita durou uma hora; o Cardeal estava numa grande agitação quando saíram, tinha lágrimas nos olhos, também o Príncipe estava comovido. Ainda na mesma noite fizeram uma visita ao doente, que o médico assegurou estar no melhor estado. O manto em que estivera envolvido tinha aparado os golpes e quebrado o seu impacto. Desde essa ocorrência não passou um dia em que o Príncipe não fizesse ou recebesse visitas em casa do Cardeal e principia a criar-se uma forte amizade entre ele e essa Casa.

O Cardeal é um digno sexagenário, majestoso na aparência, pleno de serenidade e fresco de saúde. É considerado um dos mais ricos prelados em todo o território da República. A sua incomensurável fortuna, segundo consta, é por ele gerida com grande jovialidade e ele, apesar de uma economia racional, não recusa nenhum prazer mundano. Esse sobrinho é o seu único herdeiro, que porém não parece ter o melhor

relacionamento com o seu tio. Por pouco que o velho hostilize o prazer, o comportamento do sobrinho é porém suposto esgotar a mais elevada capacidade de tolerância. Os seus princípios libertinos e o seu modo de vida desenfreado, infelizmente secundados por tudo o que o vício pode adornar e a sensualidade pode arrebatat, tornam-no no terror de todos os pais e na maldição de todos os maridos; também esse último atentado fora suposto ser, como se afirma, por ele desencadeado através de uma intriga que ele havia urdido com a esposa do embaixador **ês; para não falar de outros graves sarilhos de que só o prestígio e o dinheiro do Cardeal o haviam podido salvar a custo. Tirando isso, este último seria o homem mais invejado em toda a Itália, uma vez que possui tudo o que torna a vida desejável. Com este único factor de sofrimento familiar, a felicidade retira todos os seus dotes e estraga-lhe o prazer da sua fortuna com o receio de não encontrar um herdeiro.

Todas estas notícias foram-me dadas por Biondello. Nesta pessoa o Príncipe foi contemplado com um verdadeiro tesouro. Com cada dia que passa ele torna-se mais indispensável, com cada dia que passa descobrimos nele um novo talento qualquer. Há dias, o Príncipe exaltou-se e não podia adormecer. A luz nocturna tinha sido apagada e nenhum toque de campainha podia acordar o camareiro que tinha saído de casa ao encontro dos seus amores. O Príncipe decide então levantar-se ele próprio para chamar um dos seus homens. Não tinha ido ainda muito longe quando lhe soa ao longe uma música suave. Vai atrás do som como se estivesse enfeitiçado e encontra Biondello no seu quarto tocando flauta, com os seus camaradas à sua volta. Não quer acreditar nos seus olhos, nos seus ouvidos, e ordena-lhe que continue. Com uma leveza digna de admiração, ele toca de improviso o mesmo adagio comovente com as mais felizes variações e todos os requintes de um virtuose. O Príncipe, que é como sabeis um conhecedor, afirma que ele podia apresentar-se na melhor orquestra.

«Tenho de despedir este homem», disse-me na manhã seguinte; «sou incapaz de remunerá-lo de acordo com o seu mérito.» Biondello, que havia captado estas palavras, aproximou-se. «Meu Senhor», disse, «se fizerdes tal coisa estareis a roubar-me a minha melhor remuneração.»

«Estás destinado a algo melhor do que a servir», disse o meu senhor. «Não posso obstar à tua felicidade.»

«Não me imponhais uma felicidade diferente, mui clemente Senhor, do que aquela que escolhi para mim próprio.»

«E negligenciar tal talento – Não! Não posso admiti-lo.»

«Então permiti-me, meu Senhor, que o exercite entretanto na Vossa presença.»

E para tal foram imediatamente feitas diligências. Biondello recebeu um quarto junto da câmara onde dormia o seu senhor, podendo com música embalá-lo para o adormecer e com música despertá-lo do sono. O Príncipe queria duplicar o seu ordenado, o que ele porém proibiu com a seguinte explicação: que o Príncipe lhe permita depor essa clemente dádiva como um capital que ele talvez tivesse necessidade de levantar dentro de pouco tempo. O Príncipe espera pois que ele venha ter com ele nos tempos mais próximos para pedir qualquer coisa; e seja o que for, está-lhe garantido com antecedência. Desejo-vos uma vida boa, meu muito caro amigo. Fico impacientemente à espera de notícias de K***n.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Terceira carta

4 de Junho

O Marquês de Civitella, que se encontra inteiramente restabelecido dos seus ferimentos, fez-se na semana passada introduzir na presença do Príncipe por meio do seu tio, o cardeal, e desde esse dia segue-o como a sua sombra. Sobre este Marquês, Biondello não me disse porém a verdade, ou pelo menos exagerou-a bastante. Uma pessoa de aparência muito agradável e de trato irresistível. Não é possível ter-lhe animosidade; conquistou-me à primeira vista. Imaginai a mais encantadora figura, um porte digno e gracioso, um rosto pleno de espírito e alma, uma expressão aberta e convidativa, um tom de voz insinuante, a mais fluente eloquência, a mais florescente juventude associada a todas as graças da mais requintada educação. Ele nada tem do orgulho sobranceiro, da cerimoniosa rigidez que surge de forma tão insuportável nos nossos aristocratas. Tudo nele respira cordialidade alegre e juvenil, simpatia, calor afectivo. As suas extravagâncias devem ter sido relatadas de forma bastante exagerada, nunca vi uma imagem de saúde mais perfeita e bela. Se ele é realmente tão ruim como me diz Biondello, estão é uma sereia a que ninguém pode resistir.

Comigo ele mostrou-se logo muito aberto. Confessou-me com a mais simpática franqueza que não se encontra nos melhores termos com o seu tio, o Cardeal, e que deve tê-lo merecido. Porém, ele estaria seriamente decidido a tornar-se melhor e o mérito de tal facto caberia ao Príncipe. Ao mesmo tempo ele teria a esperança de se ver reconciliado por meio deste com o seu tio, uma vez que o Príncipe conseguiria obter

tudo do Cardeal. Ter-lhe-ia faltado até então apenas um amigo e líder, e esperaria ganhar ambas as coisas no Príncipe.

O Príncipe serve-se também de todos os direitos de um líder e trata-o com a atenção e severidade de um mentor. Mas precisamente essa relação também lhe dá certos direitos sobre o Príncipe, que ele sabe fazer valer muito bem. Já não sai do lado dele, está em todas as iniciativas em que participa o Príncipe; para o Bucentauro ele é – e é essa a sua sorte! muito jovem até agora. Em toda a parte em que aparece com o Príncipe, desvia-o da sociedade com o requinte com que o sabe entreter e atrair até si. Ninguém, dizem, conseguiu domá-lo e o Príncipe mereceria tornar-se numa lenda se conseguisse essa gigantesca proeza. Mas receio muito que a página se volte em vez disso e que seja o líder a ir à escola do discípulo, para o que parecem apontar já todas as circunstâncias.

O Príncipe de **d** já partiu, o que nos causou prazer a todos, sem excluir o meu Senhor. O que tinha profetizado, muito caro O**, aconteceu realmente. Com caracteres tão opostos, com colisões tão inevitáveis, esse bom entendimento não podia durar. O Príncipe de **d** não estava ainda havia muito tempo em Veneza e surgiu um problemático *cisma* no mundo espiritual, o que fez com que o Príncipe corresse o risco de perder metade dos seus admiradores. Por toda a parte onde ele era visto, estava no seu caminho esse rival que possuía precisamente a necessária dose de minúsculos ardis e de vaidosa autosuficiência para fazer valer qualquer vantagem, por mais pequena que fosse, que o Príncipe lhe concedia através de si próprio. Uma vez que dispunha simultaneamente de todas as minuciosas artimanhas, cujo uso estava proibido ao Príncipe por um nobre sentimento de si, foi portanto inevitável que ele reunisse em pouco tempo os néscios à sua volta e se evidenciasse no comando de uma trupe que era digna dele*¹. O mais sensato teria aliás sido não entrar em nenhuma forma de competição com um adversário de tal calibre e alguns meses antes essa teria sido a opção tomada pelo Príncipe. Mas agora ele já tinha ido demasiado longe, arrebatado pela corrente, para poder atingir de novo a margem tão depressa. Estas ninharias haviam, embora apenas devido às circunstâncias, adquirido para ele um certo valor e, se ele as tivesse realmente desprezado, o seu orgulho não lhe permitiu renunciar a elas numa altura em que a sua cedência teria valido menos como uma livre decisão do que como um reconhecimento da sua derrota. A isso juntou-se a infeliz troca de palavras

*1 O duro juízo que o Barão de F**, aqui e nalgumas passagens da primeira carta, se permite formular, será considerado, por mim e por quem tiver a felicidade de conhecer mais de perto este Príncipe,

cortantes a favor e contra dos dois lados e o espírito de rivalidade que animava os seus acólitos tinha-se apoderado também dele. Para conservar portanto as suas conquistas, para se manter no lugar duvidoso que a opinião do mundo lhe havia apontado, ele pensou que teria de acumular as oportunidades para brilhar e fidelizar pessoas, e isso só podia ser alcançado por uma pompa principesca; daí as eternas festas e banquetes, dispendiosos concertos, presentes e jogo de alta parada. E uma vez que esta estranha correria em breve se transmitiu ao séquito e criadagem de ambas as partes que, como sabeis, costuma ser muito mais vigilante no que respeita ao artigo da honra do que a sua senhoria, logo ele tinha de vir em ajuda da boa vontade dos seus homens por meio da sua liberalidade. Toda uma longa cadeia de misérias, tudo inevitáveis consequências de uma única fraqueza bastante perdoável, pela qual o Príncipe se deixou enredar num infeliz momento!

É certo que nos livrámos do rival, mas o que ele estragou não pode ser refeito tão facilmente. O cofre do Príncipe está esgotado; o que ele poupou desde há anos por meio de uma sábia economia desapareceu; temos de apressar-nos a sair de Veneza se não quisermos que ele se precipite em dívidas que ele até agora havia evitado com todo o cuidado. A partida também foi firmemente decidida logo que vier uma nova remessa de dinheiro.

Ainda se o meu Senhor tivesse tido uma única alegria nesses encargos! Mas nunca estive tão infeliz como agora. Ele sente que não é o que foi – busca-se a si próprio – está insatisfeito consigo próprio e precipita-se para novas distrações para fugir às consequências das antigas. Um novo conhecimento segue-se a outro, que o arrebatava cada vez mais para o fundo. Não vejo o que poderá vir daqui. Temos de partir – aqui não há qualquer salvação – temos de partir de Veneza.

Mas, muito caro amigo, ainda não chegou qualquer linha da vossa parte! Como posso explicar-me este longo e obstinado silêncio?

exagerado e passível de ser atribuído à mente convencida do jovem avaliador que emite tal avaliação.
(Nota do Conde de O**)

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O***

Quarta carta

12 de Junho

Recebi os meus agradecimentos, muito caro amigo, pelo sinal da vossa recordação que me foi trazido pelo jovem B***hl. Mas por que falais aí de cartas que seria suposto eu ter recebido? Não recebi qualquer carta vossa, nem uma linha. Que desvio terão elas tomado! De futuro, muito caro O**, se me quiserdes honrar com cartas, enviai-mas via Trento e à direcção do meu Senhor.

Afinal tivemos de dar o passo, muito caro amigo, que tínhamos até agora felizmente evitado. – As remessas não chegaram, pela primeira vez nesta situação da mais urgente carência, e vimo-nos colocados perante a necessidade de recorrer a um agiota, uma vez que o Príncipe gosta de pagar mais caro o sigilo. O pior neste desagradável incidente é que ele atrasa a nossa partida.

Nessa ocasião chegou-se a alguns esclarecimentos entre mim e o Príncipe. Todo o negócio tinha passado pelas mãos de Biondello e já lá estava o judeu antes de eu ter alguma ideia do assunto. Ver o Príncipe levado a tais extremos apertava-me o coração e reavivou em mim todas as memórias do passado, todos os temores do futuro, de tal maneira que devo ter tido uma aparência algo indisposta e sinistra assim que o agiota saiu. O Príncipe, que a visita anterior já havia tornado muito susceptível, andava no quarto para cá e para lá de mau humor, os rolos ainda estavam em cima da mesa, eu estava junto à janela a contar as vidraças da Procuradoria, houve um longo silêncio; finalmente ele rompeu-o.

«F***!» principiou: «Não posso suportar rostos sombrios à minha volta.»

Fiquei silencioso.

«Por que não me respondeis? – Não vejo eu que há em vós algo que quer pôr cá fora o que vai no vosso coração, despejar a vossa indisposição? E eu quero que faleis. De outro modo ficareis surpreendido pelas coisas sábias que silenciais.»

«Se estou de aparência sombria, meu Senhor», disse eu, «isso é apenas porque não vos vejo bem disposto.»

«Eu sei», continuou ele, «que não estais de acordo comigo – já desde há algum tempo – que todos os meus passos merecem a vossa desaprovação – que – O que escreve o Conde de O**?»

«O Conde de O** não me escreveu nada.»

«Nada? Como podeis negá-lo? Tendes confidências em comum – vós e o Conde! Sei bastante bem. Mas confessai-o. Não tentarei penetrar nos vossos segredos.»

«O Conde de O**», disse eu, «deve-me ainda uma resposta à primeira de três cartas que lhe escrevi.»

«Fiz mal», continuou. «Não é verdade?» (agarrando num rolo) - «Náo deveria ter feito isto?»

«Entendo muito bem que isso tenha sido *necessário*.»

«Náo deveria ter chegado a essa necessidade?»

Fiquei calado.

«É certo! Não deveria ter ousado nunca ir com os meus desejos para além *daquilo*, e deveria chegar a velho da mesma maneira que cheguei a homem! Porque ousou sair por uma vez da triste uniformidade da vida que tive até aqui e procurar em volta para ver se nalguma parte se abre para mim uma fonte de prazer – porque eu - »

«Se se tratou de uma tentativa, mui clemente Senhor, nada mais tenho a dizer – então as experiências que ela vos proporcionou não foram adquiridas por um preço muito alto, ainda que ele fosse três vezes maior. Doe-me ver, confesso-o, que a opinião do mundo tenha uma palavra a dizer acerca de uma questão que apenas diz respeito ao vosso coração, o modo *como* deveis ser feliz.»

«Sois venturoso se puderdes desprezá-la, a opinião do mundo! Sou a sua criatura, tenho de ser o seu escravo. Tudo em nós Príncipes é opinião. A opinião é a nossa ama e educadora na infância, a nossa legisladora e amante nos anos viris, a nossa muleta na velhice. Tirai-nos o que recebemos da opinião e o mais vil ser das outras classes estará melhor do que nós; pois o seu destino ajudou-o a atingir uma filosofia que o consola desse mesmo destino. Um Príncipe que escarneça da opinião suprime-se a si mesmo, como um padre que nega a existência de um Deus.»

«E contudo, mui clemente Príncipe -»

«Sei o que quereis dizer. Posso ultrapassar o círculo traçado à minha volta pelo meu nascimento – mas poderei também arrancar da minha memória todas as concepções ilusórias que a educação e os hábitos prematuros nela implantaram e que centenas de milhares de tontos por entre vós fundamentaram de forma cada vez mais sólida? Cada pessoa gostaria de ser *inteiramente* o que *é*, e a nossa existência só ocorre uma vez, *de ter uma aparência feliz*. Uma vez que não podemos *ser* à vossa maneira, será que não deveríamos existir de todo? Se não podemos ir buscar a alegria directamente à sua pura

fonte, será que não poderemos iludir-nos também com um prazer artificial, não poderemos receber da mão que nos roubou uma pequena compensação?»

«Até aqui haveis encontrado *esta* no vosso coração?»

«E se já não a encontro aí? – Oh porque chegámos a este assunto? Porque haveis tido de despertar em mim estas recordações? – Se busquei refúgio nesse tumulto dos sentidos, a fim de anestesiar uma voz interior que perfaz a infelicidade da minha vida - a fim de pacificar essa razão cogitativa, que anda para trás e para diante como uma foice cortante no meu cérebro e que com cada nova pesquisa corta um novo ramo à minha felicidade?»

«Meu muito bom Príncipe!» - Tinha-se levantado e andava pelo quarto numa agitação inusitada.¹⁶

«Se tudo diante e atrás de mim se afunda – o passado fica para trás numa triste uniformidade como um reino de petrificação – se o futuro nada me oferece – se eu vejo todo o círculo da minha existência encerrado no espaço estreito do presente – quem me censurará se eu cerrar nos meus braços essa magra oferta do tempo – o momento – de maneira ferosa e insaciável como um amigo que vejo pela última vez?»

«Mui clemente Senhor, até aqui acreditastes num bem duradouro ->

«Oh fazei com que a configuração das nuvens se mantenha e eu bater-me-ei por isso com os ardentes braços. Que alegria me pode ser dada por favorecer aparências que amanhã desaparecerão como eu? – Não será tudo uma fuga em meu redor? Tudo se choca e empurra o seu vizinho para o lado para beber apressadamente uma gota da fonte da existência e ir-se embora sedento. Agora no momento em que me alegro com a minha energia já há uma vida que depende da minha destruição para surgir. Mostrai-me algo que dure e serei virtuoso de boa vontade.»

«O que terá feito desaparecer os bondosos sentimentos que foram outrora o prazer e o fio condutor da vossa vida? Implantar Estados para o futuro, servir uma ordem superior e eterna ->

«Futuro! Ordem eterna! – Ponhamos de parte o que o ser humano tirou do seu próprio seio e da sua imaginada divindade como sendo um objectivo, o que atribuiu à natureza como sendo uma lei – o que resta então? Vejo o que me antecedeu e o que se me seguirá como duas capas negras e impenetráveis que pendem sobre ambos os limites da vida humana e que nenhum ser vivo pôde ainda desvendar. Há já muitas centenas de gerações que estão diante delas e se deitam a adivinhar sobre o que poderia estar por detrás. Muitos vêm a sua própria sombra, as figuras da sua paixão, movimentando-se

aumentadas na capa do futuro e estremecem aterradas com a sua própria imagem. Poetas, filósofos e fundadores de Estados pintaram-nas com os seus sonhos, de forma mais risonha ou sinistra, consoante o céu estivesse lá em cima coberto ou sereno; e vista de longe a perspectiva iludia. Também muitos trapaceiros utilizaram essa curiosidade geral e surpreenderam as fantasias tensas com estranhos disfarces. Um profundo silêncio reina por detrás dessa capa, ninguém que esteja por detrás dela dá qualquer resposta para o lado de cá; tudo o que se ouviu foi uma reprodução oca da questão, como se se tivesse gritado para uma caverna. Para trás dessa capa todos têm de passar e todos a agarram com terror, sem saberem quem estará lá por detrás e os receberá; quid sit id, quod tantum perituri vident¹⁷. Existem também, é certo, incrédulos que afirmam que tal capa só ilude as pessoas e que nada se teria observado porque tão pouco haveria qualquer coisa por detrás; mas a fim de os calar, houve quem os enviasse rapidamente para lá.»

«Sempre houve um rápido desfecho quando as pessoas não tinham melhores motivos para além de nada terem visto.»

«Ora vede, caro amigo, de bom grado eu me limito para não olhar para trás dessa capa – e o mais sensato será desabituar-me de toda a espécie de curiosidade. Mas na medida em que traçar à minha volta esse círculo intransponível e encerrar todo o meu ser dentro dos limites do presente, tanto mais importante se torna para mim essa pequena mancha que eu já estava em risco de negligenciar por causa de pensamentos de conquista fúteis. Aquilo que designais como o objectivo da minha existência já não me diz respeito. Não me posso subtrair a ele, não posso contribuir para ele; mas sei e acredito firmemente que tenho de cumprir e cumpro tal objectivo. Sou igual a um mensageiro que transporta uma carta lacrada para o lugar do seu destino. O que a carta contém pode ser-lhe indiferente – ele só tem a ganhar o seu salário como portador.»

«Em que pobreza me deixais ficar!»

«Mas para onde é que nos desviámos?» exclamou então o Príncipe olhando com um sorriso para a mesa onde estavam os rolos. «Ou talvez não nos tenhamos desviado tanto assim!», acrescentou - «pois talvez me volteis a encontrar agora nesta nova forma de vida. Também eu não pude desabituar-me tão depressa da riqueza das ilusões, desprender tão depressa os suportes da minha moralidade e da minha felicidade do amável sonho com que tão firmemente estava enleado tudo o que até então tinha vivido em mim. Tinha a nostalgia da leviandade que torna suportável a existência da maior parte das pessoas em meu redor. Tudo o que me levava para longe de mim

mesmo era bem-vindo. Permite que lhe confesse? Desejava *afundar-me* para destruir essa fonte do meu sofrimento mais a sua energia.»

Aqui fomos interrompidos por uma visita – De futuro entreter-vos-ei com uma novidade que dificilmente esperareis a seguir a uma conversa como a de hoje. Desejo-vos uma vida boa.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Quinta carta

1 de Julho

Uma vez que a nossa despedida de Veneza se aproxima na realidade a passos largos, esta semana deveria ser utilizada para recuperar ainda tudo o que é digno de ser visto em matéria de pinturas e edifícios e que se vai adiando numa longa estadia. Tinham-nos sobretudo falado com grande admiração das Bodas de Caná de Paolo Veronese, que pode ser vista na ilha de S. Giorgio num mosteiro beneditino. Não espereis que vos faça uma descrição desta extraordinária obra de arte, que me proporcionou uma visão que, embora muito surpreendente, não me deu grande prazer. Teríamos necessitado de tantas horas como minutos para abranger uma composição de cento e vinte figuras com mais de trinta pés de largura. Que olhar humano pode atingir um todo assim composto e gozar *numa* impressão toda a beleza que o artista ali desbaratou! Mas é pena que uma obra com este conteúdo, que deveria brilhar num local público e ser apreciada por toda a gente, não tenha melhor destino do que o de distrair um número de monges num refeitório. Também a igreja deste mosteiro não merece menor atenção. É uma das mais belas desta cidade.

Ao fim da tarde fizemo-nos transportar para a Giudecca, para passar uns belos momentos nos encantadores jardins que lá existem. O grupo, que não era muito grande, dispersou-se pouco depois e Civitella, que já durante todo o dia havia buscado uma oportunidade de me falar, levou-me para junto de um buxo.

«Sois o amigo do Príncipe», começou ele, «diante de quem ele não costuma ter segredos, como sei de fonte muito fiel. Quando entrei hoje no seu hotel ia a sair um homem cujo negócio me é conhecido – e a testa do Príncipe estava nublada quando cheguei à sua presença.» - Quis interrompê-lo - «Não podeis negá-lo», continuou, «conheci o meu homem, formei muito bem uma opinião sobre ele – Seria possível? Que

o Príncipe tenha amigos em Veneza, amigos que *lhe* são devedores com o sangue e a vida, e que seja levado a servir-se de tais criaturas num caso de urgência? Sede sincero, Barão! – O Príncipe está numa situação embaraçosa? – É em vão que tentais ocultá-lo. O que não souber por meio de vós irei sabê-lo junto do meu homem, que desbarata qualquer segredo.»

«Senhor Marquês -»

«Perdoai. Tenho de parecer indiscreto para não me tornar ingrato. Devo ao Príncipe a vida e, o que para mim vai além da vida, um uso racional da mesma. Se eu vejo o Príncipe dar passos que *lhe* são custosos, que estão abaixo da sua dignidade; se está no meu poder poupá-lo a isso, será que me deveria comportar de forma passiva?»

«O Príncipe não está numa situação embaraçosa», disse eu. «Algumas transferências de dinheiro que esperávamos que chegassem via Trento, ainda não o fizeram sem que soubéssemos as razões. Sem dúvida que isso foi casual – ou porque se esperava, na incerteza acerca da sua partida, que ele desse instruções mais precisas. Ora tal acabou de ser executado e até então -»

Ele abanou a cabeça. «Não vos equivoqueis acerca da minha intenção», disse ele. «Não pode tratar-se aqui de minorar o quanto devo ao Príncipe – seriam para isso suficientes todas as riquezas do meu tio? Trata-se de poupar-lhe um único momento desagradável. O meu tio possui uma grande fortuna, da qual posso dispor como se fosse minha. Um feliz acaso apresenta-me uma situação provavelmente única em que posso tornar-me útil ao Príncipe na medida das minhas possibilidades. Sei», continuou, «ao que a delicadeza obriga o Príncipe – mas ela também é recíproca – e seria um gesto magnânimo da sua parte se me proporcionasse esta pequena satisfação, nem que fosse apenas pela aparência – para me tornar menos sensível a carga da dívida que me pesa.»

Ele não desistiu até que *lhe* prometi fazer todos os possíveis; conhecia o Príncipe e tinha poucas esperanças. Ele queria aceitar todas as condições que este último *lhe* impusesse, embora confessasse que ficaria sensivelmente magoado se o Príncipe o tratasse como um estranho.

Tínhamo-nos no calor da conversa afastado bastante e perdido do resto do grupo; estávamos no caminho de volta quando Z*** veio ao nosso encontro.

«Procuro o Príncipe junto de vós – ele não está aqui? - »

«Queríamos precisamente ir ter com ele. Supúnhamos que o havíamos de encontrar com o resto do grupo -»

«O grupo está junto, mas ele não se encontra em parte nenhuma. Não sei como ele desapareceu da nossa vista.»

Aqui Civitella lembrou-se que talvez lhe tivesse ocorrido visitar a igreja ao lado para a qual ele lhe havia vivamente chamado a atenção. Pusemo-nos logo a caminho para aí o procurarmos. Já de longe descobrimos Biondello, que esperava à entrada da igreja. Quando nos aproximámos, o Príncipe saía algo apressadamente por uma porta lateral; o seu rosto estava incandescente, os seus olhos procuravam Biondello que ele chamou para junto de si. Pareceu ordenar-lhe algo de muito urgente, mantendo sempre o olhar dirigido para a porta que tinha ficado aberta. Biondello apressou-se a entrar na igreja – o Príncipe, sem dar conta da nossa presença, passou por nós, atravessou a multidão e regressou rapidamente ao grupo onde chegou ainda antes de nós.

Foi decidido cear num pavilhão aberto desse jardim, tendo o Marquês organizado sem nós sabermos um pequeno concerto que foi inteiramente excelso. Ouviu-se em particular uma jovem cantora que nos encantou a todos pela sua voz suave, bem como pela sua atraente figura. Nada parecia impressionar o Príncipe; falava pouco e respondia de forma distraída, os seus olhos estavam inquietos e dirigiam-se para o sítio de onde Biondello deveria vir; no seu interior parecia ocorrer um grande movimento. Civitella perguntou se a igreja lhe tinha agradado; ele nada sabia dizer sobre isso. Falou-se de alguns magníficos quadros que a tornavam digna de nota; ele não havia visto nenhum quadro. Notámos que as nossas perguntas o incomodavam e calámo-nos. Passou uma hora após outra e Biondello não tinha ainda regressado. A impaciência do Príncipe atingiu o máximo; levantou-se da mesa antes de tempo e foi passear para cá e para lá numa álea distante. Ninguém entendia o que podia ter-lhe ocorrido. Eu não ousava perguntar-lhe a razão de uma mudança tão estranha; há muito que deixara de ter com ele o anterior trato familiar. Com uma impaciência tanto maior esperei o regresso de Biondello, que deveria esclarecer essa charada.

Já passava das dez horas quando ele regressou. As notícias que ele trouxe ao Príncipe em nada contribuíram para o tornar mais loquaz. Regressou mal-humorado para junto do grupo, a gôndola foi chamada e pouco depois fomos para casa.

Durante toda o serão noite não pudera encontrar uma ocasião para falar com Biondello; tive assim de ir para a cama com a minha curiosidade insatisfeita. O Príncipe havia-nos dispensado cedo; mas mil pensamentos que me passavam pela cabeça mantinham-me desperto. Durante muito tempo, ouvi-o ir de um lado para o outro por cima do meu quarto de dormir; por fim, o sono apoderou-se de mim. Mais tarde, depois

da meia-noite, uma voz acordou-me – uma mão passou por cima do meu rosto; ao levantar os olhos, vi o Príncipe de pé junto da minha cama com uma luz na mão. Não podia dormir, disse e pedi-me que o ajudasse a encurtar a noite. Ia precipitar-me para dentro das minhas roupas – ele ordenou-me que ficasse assim e sentou-se diante da minha cama.

«Aconteceu-me hoje uma coisa», principiou, «que deixará uma impressão inapagável no meu ânimo. Saí do pé de vós, como sabeis, para ir à igreja de ***, para a qual Civitella me havia despertado a curiosidade e que já ao longe tinha atraído o meu olhar. Uma vez que nem vós nem ele estavam ao meu alcance, fiz sozinho esses poucos passos; deixei Biondello à minha espera na entrada. A igreja estava completamente vazia – uma escuridão terrível e fria rodeou-me quando entrei, vindo da luz do dia quente e húmida, que encandeava. Vi-me só na ampla abóbada onde dominava um silêncio cerimonioso e tumular. Coloquei-me no meio da catedral e entreguei-me a toda a plenitude dessa impressão; aos poucos, as grandes proporções dessa majestosa construção foram-se fazendo notar melhor aos meus olhos, perdi-me numa contemplação séria e maravilhada. O sino da tarde soava sobre mim, o seu som ecoava com suavidade nessa abóbada como na minha alma. Algumas peças de altar tinham despertado ao longe a minha atenção; aproximei-me para as contemplar; sem dar por isso, tinha caminhado ao longo de todo esse lado da igreja até à extremidade oposta. Aqui contorna-se uma coluna e sobe-se umas escadas para uma capela lateral, onde vários altares mais pequenos e estátuas de santos estão colocados em nichos. Ao entrar na capela à direita – ouvi perto de mim um murmurar suave, como alguém que fala baixo – volto-me para o lado donde vem o som e – a dois passos de mim deparo com uma figura feminina - - Não! Não posso descrevê-la, essa figura! – O susto foi a minha primeira sensação, que rapidamente deu lugar ao mais doce espanto.»

«E essa figura, mui clemente Senhor – tendes também a certeza de que ela era algo vivo, real, não um mero quadro, um rosto da vossa fantasia?»

«Ouvi-me pois – era uma dama – Não! Até esse momento eu nunca tinha visto esse sexo! – Tudo em volta estava sombrio, só por uma única janela e que o dia, já no seu crepúsculo, entrava na capela, o sol não estava em mais lado nenhum senão nessa figura. Com indizível graciosidade – meio de joelhos, meio deitada – ela estava prostrada diante de um altar – o perfil mais ousado, delicado, perfeito, único e inimitável, a mais bela linha na natureza. Negro era o seu manto, ajustado em torno do corpo mais encantador, dos braços mais graciosos e se ampliava à sua volta em pregas

largas, como um vestido espanhol; o seu cabelo longo, loiro pálido, apanhado em duas tranças largas que se tinham soltado pelo seu peso e apareciam por debaixo do véu, caía numa encantadora desordem pelas costas abaixo – uma mão estava posta no cruxifixo e ela repousava sobre a outra, suavemente inclinada. Mas onde encontro palavras para vos descrever o rosto celestialmente belo, no qual uma alma de anjo, como no seu trono, expande toda a plenitude dos seus encantos? O sol da tarde brincava ali e o seu etéreo ouro parecia rodeá-lo com uma auréola. Podeis recordar-vos da Madonna do nosso florentino? – Aqui estava ela inteira, inteira exceptuando as particularidades irregulares que achei serem naquele quadro tão encantadoras, tão irresistíveis.»

No que diz respeito à Madonna, de que o Príncipe fala aqui, trata-se do seguinte. Pouco depois da vossa partida ele conheceu aqui um pintor florentino que tinha sido chamado a Veneza para pintar um altar para uma igreja de que já não me lembro. Ele tinha trazido três outros quadros, que havia destinado à galeria do Palácio Cornaro. Os quadros eram uma Madonna, uma Heloísa¹⁸ e uma Vénus quase despida – todos os três de excepcional beleza e tão iguais no seu valor que era quase impossível alguém decidir-se exclusivamente por um dos três. Só o Príncipe não ficou um só momento hesitante; mal eles tinham sido expostos diante dos seus olhos, a peça com a Madonna atraiu toda a sua atenção; nos outros dois admirou-se o génio do artista, neste ele esqueceu o artista e a sua arte para viver inteiramente na contemplação da sua obra. Estava maravilhado e tocado por ela; mal podia separar-se da peça. O artista, que se via bem que reforçava no coração o juízo do Príncipe, teimava em não separar as três peças e exigia 1500 sequins para todas. Metade foi o que lhe ofereceu o Príncipe por essa única – o artista insistiu nas suas condições e quem sabe o que teria ainda acontecido se não se tivesse encontrado um comprador decidido. Duas horas depois, todas as três peças tinham desaparecido; nunca mais as vimos. Esse quadro vinha agora à memória do Príncipe.

«Eu estava», continuou ele, «estava perdido ao avistá-la. Ela não reparou em mim, não se deixou perturbar com a minha presença, afundada como estava na sua devoção. Ela rezava à sua divindade e eu a ela – sim, eu venerava-a – Todas essas imagens dos santos, esses altares, essas velas acesas, não me haviam feito lembrar nada; agora fui arrebatado pela primeira vez, como se estivesse num lugar santo. Deverei confessar-vos? Acreditei nesse momento, com a firmeza de um rochedo, naquele que a sua bela mão segurava. Pois eu li a sua resposta nos seus olhos. Graças à sua encantadora devoção! Ela tornou-o real a meus olhos – eu segui-a por todos os seus céus.

Ela levantou-se e só então é que eu voltei a mim mesmo. Confuso e tímido, desviei-me para o lado e o barulho que fiz levou-a a descobrir-me. A proximidade insuspeitada de um homem tinha de surpreendê-la, o meu atrevimento podia ofendê-la; nada disso estava no olhar que ela me lançou. Serenidade, indizível serenidade havia ali, e um sorriso bondoso brincava nas suas faces. Ela descia do seu céu – e eu era a primeira e feliz criatura que se oferecia à sua boa vontade. Ela pairava ainda nos finais da sua prece – ainda não tinha tocado na terra.

Noutro canto da capela algo se mexeu também. Era uma senhora de idade que se levantou mesmo atrás de mim de um genuflexório. Eu não tinha até então dado por ela. Estava apenas a alguns passos de distância, tinha visto todos os meus movimentos. Isso incomodou-me – preguei os olhos ao chão e passaram por mim.

Vi-as descer a longa nave. A bela figura está de pé – Que amável majestade! Que nobreza no andar! Já não é o ser de anteriormente – novas Graças – uma aparição inteiramente nova. Sigo-as de longe com timidez, indeciso sobre e deveria ter a ousadia de alcançá-las? não deveria? - Será que não me oferece mais nenhum olhar? Será que me ofereceu um olhar ao passar por mim, quando eu não pude levantar os olhos para ela? – Oh como me martirizava essa dúvida!

Elas estão paradas e eu – não posso mover nenhum pé daquele lugar. A dama mais idosa, a sua mãe ou o que fosse, nota a desordem nos seus belos cabelos e põe-se a arranjá-los, dando-lhe a sombrinha para segurar. Oh quanta desordem desejei ver nesses cabelos, quanta falta de jeito nessas mãos!

A *toilette* ficou composta e aproximaram-se da porta. Apressei os meus passos – Metade da figura desaparece- e mais outra – só fica a sombra do seu vestido a esvoaçar – Ela partiu – Não, volta. Uma flor tinha-lhe caído, ela baixa-se para a apanhar – olha uma vez mais para trás e – para mim? – Quem poderia ela além de mim buscar nessas paredes mortas? Portanto, eu já não era para ela um ser estranho – também a mim me deixou para trás, como a sua flor – Caro F***, envergonho-me de dizer-vos, como foi infantil a minha interpretação desse olhar que – talvez nem sequer fosse para mim!»

Sobre esta última coisa creio ter podido tranquilizar o Príncipe.

«Estranho», continuou o Príncipe depois de um profundo silêncio, «é possível que nunca se tenha conhecido nem dado pela falta de algo e alguns momentos mais tarde só se possa viver nesse lugar? Pode um único momento separar o ser humano em dois seres tão desiguais? Ser-me-ia tão impossível regressar às alegrias e desejos da manhã de ontem como aos jogos da minha infância, desde que vi *aquilo*, desde que essa

imagem mora aqui – esse sentimento vivo e poderoso em mim: Nada mais podes amar do que *aquilo*, e neste mundo nada mais terá efeito sobre ti.»

«Pensai, mui clemente Senhor, como era impressionável o estado de espírito em que vos encontráveis quando essa aparição vos surpreendeu, e e quantas coisas se conjugaram para intensificar a vossa imaginação. Subitamente levado da clara e incandescente luz do dia, do turbilhão da rua para essa silenciosa escuridão – inteiramente entregue às sensações que, como vós mesmo confessais, a calma, a majestade desse lugar agitou em vós – tornado mais receptível à beleza pela contemplação de belas obras de arte – simultaneamente só e solitário na vossa opinião – e de repente pois – ali perto – surpreendido pela figura de uma jovem, sem testemunhas – por uma beleza que, admito de bom grado, se viu realçada ainda mais por uma iluminação favorável, uma posição feliz, uma expressão de devoção entusiasmada – o que terá sido mais natural do que a vossa fantasia tenha configurado a partir daí algo ideal, algo sobrenaturalmente perfeito?»

«Poderá a fantasia dar algo que nunca tenha recebido? – e em toda a minha exposição nada existe que eu possa adicionar a essa imagem. Inteira e inalterada, como no momento do olhar, ela está na minha memória; nada mais tenho do que essa imagem – mas podeis-me oferecer um mundo em troca!»

«Mui clemente Príncipe, isso é amor.»

«Terá necessariamente de ser um nome no qual posso ser feliz? Amor! – Não rebaixeis o meu sentimento com um nome que foi conspurcado por mil almas débeis! Que outro ser sentiu o que eu sinto? Tal ser não existia ainda, como pode o nome estar lá antes do sentimento? É um sentimento novo, único, surgido de novo com esse novo e único ser, só possível pra esse ser! – Amor! Estou seguro quanto ao amor!»

«Haveis enviado Biondello – sem dúvida para seguir o rasto da vossa desconhecida, para recolher informações acerca dela? Que notícias vos trouxe ele de volta?»

«Biondello nada descobriu – praticamente nada. Ainda a encontrou à porta da igreja. Um homem de idade, decentemente vestido, que mais se assemelhava a um cidadão local do que a um servo, surgiu para a acompanhar até à gôndola. Um número de indigentes pôs-se em fila enquanto ela passava e deixou-a com uma aparência muito prazenteira. Nessa ocasião, disse Biondello, fez-se ver uma mão onde brilhavam algumas pedras preciosas. Com a sua acompanhante ela conversou qualquer coisa que Biondello não percebeu; afirma que era grego. Como tinham de andar uma considerável distância até ao canal, começou a juntar-se algum povo; o carácter extraordinário dessa

visão fez parar todos os passantes. Ninguém a conhecia – Mas a beleza é uma rainha nata. Tudo lhe cedeu lugar com uma vénia. Ela fez cair sobre o rosto um véu negro que cobria metade do manto e apressou o passo para a gôndola. Ao longo de todo o canal da Giudecca, Biondello manteve a embarcação na linha de mira, mas a multidão impediu-o de continuar a segui-la.»

«Mas ele notou quem era o gondoleiro, para ao menos reconhecer este?»

«Ele crê vir a encontrar o gondoleiro; mas não é nenhum daqueles com quem ele está em contacto. Os indigentes a quem fez perguntas não sabiam mais do que dizer-lhe que a Signora se tem mostrado aqui já desde há algumas semanas e sempre aos sábados e que todas as vezes reparte entre eles uma moeda de ouro. Era um ducado holandês, que ele trocou e me veio trazer.»

«Um grega portanto e nobre, como parece, pelo menos com fortuna e uma benfeitora. Isso seria suficiente para principiar, mui clemente Senhor – suficiente e quase demasiado! Mas uma grega numa igreja católica!»

«Porque não? Pode ter abandonado a sua crença. – Para além disso – é sempre algo misterioso. – Porquê só uma vez por semana? Porquê só aos sábados nessa igreja, quando ela costuma estar abandonada, como me diz Biondello? - O mais tardar no próximo sábado isso tem de decidir-se. Mas até lá, caro amigo, ajudai-me a passar esse intervalo de tempo! Mas em vão! Os dias e as horas seguem o seu passo tranquilo e o meu desejo tem asas.»

«E quando esse dia surgir – o que será, mui clemente Senhor? O que deverá acontecer então?»

«O que deverá acontecer? – Hei-de vê-la. Investigarei sobre a sua estadia. Saberei quem ela é. – Quem ela é? – O que me pode interessar isso? O que *eu vi* fez-me feliz, portanto já sei tudo o que pode fazer-me feliz!»

«E a nossa partida de Veneza, que foi marcada para o princípio do próximo mês?»

«Teria podido eu saber de antemão que Veneza encerraria para mim tal tesouro? – Fazeis-me perguntas acerca a minha vida de ontem. Digo-vos que apenas sou e quero ser de hoje em diante.»

Pensei então ter encontrado a ocasião para cumprir o que prometera ao Marquês. Fiz notar ao Príncipe que a sua permanência prolongada em Veneza não era de modo algum compatível com o estado enfraquecido da sua bolsa e que, no caso de ele prolongar a sua estadia para além da data fixada, não seria de esperar grande apoio por parte da sua corte. Nessa ocasião eu soube que, o que até então havia sido para mim um segredo, que

lhe haviam sido pagos consideráveis subsídios pela sua irmã, regente *** de ***, de forma exclusiva em relação aos outros irmãos e às escondidas; ela estaria disposta a duplicá-los se a sua corte o deixasse desamparado. Essa irmã, uma beata fanática como sabeis, crê que as grandes poupanças que ela faz numa corte limitada não podem estar em melhores mãos do que nas de um irmão de que conhece a forma sábia de bem-fazer e que admira com entusiasmo. É certo que eu sabia que entre ambos existe uma relação muito concreta, e também que foram trocadas muitas cartas; mas uma vez que as despesas do Príncipe haviam sido até então alimentadas pelas fontes conhecidas de modo suficiente, nunca tinha deparado com essa fonte oculta de apoio. Portanto é claro que o Príncipe teve despesas que me eram um mistério e o são ainda agora; e se posso tirar conclusões a partir do resto do seu carácter, não serão outras que não possam honrá-lo. E podia eu imaginar que o havia descoberto? – Muito menos acreditei, depois dessa descoberta, que poderia demorar mais tempo a revelar-lhe a oferta do Marquês – que para minha não pequena admiração foi aceite sem nenhuma dificuldade. Deu-me plenos poderes para tratar da questão com o Marquês do modo que achasse melhor e libertar-se logo ao mesmo tempo do agiota. Era preciso escrever sem demora à sua irmã.

Era manhã quando nos separámos. Por mais desagradável que esta ocorrência, por mais de um motivo, seja e tenha de ser, o mais deprimente é o facto de ela ameaçar prolongar a nossa estadia em Veneza. Desta paixão agora iniciada espero muito mais coisas boas do que ruins. Ela é talvez o meio mais forte de fazer regressar o Príncipe dos seus devaneios metafísicos ao plano de uma humanidade normal: terá, como espero, a crise habitual e, como uma doença artificial, levará consigo também a antiga.

Desejo-vos tudo de bom, muito caro amigo. Escrevi-vos tudo isso ainda com os acontecimentos rescos. O correio segue agora mesmo; receberéis esta carta com a anterior *num* dia.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Sexta carta

20 de Julho

Este Civitella é a pessoa mais prestimosa do mundo. Mal o Príncipe me deixara, já estava a chegar um bilhete do Marquês em que me aconselhava tratar da questão com a máxima urgência. Enviei-lhe imediatamente um recibo em nome do Príncipe no montante de 6000 sequins; em menos de meia hora ele foi trazido de volta juntamente

com a soma a dobrar, tanto em vales como em dinheiro líquido. A este aumento da soma o Príncipe deu também finalmente o seu acordo; mas o recibo, que só tinha a validade de seis semanas, teve de ser aceite.

Toda a semana se passou com investigações acerca da misteriosa grega. Biondello pôs todas as suas maquinarias em movimento, mas até agora tudo foi em vão. Embora tivesse encontrado o gondoleiro, nada mais se pôde saber por ele do que o facto de ele ter deixado ambas as damas na ilha de Murano, onde estavam à sua espera duas liteiras para as quais subiram. Ele mencionou-as como sendo inglesas porque teriam falado uma língua estrangeira e pago com ouro. Tão pouco conhecia o seu acompanhante; parecia-lhe ser o proprietário de uma fábrica de espelhos de Murano. Sabíamos agora ao menos que não devíamos procurá-la na Giudecca e que residiria com toda a probabilidade na ilha de Murano; mas o lado infeliz da questão era o facto de a descrição que o Príncipe fez dela não servir de modo algum para a tornar reconhecível por um terceiro. Precisamente a atenção apaixonada com a qual ele devorou por assim dizer a sua imagem havia-o impedido de a *ver*; face a tudo aquilo para o que outras pessoas teriam dirigido de preferência o olhar, ele havia sido inteiramente cego; de acordo com a sua descrição, uma pessoa tentaria antes procurá-la em Ariosto ou Tasso do que numa ilha veneziana. Além disso, esse inquérito tinha de ser feito com o maior cuidado para não dar nas vistas de forma chocante. Uma vez que Biondello tinha sido o único, para além do Príncipe, que a tinha visto, pelo menos através do véu, e podia portanto reconhecê-la, ele procurava-a por toda a parte onde pensava que a podia encontrar na mesma altura; a vida da pobre criatura nada mais foi, durante toda essa semana, do que uma correria permanente por todas as ruas de Veneza. Sobretudo na igreja grega não foi poupado nenhum inquérito, mas tudo com o mesmo resultado negativo; e o Príncipe, cuja impaciência crescia com cada expectativa gorada, teve de consolar-se por fim com o sábado seguinte.

A sua inquietação era terrível. Nada o distraía, nada era capaz de prender a sua atenção. Todo o seu ser estava em movimento febril, ninguém podia contar com ele para qualquer convívio social e o mal agravava-se na solidão. Ora nunca ele foi tão assediado com visitas como precisamente nessa semana. A sua próxima despedida havia sido anunciada, todos se precipitavam em passar. Era preciso manter ocupadas essas pessoas, a fim de desviar dele a atenção prescrutante das mesmas; era preciso mantê-lo ocupado *a ele*, a fim de distrair o seu espírito. Neste impasse, Civitella lembrou-se do jogo e, para pelo menos afastar a multidão, a parada devia ser elevada. Ao mesmo tempo ele

esperava despertar no Príncipe um gosto passageiro pelo jogo, que poderia em pouco tempo abafar esse impulso romântico das suas paixões, para depois ter a possibilidade de lhe ser retirado de novo. «As cartas», disse Civitella, «impediram-me de fazer alguns disparates que tinha a intenção de fazer e remediado outros que havia já feito. A tranquilidade, a razão que me haviam sido levadas por um par de olhos bonitos, fui encontrá-las frequentemente à mesa de jogo, e nunca as mulheres tiveram mais poder sobre mim do que quando me faltou dinheiro para jogar.»

Deixo em aberto se Civitella tinha razão – mas o meio com que havíamos deparado depressa começou a ser ainda mais perigoso do que o mal que era suposto remediar. O Príncipe, que só sabia tornar o jogo fugazmente atractivo por meio de uma aposta elevada, deixou rapidamente de encontrar nele quaisquer limites. Tinha saído para fora da sua ordem. Tudo o que ele fazia adquiria uma forma apaixonada; tudo acontecia com a impaciente brusquidão que dominava nele agora. Conheceis a sua indiferença face ao dinheiro; aqui, ela tornou-se numa inteira insensibilidade. As moedas de ouro escorriam como gotas de água nas suas mãos. Perdia quase ininterruptamente, uma vez que jogava sem qualquer atenção. Perdeu somas enormes porque apostava como um jogador desesperado. – Meu muito caro O**, é com o coração a bater que escrevo isto – em quatro dias os doze mil sequins – e mais ainda, estavam perdidos.

Não me censureis. Eu próprio me censuro quanto basta. Mas será que podia impedi-lo? Ter-me-ia o Príncipe ouvido? Será que poderia fazer mais do que conjecturas? Fiz o que estava nas minhas posses. Não posso achar-me culpado.

Também Civitella perdeu consideravelmente; eu ganhei seiscentos sequins. A notória desgraça do Príncipe deu nas vistas; muito menos podia agora abandonar o jogo. Civitella, que tem uma visível satisfação em vinculá-lo, adiantou-lhe imediatamente a soma. O buraco foi tapado; mas o Príncipe deve 24000 sequins ao Marquês. Oh que saudades tenho das poupanças da sua piedosa irmã! – Serão assim todos os Príncipes, muito caro amigo? O Príncipe não se comporta de outro modo a não ser como se tivesse dado uma grande honra ao Marquês e este – desempenha pelo menos bem o seu papel.

Civitella procurou tranquilizar-me com o facto de precisamente esse exagero, essa extraordinária desgraça, ser o meio mais poderoso para trazer de novo o Príncipe à razão. Com o dinheiro ele não teria dificuldades. Ele próprio não sentiria aquele buraco e estaria disposto a servir o Príncipe a qualquer momento com uma soma três vezes superior. Também o Cardeal me assegurou que a atitude do seu sobrinho era sincera e que ele próprio estaria disposto a dar garantias por ele.

O mais triste era que todos esses enormes sacrifícios nem sequer atingiram o efeito pretendido. Era suposto que o Príncipe se tivesse empenhado a jogar. Nada disso. Os seus pensamentos estavam muito longe e a paixão que queríamos reprimir pareceu obter ainda mais alimento da sua má sorte ao jogo. Quando era suposto fazer uma jogada decisiva e todos se juntavam, cheios de expectativa, à volta da sua mesa de jogo, os seus olhos procuravam Biondello para roubar a essa visão a novidade que ele deveria trazer. Biondello nunca trazia nada – e a folha ficou sempre a perder.

O dinheiro foi aliás parar a mãos muito necessitadas. Algumas Excelências que, segundo dizem as más-línguas, transportam elas mesmas o seu frugal almoço do mercado para casa dentro do chapéu de senador, entraram como mendigos na nossa casa e deixaram-na como pessoas abastadas. Civitella mostrou-mas. «Vede», disse, «quantos pobres diabos ficam a ganhar com o facto de uma cabeça inteligente não estar no seu juízo! Mas isso agrada-me. É principesco e real! Um grande homem tem ainda nos seus desvarios de tornar outras pessoas felizes e fertilizar os campos vizinhos como um rio fora do leito.»

Civitella pensa de forma sensata e nobre – mas o Príncipe deve-lhe 24000 sequins!

O sábado tão ansiosamente esperado acabou por surgir e o meu senhor não deixou de ir ter à igreja de *** logo depois do meio-dia. Tomou lugar precisamente na capela onde tinha visto a sua desconhecida pela primeira vez, mas de modo a que ela não o avistasse logo. Biondello tinha ordem de ficar de vigia junto à porta da igreja e de travar conhecimento com o acompanhante da dama. Eu tinha assumido a tarefa de tomar lugar na mesma gôndola como um insuspeito transeunte na viagem de regresso, para seguir o rasto da desconhecida se o resto falhasse. No mesmo sítio onde ela, de acordo com o depoimento do gondoleiro, se havia feito depor anteriormente, foram alugadas duas liteiras; em acrescento, o Príncipe mandou ainda o camareiro de Z*** seguir-nos numa gôndola à parte. O próprio Príncipe queria ser ele mesmo a viver a sua visão e, se fosse possível, tentar a sua sorte na igreja. Civitella ficou inteiramente afastado, uma vez que goza junto das mulheres em Veneza de uma reputação demasiado ruim, a fim de não fazer com que a dama desconfiasse através da sua intervenção. Vedes, muito caro Conde, que não foi por causa dos nossos preparativos que a bela desconhecida nos escapou.

Nunca terão sido feitos numa igreja votos mais calorosos do que nesta, e nunca eles foram desiludidos com maior crueldade. Até ao pôr-do-sol o Príncipe manteve-se ali, em expectativa face a cada ruído que se aproximava da sua capela, a cada ranger da

porta da igreja – sete horas completas – e nada de grega. Nada vos digo da disposição do seu ânimo. Sabeis o que é uma esperança falhada – e uma esperança da qual se viveu quase unicamente sete dias e sete noites.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Sétima carta

Julho.

A misteriosa desconhecida do Príncipe fez lembrar ao Marquês Civitella uma situação romântica que lhe havia surgido algum tempo antes e, para distrair o Príncipe, ele dispôs-se a no-la transmitir. Vou contá-la para vós com as suas próprias palavras. Mas o espírito enérgico com que ele sabe dar vida a tudo aquilo de que fala perder-se-á certamente na minha exposição.

«Na Primavera passada», contou Civitella, «tive a infelicidade de pôr contra mim o embaixador espanhol, que no seu septuagésimo ano cometeu a loucura de casar com uma romana de dezoito anos e de a querer só para si. A sua vingança perseguia-me e os meus amigos aconselharam-me a escapar às consequências da mesma fugindo a tempo, até que a mão da natureza ou uma ajuda divina me tivessem livrado desse perigoso inimigo. Mas uma vez que me custava demasiado renunciar inteiramente a Veneza, organizei a minha estadia num bairro afastado de *Murano*, onde morava numa casa isolada sob outro nome, deixando-me ficar escondido ao longo do dia e vivendo a noite para os meus amigos e para o prazer.

As minhas janelas davam para um jardim que confinava no lado ocidental com a cercania de um mosteiro, mas do lado oriental entrava na Laguna como uma península. O jardim tinha o mais encantador dos arranjos mas era pouco visitado. De manhã, quando os meus amigos me deixavam, eu tinha o hábito de passar ainda alguns momentos à janela antes de me deitar, de ver subir o sol sobre o golfo e de lhe dizer boa noite. Se ainda não tiverdes gozado este prazer, mui clemente Príncipe, aconselho-vos esse sítio, talvez o mais selecto em toda a Veneza, para gozar essa magnífica visão. Uma noite purpúrea paira sobre as profundezas e um fumo dourado anuncia-a de longe na orla da laguna. Em plena expectativa, o céu e o mar estão em repouso. Dois sinais e lá está ela, inteira e perfeita, e todas as ondas se incendeiam – um espectáculo encantador!

Uma manhã, ao entregar-me como era hábito ao prazer dessa vista, descubro subitamente que não sou a única testemunha do mesmo. Creio ouvir vozes humanas no jardim e quando me volto em direcção ao barulho, apercebo-me de uma gôndola que atraca do lado da água. Poucos momentos depois vejo pessoas aparecerem no jardim e com passos lentos, como se estivessem a passear, vão subindo pela álea. Reconheço um homem e uma mulher que têm junto de si um negrito. A mulher está vestida de branco e um brilhante brinca nos seus dedos; mais não permite distinguir a luz da madrugada.

A minha curiosidade aviva-se. Certamente um encontro e um par amoroso – mas neste lugar e numa hora tão pouco habitual! – pois nem eram três horas e tudo estava velado com a turva luz crepuscular. A ideia parecia-me nova, como base para um romance. Queria esperar pelo final.

Nas pérgolas de folhas do jardim depressa os perco de vista e passa muito tempo até que voltem a aparecer. Um agradável canto enche entretanto o lugar. Vinha do gondoleiro, que encurtava deste modo o tempo na sua gôndola e ao qual era respondido por um camarada na vizinhança. Eram estâncias do Tasso; o tempo e o lugar sintonizavam com elas harmoniosamente e a melodia acabou com um som suave, fazendo-se um silêncio geral.

Entretanto o dia havia nascido e os objectos podiam ser mais nitidamente reconhecidos. Procurei as minhas pessoas. De mãos dadas, sobem agora uma larga álea e param com frequência, mas estão de costas voltadas para mim e o seu caminho afasta-os da minha morada. O decoro do seu andar leva-me a deduzir uma classe elevada, um nobre porte, belo como um anjo, uma beleza invulgar. Falavam pouco, como me pareceu, porém a dama mais do que o seu acompanhante. Não pareciam tomar parte alguma no espectáculo do nascer do sol, que agora se espraiava sobre eles no seu maior esplendor.

Enquanto vou buscar o meu telescópio e o oriento na sua direcção, para me aproximar tanto quanto possível dessa estranha aparição, eles voltam a desaparecer subitamente num caminho lateral e uma longa porção de tempo decorre até eu voltar a vê-los. O sol já nasceu plenamente nessa altura, eles avançam para muito perto de mim, debaixo da minha janela, e olham na minha direcção. - - - Que figura celeste vislumbro! - Era o jogo da minha imaginação, era a magia da iluminação? Pensei que estava a ver um ser sobrenatural e o meu olhar voltou a fugir, vencido pela luz encandeante. – Tanta graciosidade em tanta majestade! Tanto espírito e nobreza em tanta juventude

florescente! – Em vão tento descrever-vos tudo isso. Não tinha conhecido qualquer beleza antes desse momento.

O interesse da conversa fá-los permanecer na minha proximidade e eu tenho toda a disponibilidade de tempo para me perder na maravilhosa visão. Porém, mal o meu olhar caiu no seu acompanhante, nem aquela beleza é já capaz de o chamar de novo. Parecia-me ser um homem nos seus melhores anos, algo magro e de porte grande e nobre – mas de nenhuma frente humana irradiava tanto espírito, algo tão superior, algo tão divino. Eu próprio, embora estivesse ao abrigo de ser descoberto, não podia manter-me sob aquele olhar penetrante que disparava raios por debaixo das sinistras sobrancelhas. À volta dos seus olhos havia uma tristeza serena e comovente, e uma expressão de bondade à volta dos lábios amenizava a turva sisudez que ensombrava todo o rosto. Mas uma certa forma do rosto, que não era europeia, associada a um vestuário escolhido com arrojo e felicidade a partir dos mais variados trajés, mas com um gosto que ninguém poderá imitar, davam-lhe um ar singular que não contribuía pouco para realçar a extraordinária impressão de todo o seu ser. Algo de tresloucado no seu olhar podia dar a impressão de um efanático, mas os gestos e o decoro exterior anunciavam um homem formado pelo mundo.»

Z***, que como sabeis tem de exteriorizar tudo o que pensa, não pôde aqui conter-se por mais tempo. «O nosso arménio!» exclamou. «O nosso arménio em pessoa, mais ninguém!»

«Que arménio, se é permitido perguntar?» disse Civitella.

«Não vos contaram ainda a farsa?» disse o Príncipe. «Mas nada de interrupções! Começo a interessar-me pelo vosso homem. Continuai com a vossa narrativa.»

«Algo incompreensível havia no seu comportamento. Os olhares dele estavam pousados nela de forma significativa, apaixonada, quando ela olhava para outro lado, e tombavam no solo quando se encontravam com os dela. Estará esta pessoa no seu juízo? pensei. Queria ficar ali por uma eternidade e não contemplar mais nada.

Os buxos voltaram a roubar-mos. Esperei muito, muito tempo até os ver surgir de novo, mas em vão. A partir de outra janela volto por fim a descobri-los.

Estavam diante de um lago a uma certa distância um do outro, ambos perdidos num profundo silêncio. Deviam estar há já bastante tempo nessa posição. O olhar dela, aberto e pleno de alma, pousava nele de forma prescrutadora e parecia ler na sua testa todos os pensamentos a germinar. E ele, como se não sentisse em si coragem suficiente para a receber em primeira mão, procurava embaraçado a imagem dela no espelho da água ou

fixava o olhar no golfinho por donde a água corria para o tanque. Quem sabe quanto tempo esse jogo mudo teria durado ainda se a dama o tivesse podido suportar? Com a mais amorável delicadeza, a bela criatura dirigiu-se a ele, pegou, com o braço em torno da sua nuca, numa das suas mãos e levou-a à boca. Negligente, a fria criatura deixou tudo acontecer e a carícia dela permaneceu sem resposta.

Mas havia qualquer coisa nessa cena que me tocou. Foi o homem que me tocou. Uma violenta emoção parecia trabalhar no seu seio, um poder irresistível parecia atraí-lo para ela, um braço oculto parecia puxá-lo para trás. Silenciosa mas dolorosa era essa luta e o perigo tão belamente a seu lado. Não, pensei, ele esforça-se demasiado. Irá, terá de sucumbir.

Com um sinal oculto, o negrito desaparece. Fico à espera de uma cena plena de sensibilidade, de uma súplica de joelhos, de uma reconciliação selada com mil beijos. Nada disso. A indecifrável criatura tira de um saco um pacote lacrado e entrega-o nas mãos da dama. A tristeza estende-se no seu rosto ao vê-lo e uma lágrima brilha no seu olhar.

Depois de um curto silêncio partem. Uma senhora de idade, que se tinha mantido todo o tempo à distância e que só agora descubro, sai de uma álea lateral para juntar-se a eles. Lentamente eles vão descendo, ambas as mulheres em conversa uma com a outra, enquanto ele aproveita a ocasião para ficar para trás sem se fazer notar. Indeciso e com o olhar fixo nela, ele fica parado, volta a andar e a ficar parado. Depois desaparece de vez por entre o buxo.

À frente, as pessoas voltam-se por fim. Parecem inquietas por já não o encontrarem e ficam paradas, ao que parece à espera dele. Ele não vem. Os olhares erram receosos em volta, os passos duplicam. Os meus olhos ajudam a procurar em todo o jardim. Ele continua desaparecido. Não está em parte alguma.

De repente oiço um ruído sussurrante no canal e uma gôndola afasta-se da margem. É ele e faço um esforço para me conter e não o chamar. Era pois já dia. – Era uma cena de despedida.

Ela parecia *suspeitar* do que eu já *sabia*. Mais depressa do que a outra a pode seguir, ela corre para a margem. Demasiado tarde. Com a velocidade de uma flecha, a gôndola voa e desaparece, e só um tecido branco se agita nos ares ao longe. Pouco depois vejo também as mulheres fazerem a travessia.

Quando despertei de um curto sono, tive de rir da minha cegueira. A minha fantasia tinha prosseguido esse episódio em sonhos e agora a verdade também se me tornava

num sonho. Uma jovem encantadora que antes do nascer do dia deambula com o seu amante num jardim afastado diante da minha janela, um amante que não sabe fazer melhor uso desse momento, tudo isso me parecia ser uma composição que quando muito a fantasia de um sonhador podia urdir e desculpar. Mas o sonho era demasiado belo para que eu não o renovasse o mais frequentemente possível, e também me tinha afeiçoado mais ao jardim desde que a minha fantasia o tinha povoado com tão encantadoras figuras. Alguns dias menos risinhos que se sucederam a essa manhã afastaram-me da janela mas a primeira noite amena atraiu-me involuntariamente para lá. Podeis julgar o meu espanto quando, depois de uma busca breve, o manto branco da minha desconhecida brilho ao encontro dos meus olhos. Era ela mesma. Era real. Não me tinha limitado a sonhar.

Estava com ela a matrona de anteriormente, que levava um rapazinho; mas ela mesma ia concentrada em si própria e ao lado. Foram passados em revista todos os lugares que haviam antes chamado a sua atenção através do seu acompanhante. Permaneceu um tempo particularmente longo junto ao lago e o seu olhar fixo parecia procurar em vão a imagem amada.

Se essa beleza superior me havia arrebatado na primeira vez, hoje ela exercia em mim um suave poder que não era menos forte. Eu tinha agora inteira liberdade para contemplar a imagem celeste; o espanto do primeiro momento deu imperceptivelmente lugar a uma doce sensação. Desaparece a auréola à sua volta e nada mais vejo nela do que o mais bonita de todas as mulheres, que põe os meus sentidos ao rubro. Nesse momento ficou decidido. Ela tem de ser minha.

Enquanto pondero se devo descer e aproximar-me dela ou, antes de ousar fazê-lo, recolher antes informações a seu respeito, abre-se uma pequena porta no muro do mosteiro e um monge carmelita sai do mesmo. Face ao barulho que ele faz, a dama abandona o seu lugar e vejo-a dirigir-se a ele com passos vivos. Ele tira do seu seio um papel que ela parecia procurar avidamente e uma viva alegria parece pairar no seu rosto.

Precisamente nesse momento, as minhas habituais visitas da noite afastam-me da janela. Evito-a cuidadosamente, pois não quero abrir mão desta conquista em favor de ninguém. Tenho de ficar toda uma hora nessa embaraçosa impaciência até que consigo arredar esses intrusos. Corro para a minha janela, mas tudo desapareceu!

O jardim está completamente vazio quando desço. Já não há quaquer embarcação no canal. Em parte alguma se vê o rasto de pessoas. Não sei de que região ela vem nem para onde foi. Enquanro dirijo o olhar para todos os lados e ando de cá para lá, vejo uma

coisa branca a brilhar na areia. Ao aproximar-me vejo que é um papel, dobrado na forma de uma carta. Que mais poderia ser senão a carta que o carmelita lhe trouxe? ‘Feliz descoberta’, exclamei. ‘Esta carta revelar-me-á todo o segredo, tornar-me-á senhor do seu destino.’

A carta estava selada com uma esfinge, sem cabeçalho e redigida num código; mas isso não me assustou pois entendo a forma de decifrar. Copio-a rapidamente, pois era de esperar que ela desse em breve por falta da carta e regressasse para a procurar. Se ela já não a encontrasse, isso seria para ela uma prova de que o jardim era visitado por várias pessoas e tal descoberta podia facilmente fazer com que ela se afastasse para sempre. Que poderia ser pior para a minha esperança?

O que eu tinha suposto aconteceu. Mal tinha acabado de fazer a minha cópia quando ela reapareceu com a anterior acompanhante, ambas numa busca receosa. Ato a carta a uma ardósia que tiro do telhado e deixo-a cair num sítio por onde ela tem de passar. A beleza da sua alegria, assim que a encontra, recompensa-me pela minha magnanimidade. Examina-a de todos os lados com um olhar agudo e avaliador, como se quisesse discernir a mão profana que podia ter-lhe tocado; mas a expressão satisfeita com que a guardou provou que estava isenta de desconfiança. Partiu; e um olhar que deitou para trás fez uma despedida de gratidão aos deuses protectores do jardim, que haviam guardado com tanta fidelidade o segredo do seu coração.

Apressei-me então a decifrar a carta. Tentei fazê-lo com várias línguas; por fim consegui com o inglês. O seu conteúdo era para mim tão estranho que o decorei.» -

Estão a interromper-me. O final fica para mais tarde.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Oitava carta

Agosto.

Não, muito caro amigo. Sois injusto com o bom Biondello. É certo que tendes aqui uma suspeita errada. Dou-vos razão com todos os italianos, mas este é honesto.

Achais estranho que uma pessoa de tão brilhantes talentos e um comportamento tão exemplar se rebaixe a servir se não tiver intenções ocultas; e daí tirais a conclusão de que essas intenções têm de ser suspeitas. Como assim? Será novidade que uma pessoa que tem inteligência e mérito procure cair nas graças de um Príncipe que tem o poder de fazer a sua felicidade? Será desonroso servi-lo? Não faz Biondello notar com clareza

suficiente que a sua dedicação pelo Príncipe é pessoal? Ele confessou-lhe aliás que tem no coração um pedido a fazer-lhe. Esse pedido irá sem dúvida esclarecer-nos acerca de todo o mistério. Pode ser que tenha intenções secretas; mas não poderão elas ser inocentes?

Estranhais que este Biondello nos primeiros meses, e foi nesses que nos haveis ainda concedido a vossa presença, tenha mantido ocultos todos os grandes talentos que faz agora vir à superfície e não tenha atraído as atenções de modo algum. Isso é verdade; mas onde teria tido antes oportunidade de mostrar a sua excelência? O Príncipe não precisava ainda dele e os restantes talentos tiveram de ser-nos revelados pelo acaso.

Mas há muito pouco tempo ele deu-nos uma prova da sua dedicação e probidade que deitará por terra todas as vossas dúvidas. O Príncipe está a ser observado. Há quem procure tirar informações secretas acerca do seu modo de vida, dos seus conhecimentos e relações. Não sei quem tem tal curiosidade. Mas escutai.

Aqui em St. Giorgio há uma casa pública aonde Biondello vai com frequência; poderá lá ter algum amor, não sei. Há alguns dias ele esteve lá; encontrou um grupo de pessoas juntas, advogados e funcionários do governo, foliões e gente conhecida. As pessoas surpreendem-se e alegram-se por voltarem a vê-lo. Renova-se o conhecimento antigo, cada um conta a história que viveu até esse momento, é suposto que Biondello revele também a sua. Ele fá-lo em poucas palavras. As pessoas desejam-lhe felicidades no seu novo lugar, já se havia ouvido falar do brilhante estilo de vida do Príncipe de ***, sobretudo da sua magnanimidade face a pessoas que sabem guardar um segredo; a sua ligação ao cardeal A*** é do conhecimento geral, ele gosta do jogo, etc. Biondello fica perplexo. – Gracejam com ele, dizendo-lhe que ele finge ter mistérios, enquanto se sabe que ele é o executor das finanças do Príncipe de ***; os dois advogados levam-no para o meio deles; a garrafa vai-se esvaziando rapidamente – obrigam-no a beber; ele desculpa-se porque não suporta vinho algum, mas bebe para se embriagar aparentemente.

«Sim», disse por fim um dos advogados, «Biondello sabe do seu ofício; mas ainda não acabou de aprender, só chegou até meio caminho.»

«Que me falta ainda?» perguntou Biondello.

«Ele entende a arte», disse o outro, «de guardar um segredo, mas ainda não a outra, a de voltar a largá-lo com vantagem.»

«Deveria encontrar-se um comprador para ele?» perguntou Biondello.

Os outros clientes saíram aqui da sala, ele ficou *tête à tête* com os seus dois homens que soltaram então a língua. Em suma, ele devia obter para eles informações sobre o convívio do Príncipe com o cardeal e o sobrinho, indicar-lhes as fontes de rendimento do Príncipe e passar-lhes para as mãos as cartas que fossem escritas ao Conde de O**. Biondello remeteu-os para outra altura; mas quem os havia contratado, isso ele não pôde saber por eles. A julgar pelas magníficas ofertas que lhe foram feitas, a demanda teria de vir de um homem muito rico.

Ontem à noite revelei ao meu senhor todo o episódio. Este estava de início disposto a mandar sumariamente prender os agentes; mas Biondello pôs objecções. Teriam de voltar a ser postos em liberdade e nessa altura ele teria posto em perigo todo o seu crédito junto dessa classe, talvez a sua própria vida. Toda essa gente está ligada entre si, todos defendem cada um; ele preferia ter como inimigo o Conselho Superior de Veneza do que ficar com a reputação de um traidor; tão pouco poderia continuar a ser útil ao Príncipe se perdesse a confiança dessa classe.

Deitámo-nos a adivinhar de quem poderia vir tudo aquilo. Quem está em Veneza que se importe com o que o meu senhor recebe e gasta, com o que ele tem a ver com o Cardeal A***i e com o que eu vos escrevo? Seria ainda uma herança do Príncipe de **d**? Ou terá o arménio voltado a agitar-se?

BARAO DE F*** AO CONDE DE O**

Nona carta

Agosto.

O Príncipe nada em felicidade e amor. Recuperou a sua grega. Ouvi como tudo se passou.

Um estrangeiro que tinha vindo por Chiozza e tinha muito que contar sobre a bela situação dessa cidade à beira do golfo despertou no Príncipe uma curiosidade por vê-la. Isso foi feito ontem e, para evitar qualquer coacção e borborinho, mais ninguém além de Z*** e de mim fora Biondillo deveria acompanhá-lo e o meu senhor queria permanecer desconhecido. Encontrámos um transporte que partia precisamente para lá e tomámo-lo. O grupo era muito variado mas insignificante e a viagem de ida nada teve que fosse digno de nota.

Chiozza está construída sobre palafitos como Veneza, e é suposta ter quarenta mil habitantes. Encontram-se poucos aristocratas, mas em cada passo se esbarra com

pescadores e marinheiros. Quem traz uma peruca ou um manto é considerado rico; gorro e capa são sinal de uma pessoa pobre. A situação da cidade é bonita, mas não se pode ter ainda visto Veneza.

Não permanecemos muito tempo. O patrão que tinha ainda mais passageiros devia estar a horas em Veneza e nada prendia o Príncipe a Chiozza. Todos tinham já tomado lugar no barco quando chegámos. Uma vez que o grupo se tinha mostrado tão incómodo na viagem de ida, tomámos desta vez uma cabine só para nós. O Príncipe procurou saber quem ia ali também. Um dominicano, foi a resposta, e algumas damas que regressavam a Veneza. O meu senhor não tinha curiosidade em vê-las e foi imediatamente para a cabine.

A grega tinha sido o tema da nossa conversa na viagem de ida e também o foi na viagem de volta. O Príncipe voltou a falar da sua aparição na igreja num tom fioso; fizeram-se planos que logo foram rejeitados; o tempo passou como um instante; antes de darmos por isso, Veneza estava diante de nós. Alguns dos passageiros desceram, entre eles o dominicano. O patrão dirigiu-se às damas que, como só agora ficámos a saber, estavam separadas de nós apenas por uma placa pouco espessa e perguntou onde devia ancorar. «Na ilha de Murano», foi a resposta e mencionou-se a casa. - «Ilha de Murano!» exclamou o Príncipe e um tremor de intuição pareceu voar na sua alma. Antes que eu lhe pudesse responder, Biondello entrou a correr. «Sabeis também em cuja companhia viajamos?» - O Príncipe deu um salto - «Ela está aqui! Ela mesma!» continuou Biondello. «Venho precisamente do pé do seu acompanhante.»

O Príncipe precipitou-se para fora. A cabine tinha-se-lhe tornado demasiado estreita, todo o mundo tê-lo-ia sido nesse momento. Mil sentimentos assaltavam-no, os seus joelhos tremiam, o seu rosto ora corava, ora empalidecia. Eu tremia com ele, pleno de expectativa. Não posso descrever-vos aquele estado.

Parou-se em Murano. O Príncipe saltou para a margem. Ela apareceu. Li no rosto do Príncipe que era ela. Ao vê-la deixei de ter qualquer dúvida. Nunca vi uma figura mais bela; todas as descrições do Príncipe tinham ficado aquém da realidade. Uma cor de fogo avermelhado cobriu o seu rosto assim que viu o Príncipe. Não podia deixar de ter ouvido a nossa conversa, tão pouco podia duvidar que havia sido o objecto da mesma. Lançou um olhar significativo à sua acompanhante, como se quisesse dizer: é ele! E, perturbada, baixou os olhos. Foi colocada uma tábua estreita do barco até à margem, por onde ela tinha de passar. Parecia com medo de pôr os pés na tábua – porém menos, como me pareceu, por receio de escorregar do que por não poder fazê-lo sem a ajuda de

alguém e já o Príncipe estendia o braço para lhe prestar assistência. A necessidade venceu a apreensão. Pela mão dele, ela chegou à margem. A violenta agitação do ânimo em que o Príncipe estava tornou-o indelicado; a outra dama que esperava pela mesma assistência foi esquecida – o que não teria ele esquecido nesse momento? Prestei-lhe finalmente esse serviço, o que me roubou o prelúdio de uma conversa que havia tido início entre o meu senhor e a dama.

Ele mantinha ainda a mão dela na sua – por distração, penso, e sem que ele próprio o soubesse.

«Não é a primeira vez, Signora, que - - que - -» Não podia dizê-lo.

«Deveria recordar-me», murmurou ela –

«Na igreja de ***», disse ele –

«Foi na igreja de ***», disse ela –

«E poderia eu imaginar hoje - - tão perto de vós -»

Aqui ela tirou suavemente a mão da dele – Ele ficou aparentemente perturbado. Biondello, que entretanto havia falado com o criado, veio em sua ajuda.

«*Signor*», principiou, «as damas mandaram vir liteiras; mas voltámos mais cedo do que se pensava. Há um jardim aqui perto onde podeis entrar para fugir à multidão.»

A proposta foi aceite e podeis imaginar com que acolhimento por parte do Príncipe. Ficámos no jardim até se fazer noite. Conseguimos, Z*** e eu, entreter a matrona de modo a que o Príncipe pudesse conversar com a dama sem ser incomodado. Que ele bem soube aproveitar esses momentos, podeis avaliá-lo pelo facto de ter recebido licença para a visitar. Precisamente nesta altura em que vos estou a escrever ele está lá. Quando regressar ficarei a saber mais coisas.

Ontem, ao chegarmos a casa, encontrámos também as esperadas transferências da nossa corte, mas acompanhadas de uma carta que pôs o meu senhor ao rubro. Chamam-no de regresso e num tom a que ele não está habituado. Ele respondeu logo num tom semelhante e vai ficar. O dinheiro chega precisamente para pagar os juros do capital que ele deve. Esperamos ansiosamente uma resposta da sua irmã.

BARÃO DE F*** AO CONDE DE O**

Décima carta

Setembro.

O Príncipe incompatibilizou-se com a sua corte e todos os nossos recursos provenientes da mesma estão por isso cortados.

As seis semanas, após as quais o meu senhor deveria pagar ao Marquês, haviam já passado com alguns dias mais e nenhuma transferência chegara, nem do seu primo, ao qual ele havia escrito de novo a exigir com urgência um adiantamento, nem da sua irmã. Podeis imaginar que Civitella não exercia qualquer pressão; mas a memória do Príncipe era tanto mais fiel. Ontem ao meio-dia chegou uma resposta da corte governamental.

Tínhamos pouco antes feito um novo contrato por causa do nosso hotel e o Príncipe havia já declarado publicamente que ficaria por mais tempo. Sem dizer uma palavra, o meu senhor deu-me a carta. Os seus olhos faiscavam, eu podia ler o conteúdo já na sua frente.

Podeis imaginar, caro O**? Em *** estão informados acerca de todas as circunstâncias que rodeiam aqui o meu senhor e a calúnia urdiu com isso uma teia repugnante. Ter-se-ia sabido com desagrado, lê-se entre outras coisas, que o Príncipe desde há algum tempo teria começado a renegar o seu anterior carácter e a assumir um comportamento inteiramente oposto à forma de pensar que teria tido até aqui. Saber-se-ia que ele se entregava às mulheres e ao jogo com os maiores excessos, que se precipitava em dívidas, que dava ouvidos a visionários e manipuladores de espíritos, que tinha relações suspeitas com padres católicos e que levava uma vida faustosa que ultrapassava tanto o seu estatuto como os seus rendimentos. Mais ainda, que ele estaria em vias de completar esse comportamento altamente chocante por uma apostasia à igreja romana. Para se redimir da última acusação, esperar-se-ia dele um regresso sem demora. Um banqueiro em Veneza, a quem deveria transferir o montante das suas dívidas, teria ordem de saldar as dívidas junto dos seus credores *imediatamente após a sua partida*; pois naquelas condições não se achava por bem depositar o dinheiro nas suas mãos.

Que acusações e em que tom! Peguei na carta, voltei a lê-la de uma ponta à outra, queria encontrar nela algo que lhe moderasse o ânimo; não encontrei nada, tudo me era incompreensível.

Z*** lembrou-me então a inquirição secreta que havia sido feita há algum tempo a Biondello. A altura, o teor da carta, todas as circunstâncias se conjugavam. Havíamos atribuído equivocadamente tal inquirição ao arménio. Agora era claro donde ela provinha. Apostasia! – Mas quem poderá ter interesse em caluniar o meu senhor de forma tão horrível e banal? Receio que seja uma partida do Príncipe de **d**, que quer impor a sua vontade de afastar o nosso senhor de Veneza.

Este permanecia silencioso, olhando fixamente para diante. O seu silêncio atemorizou-me. Atirei-me aos seus pés. «Por amor de Deus, mui clemente Príncipe», exclamei, «não tomeis uma decisão violenta. Havereis de ter a mais completa compensação. Deixai esta questão *por minha conta*. Enviai-me a mim. Fica aquém do vosso nível responder a tais acusações; mas *vós* permitireis que *eu* o faça. O caluniador tem de ser nomeado e há que abrir os olhos a ***.

Nesta situação veio encontrar-nos Civitella, que perguntou com espanto qual a causa da nossa perplexidade. Z*** e eu silenciámos. Mas o Príncipe, que já há muito tempo se desabitou de fazer qualquer diferença entre ele e nós, e ainda se encontrava numa agitação demasiado violenta para dar ouvidos nesse momento à inteligência, ordenou-nos que lhe transmitíssemos o teor da carta. Hesitei, mas o Príncipe arrancou-me das mãos e deu-a ele próprio ao Marquês.

«Sou vosso devedor, senhor Marquês», começou o Príncipe depois de este ter lido a carta com espanto, «mas não nos deixeis inquietar. Dai-me só um prazo de vinte dias e tereis a vossa satisfação.»

«Mui clemente Príncipe», exclamou Civitella em violenta emoção, «será que mereço tal coisa?»

«Não haveis querido recordar-me; reconheço a vossa delicadeza e agradeço-vos. Em vinte dias, como disse, deveis ser inteiramente satisfeito.»

«O que é isto?» perguntou-me Civitella totalmente perplexo. «Qual a relação entre as coisas? Não compreendo.»

Explicámos-lhe o que sabíamos. Ficou fora de si. O Príncipe, disse, deveria exigir satisfação; a ofensa era inaudita. Entretanto exortou-o a servir-se de toda a sua fortuna e todos os seus créditos.

O Marquês havia-nos deixado e o Príncipe continuava sem dizer uma palavra. Andava para cá e para lá na sala; algo de extraordinário trabalhava dentro dele. Por fim ficou parado e murmurou entre os dentes: «Desejai-vos a vós próprio felicidades – disse – Às nove horas ele morreu.»

Olhámos aterrorizados para ele.

«Desejai-vos a vós próprio felicidades», continuou; «felicidades – devo desejar-me felicidades – não foi o que ele disse? Que queria ele dizer com isso?»

«Como é que vos lembrais disso agora?» exclamei. «A que propósito vem isso?»

«Da outra vez não entendi o que a criatura queria. Agora entendo-o. – Oh é insuportavelmente duro ter um senhor a quem se está submetido!»

«Meu muito caro Príncipe!»

«E que nos pode fazer sentir isso mesmo! Ah! Tem de ser uma coisa doce!»

Voltou a calar-se. A sua expressão assustou-me. Nunca a tinha visto nele.

«O mais miserável por entre o povo», recomeçou, «ou o próximo Príncipe no trono! É inteiramente a mesma coisa. Só existe *uma* diferença entre as pessoas – obedecer ou dominar!»

Voltou a olhar para o conteúdo da carta.

«Haveis visto a pessoa», continuou, «que pode permitir-se escrever-me isto. Será que o cumprimentaríeis na rua se o destino não tivesse feito dele o vosso senhor? Por Deus! Há algo de grandioso em torno de uma coroa!»

A conversa continuou neste tom e foram ditas coisas que não posso confiar a carta alguma. Mas nessa ocasião o Príncipe revelou-me uma circunstância que me pôs numa situação de não pouca surpresa e de susto e que pode ter as mais perigosas consequências. Acerca das relações familiares na corte de ***, temos estado até agora num equívoco.

O Príncipe respondeu imediatamente à carta, por mais que eu me opusesse a isso, e o modo como o fez não permite esperar uma boa saída.

Também deveis estar ansioso, muito caro O**, por ouvir finalmente algo concreto sobre a grega; mas é precisamente sobre isso que não vos posso dar ainda qualquer informação satisfatória. Do Príncipe nada se pode obter, uma vez que ele foi envolvido no segredo e, como penso, teve de comprometer-se a guardá-lo. Mas já se sabe que ela *não* é a grega por quem a tomávamos. É uma alemã da mais nobre proveniência. Um certo boato de que tomei conhecimento atribui-lhe uma mãe de alta estirpe e faz dela o fruto de um amor infeiz de que muito se falou na Europa. Maquinações secretas por parte de uma mão poderosa obrigaram-na, de acordo com essa lenda, a buscar protecção em Veneza, e precisamente elas são a causa do seu recolhimento, que impossibilitou o Príncipe de investigar o seu paradeiro. A veneração com que o Príncipe fala dela e certas precauções que ele observa face a ela parecem dar força a esta suposição.

Ele está preso a ela por uma terrível paixão que cresce de dia para dia. Nos primeiros tempos, as visitas foram admitidas com parcimónia; mas já na segunda semana, as separações foram encurtadas e agora não passa um dia em que o Príncipe lá não esteja. Passam noites inteiras em que não o vislumbramos e, mesmo que ele não esteja junto dela, é contudo unicamente *ela* que o ocupa. Todo o seu ser parece transformado. Anda por aí como um sonhador e nada do que outrora o interessou parece merecer-lhe a mais fugaz atenção.

Aonde chegará isto ainda, muito querido amigo? Tremo pelo futuro. A ruptura com a sua corte colocou o meu senhor numa humilhante dependência face a uma única pessoa, o Marquês Civitella. Este é agora senhor dos nossos segredos, de todo o nosso destino. Pensará ele sempre da mesma maneira nobre como se tem evidenciado até agora? Será que tal atitude favorável irá durar e será positivo conceder a uma pessoa, mesmo à mais excelente, tanta importância e poder?

Seguiu uma nova carta para a irmã do Príncipe. Espero anunciar-nos o resultado na minha próxima carta.

O CONDE DE O** EM CONTINUAÇÃO

Mas essa próxima carta não chegou. Três meses inteiros passaram até eu receber notícias de Veneza – uma interrupção cuja causa foi demasiado esclarecida na sequência do que se passou. Todas as cartas do meu amigo para mim tinham sido interceptadas e reprimidas. Avalie-se a minha surpresa quando recebi finalmente, em Dezembro deste ano, a seguinte carta, que apenas um feliz acaso (uma vez que Biondello, que tinha de a fazer seguir, adoeceu de repente) fez chegar às minhas mãos.

«Não escreveis. Não respondeis. – Vinde – oh vinde nas asas da amizade. A nossa esperança desapareceu. Lede este final. Toda a nossa esperança desapareceu.

A ferida do Marquês parece ser mortal. O Cardeal anda a germinar uma vingança e os seus assassinos furtivos buscam o Príncipe. Meu senhor – oh meu infeliz senhor! – Terá chegado a tal ponto? Indigno, terrível destino! Como seres desprezíveis temos de esconder-nos de assassinos e ladrões.

Estou a escrever-vos isto do convento de ***, onde o Príncipe encontrou um refúgio. Precisamente neste momento, ele repousa num duro leito junto de mim e dorme – ah, a sonolência do mais mortal dos cansaços, que apenas lhe dará forças para sentir de novo

a sua dor. Nos dez dias em que ela esteve doente, os seus olhos não viram sono. Estive presente na obdução. Foram encontrados vestígios de envenenamento. Hoje ela irá a enterrar.

Ah muito caro O**, o meu coração está dilacerado. Vi uma cena que nunca desaparecerá da minha memória. Estava junto ao seu leito de morte. Como uma santa ela faleceu e as suas últimas palavras de moribunda esgotaram-se em acompanhar o seu amado no caminho que ela seguiu para o céu – Toda a nossa estabilidade foi sacudida, só o Príncipe permaneceu firme e, embora tivesse sofrido três vezes mais com a sua morte, ele conservou porém a força de espírito suficiente para recusar à piedosa fanática o seu derradeiro pedido.»

Essa carta incluía o seguinte anexo:

*Ao Príncipe de *** da sua irmã.*

«A única Igreja que traz a felicidade, que fez no Príncipe de *** uma tão brilhante conquista, não deixará que lhe falem meios para prosseguir com o modo de vida a que deve tal conquista. Tenho lágrimas e orações para quem se perdeu, mas nenhuma acção clemente para quem é indigno.

*Henriette****

Tomei imediatamente a diligência, viajei dia e noite, e na terceira semana cheguei a Veneza. A minha rapidez já não serviu para nada. Tinha vindo para trazer a um infeliz consolação e ajuda; encontrei uma pessoa feliz que já não necessitava do meu apoio. F*** estava doente e incontactável quando cheguei; foi-me trazido o seguinte bilhete, escrito pelo seu punho. «Regressai, muito caro O**, para donde viestes. O Príncipe já não necessita de vós nem de mim. As suas dívidas estão pagas, o Cardeal reconciliado, o Marquês recuperado. Recordais-vos do arménio que tanto nos desorientou no ano passado? Nos *seus* braços ides encontrar o Príncipe, que há cinco dias – ouviu a primeira missa.»

Apesar disso precipitei-me para a proximidade do Príncipe, mas fui mandado embora. Junto do leito do meu amigo acabei por ter conhecimento da incrível história.

Fim da primeira parte

[O DIÁLOGO FILOSÓFICO DO ‘VISIONÁRIO’]¹⁹

«Se tudo à minha frente e atrás de mim se afunda – o passado ficou para trás numa triste uniformidade como um reino de petrificação – se o futuro nada me oferece – se eu vejo todo o círculo da minha existência encerrado no espaço estreito do *presente* – quem me censurará se eu apertar nos meus braços essa magra oferta do tempo de maneira ferosa e insaciável, como um amigo que vejo pela última vez? Se me apresso a especular com esse bem fugaz, como o octogenário com a sua tiara? – Oh, aprendi a apreciá-lo, ao instante! O instante é a nossa mãe, e amemo-lo como a uma mãe!»

‘ Meu mui clemente Senhor, até aqui haveis acreditado num bem duradouro -»

«Oh fazei com que a configuração das nuvens se mantenha e eu bater-me-ei por isso com os meus braços ardentes. Que alegria me pode ser dada por favorecer aparências que amanhã desaparecerão como eu? – Não será tudo uma fuga em meu redor? Tudo se choca e empurra o seu vizinho para o lado para beber apressadamente uma gota da fonte da existência e ir-se embora sedento. Agora neste instante, em que me alegro pela minha energia, já há uma vida que depende da minha decomposição para surgir. Mostrai-me um ser que dure e serei virtuoso de boa vontade.»

‘O que terá feito desaparecer os bondosos sentimentos que foram outrora o prazer e o fio condutor da vossa vida? Implantar Estados para o futuro, servir uma ordem superior e eterna – ‘

«Servir! Servir seguramente, tão seguramente como a mais insignificante pedra do muro serve à simetria do palácio que nele assenta! Mas também como um ser a quem se pediu a opinião, que participa no prazer? Que ilusão simpática e bem-intencionada tem o ser humano! queres dedicar-lhe as tuas forças? Poderás recusar-lhas? O que tu és e possuis, só és e só possuis para ela. Depois de lhe teres dado o que podes dar e que só tu podias dar-lhe, deixas então de ser o que és, a tua debilidade pronuncia a tua sentença e é também ela que a executa. Mas quem é pois essa natureza, essa ordem, contra a qual apresento queixa? Mesmo assim! Se ela quisesse, como o Saturno dos gregos, devorar os seus próprios filhos, se ela própria apenas *existisse*, se sobrevivesse apenas ao segundo que passou! – Como uma árvore incomensurável ela está ali, no incomensurável espaço. A sabedoria e a virtude de gerações inteiras correm como seiva nos seus canais, os milénios e as nações que neles fizeram ruído caem como flores murchas, como folhas secas dos ramos que ela, com uma força reprodutora interior e inextinguível, faz brotar a partir do tronco. Podes exigir dela o que ela própria não

possui? Tu, um sulco que o vento sopra na superfície do mar, podes exigir que seja nele assegurado o rasto da tua existência?»

‘Essa desconsolada afirmação é já desmentida pela História universal. Os nomes de Licurgo, Sócrates, Aristides, duraram para além das suas obras.’

«E o homem que foi útil, que criou o arado – como se chamava ele? Confiarão numa benfeitora que não é *justa*? Vivem na História como múmias embalsamadas para desaparecerem com a sua História pouco depois.»

‘E esse impulso de eterna duração? Poderá a sua necessidade *desperdiçar*? Será possível que exista nessa energia *alguma coisa* a que nada corresponda no seu efeito?’

«Oh, é precisamente nesse efeito que tudo reside. Desperdiçar? Não sobe também a água do repuxo com uma força que poderia arremessar essa mesma água para um espaço infinito? Mas já no primeiro momento da sua subida, a força da gravidade puxa por ela, sobre ela fazem pressão mil colunas de ar que a fazem regressar, mais cedo ou mais tarde, num arco mais alto ou mais baixo à terra materna? Para cair tão *tarde* ela terá tido de subir com essa força exuberante – precisamente uma força elástica, como o impulso de imortalidade, terá sido uma parte do processo no qual as manifestações humanas pretenderam fazer espaço contra a pressão da necessidade. Dou-me por vencido, muito caro amigo, se me demonstrardes que esse impulso para a imortalidade no ser humano não desaparece tão completamente como o objectivo temporal da sua existência, como os seus impulsos mais sensíveis. É certo que o nosso orgulho nos leva a usar energias que nós temos apenas *para*, apenas *através* da necessidade, contra a própria necessidade, mas será que teríamos esse orgulho se ela não tirasse vantagens também *dele*? Se ela fosse um ser racional, teria de alegrar-se com as nossas filosofias mais ou menos como um sábio general se deleita com a ousadia da sua juventude guerreira, que lhe promete dar heróis no combate.»

‘O pensamento só terá servido ao movimento? O todo estaria morto e só as partes viveriam? O fim seria tão *comum* e os meios tão *nobres*?’

«*Fim* é o que nunca deveríamos ter dito. Para entrar na vossa forma de representação vou buscar este conceito ao mundo moral, uma vez que estamos habituados a designar as consequências de uma acção como sendo o seu fim. É certo que na própria alma o fim precede os meios; mas quando os seus efeitos internos se exteriorizam, então essa ordem inverte-se e os meios comportam-se em relação ao fim como uma causa em relação ao seu efeito. Neste último sentido eu permiti-me utilizar essa expressão fora do seu contexto, o que contudo não pode perturbar a investigação que estamos agora a

empreender. Ponha no lugar de meios e fins causa e efeito – onde permanece a diferença entre *comum* e *nobre*? O que pode ser nobre na causa a não ser o facto de realizar o seu efeito? Nobre e comum designam apenas a relação na qual um objecto se opõe a um *certo princípio na nossa alma* – é portanto um conceito que só pode ser aplicado na nossa alma, não fora da mesma. Vedes contudo como já haveis aceitado como comprovado o que só deveríamos publicitar através das nossas conclusões? Porquê, por outro lado, chamais ao *pensamento*, por oposição ao *movimento*, nobre, como se já quisésseis pressupor o ser pensante como o centro a que subordinais a sequência das coisas? Se aderirdes à *minha* cadeia de raciocínio, então essa hierarquia desaparece, o pensamento é efeito e causa do movimento e um elo da necessidade, como o pulsar que o acompanha.»

‘Nunca podereis impor esse postulado paradoxal e antinatural. Em quase tudo podemos, com o nosso entendimento, seguir o objectivo da natureza física até chegar ao ser humano. Onde vemos uma só vez essa ordem inverter-se e submeter os fins do ser humano ao mundo físico? E como quereis associar essa determinação *externa* ao impulso de felicidade, que orienta todos os seus esforços *para o interior* e contra ele próprio?

«Tentemos porém. Para abreviar, tenho de voltar a servir-me da vossa linguagem. Partamos portanto do princípio de que terão sido necessárias manifestações morais, assim como foram necessários a luz e o som, que terão tido de existir seres configurados para executar essa tarefa especial, assim como o éter e o ar teriam de ter aquela mesma configuração e não outra, para realizarem o número de vibrações que nos dão a ideia de cor e som harmonioso. Teriam pois de existir seres que se movimentam a si próprios, uma vez que a manifestação moral assenta na liberdade; o que portanto no caso do ar e do éter, do mineral e da planta, é concretizado pela forma primitiva, ter aqui de ser mantido por um princípio *interno*, em relação ao qual as motivações ou as forças motrizes desse ser se comportariam mais ou menos como as forças motrizes da planta face ao tipo constante da sua estrutura. Assim como ela dirige o ser meramente orgânico através de uma mecânica inalterável, do mesmo modo terá tido de mover o ser pensante e sensível através da dor e do prazer.»

‘Completamente correcto.’

«Vemos portanto como ela abandona, no mundo moral, a ordem até então seguida, como parece mesmo entrar em disputa consigo própria. Em cada ser moral ela instala um novo centro, um Estado dentro do Estado, de certo modo como se tivesse perdido

inteiramente de vista o seu objectivo geral. Contra esse centro, todas as actividades desse ser têm de se inclinar numa forma de coacção semelhante à que ela exerce no mundo físico através da força da gravidade. Esse ser funda-se desse modo em si mesmo, um todo verdadeiro e real, formando assim o seu centro, da mesma maneira que o planeta terra se tornou numa esfera por acção da força da gravidade e se perpetua como esfera. Até aqui parece ter-se esquecido inteiramente de si própria.

Mas ouvimos dizer que esse ser só existe para produzir as manifestações morais de que necessita; a liberdade desse ser, ou a sua capacidade de se movimentar por si mesmo terá portanto de ter sido submetida ao fim para o qual ela o determinou. Se ela quisesse portanto continuar a dominar os efeitos por ele alcançados, então ela teria de se apoderar do princípio segundo o qual se movimenta o ser moral. O que poderia portanto fazer a não ser associar o *seu* fim face a esse ser ao princípio através do qual ele é governado ou, por outras palavras, tornar a sua actividade conforme aos fins na condição necessária da sua felicidade?»

‘Isso entendo eu.’

«Se portanto o ser moral preenche as condições da sua felicidade, então ele reentra precisamente por isso no plano da natureza, ao qual parecia ter sido subtraído por esse plano separado, do mesmo modo que o planeta terra é tornado capaz, pelo movimento das suas partes para o seu centro, de descrever a elipse. Por meio da dor e do prazer, o ser moral experimenta pois, de cada vez, apenas as relações entre o seu estado actual e o estado da sua suprema perfeição, que coincide com o fim da natureza. O ser orgânico não tem este indicador nem precisa dele, uma vez que por si mesmo não pode nem aproximar-se nem afastar-se do estado da sua perfeição. Aquele tem portanto, face a este, a vantagem de fruir a sua perfeição, i.e., felicidade, mas com isso também o aviso no caso de se desviar, ou o sofrimento. Se a esfera elástica tivesse a consciência do seu estado, então a pressão de um dedo, que lhe impõe uma forma plana, provocar-lhe-ia dor e ela regressaria, com um sentimento de volúpia, à sua mais bela forma redonda.»

‘A sua força elástica serve-a em lugar desse sentimento.’

«Mas assim como o movimento rápido a que chamamos fogo tem pouca semelhança com a sensação de nos queimarmos ou a forma cúbica do sal tem pouca semelhança com o seu gosto amargo, igualmente o sentimento a que chamamos felicidade tem pouca semelhança com o estado da nossa perfeição interior que o acompanha, ou com o fim da natureza que ele serve. Ambos, poderíamos dizer, estão associados por uma

coexistência tão arbitrária como a coroa de louros com uma vitória, como uma queimadura com uma acção desonesta.»

‘Assim parece.’

«O ser humano não precisa portanto de ser *conhecedor* do fim que a natureza executa através dele. Mesmo se não soubesse de mais nenhum princípio para além daquele através do qual *ele* se governa no seu pequeno mundo, mesmo que ele, numa simpática e agradável ilusão, incluísse as condições desse seu pequeno mundo na grande natureza, sob a forma de leis – pelo facto de ele servir a sua estrutura, os seus fins estão com ele assegurados.»

‘E poderá alguma coisa ser mais perfeita do que o facto de todas as partes do grande todo promoverem só com isso o fim da natureza, do que o facto de permanecerem fiéis ao seu próprio fim, do que o facto de não poderem *querer* contribuir para a harmonia mas de *terem de* o fazer? Esta ideia é tão bela, tão arrebatadora, que já só por isso uma pessoa se sente motivada –’

«a atribuí-la a um espírito, é o que quereis dizer? porque o ser humano egocêntrico gostaria de associar ao seu género tudo o que é bom e belo, uma vez que gostaria de ter o Criador na sua família. Dai ao cristal a capacidade de representação e o seu supremo plano universal será a cristalização, a sua divindade a mais bela forma de cristal. E não teria de ser assim? Se cada molécula de água não se ativesse, com tanta fidelidade e firmeza, ao seu centro, nunca se teria movido um oceano.»

‘Mas sabeis também, mui clemente Príncipe, que haveis feito até agora demonstrações contra vós mesmo? Se é verdade, como dizeis, que o ser humano não pode desviar-se do seu centro, donde vem a vossa própria ousadia de querer determinar o curso da natureza? Como podeis ter a iniciativa de querer fixar as leis de acordo com as quais ela actua?’

«Nada disso. Não determino nada, apenas me limito a descrever o que os seres humanos confundiram com *ela*, o que tiraram do seu próprio seio e ornamentaram com títulos pomposos. O que me antecedeu e o que me sucederá, vejo isso como duas capas negras e impenetráveis que estão penduradas nos dois limites da vida humana e que ainda nenhum ser vivo levantou. Já muitas centenas de gerações estão ali de facho em punho e magicam e magicam sobre o que poderia estar lá por trás. Muitos vêem a sua própria sombra, as figuras da sua paixão, moverem-se ampliadas na capa do futuro e estremecem com pavor face à sua própria imagem. Poetas, filósofos e estadistas pintaram-nas com os seus sonhos, de forma mais risonha ou sombria consoante o céu

por cima deles estava mais turvo ou sereno; e ao longe a perspectiva criava uma ilusão. Também muitos charlatães aproveitaram-se dessa curiosidade geral e surpreenderam as fantasias em tensão com estranhos disfarces. Um profundo silêncio reina por detrás dessa capa, ninguém que tenha passado para trás dela responde de lá; tudo o que se ouviu foi um eco vazio da questão, como se alguém tivesse gritado para dentro de uma gruta. Todos têm de passar para trás dessa capa e é com pavor que a agarram, ignorando quem está do outro lado e os receberá; *quid sit id, quod tantum morituri vident*. É certo que também havia seres incrédulos que afirmavam que essa capa só iludia as pessoas e que nada se teria observado porque nada havia lá por trás; mas para contradizê-los, o que se fez foi que mandá-los para lá rapidamente.»

‘Sempre foi uma conclusão precipitada quando não tinham mais razões do que o facto de nada verem.’

«Vede pois, caro amigo, eu prontifico-me de bom grado a não olhar para trás dessa capa – e o mais sensato será fazer-me perder toda a curiosidade. Mas ao traçar à minha volta esse círculo intransponível e ao encerrar todo o meu ser nos limites do presente, esta pequena mancha, que eu já corria o risco de negligenciar por causa de pensamentos de conquista vã, tornar-se-me-á tanto mais importante. Aquilo a que chamais o fim da minha existência já nada tem a ver comigo. Não me posso subtrair a ele, mas sei e acredito firmemente que tenho de cumprir, e cumpro, tal fim. Mas o meio que a sua natureza escolheu para cumprir comigo o seu fim, é-me tanto mais sagrado – é tudo o que é meu, nomeadamente a minha moralidade, a minha felicidade. Tudo o resto não será nunca por mim experimentado. Sou igual a um mensageiro que leva uma carta lacrada ao lugar da sua determinação. O que está na carta pode ser-lhe indiferente – ele nada mais tem a ganhar aí do que o seu salário.»

Eu não podia ainda ver interrompida a conversa.

‘Mui clemente Príncipe’, recomecei, ‘será que vos compreendi bem? O último fim do ser humano não está *no* ser humano mas fora dele? Só existe em função dos seus efeitos.’

«Evitemos essa expressão que nos confunde. Dizei que ele está lá porque as causas da sua existência estavam lá e porque os seus efeitos existem ou, o que quer dizer o mesmo, porque as causas que o precederam tinham de ter um efeito e os efeitos que ele produz teriam de ter uma causa.»

‘Se portanto quero atribuir-lhe um valor, só posso ponderar este de acordo com a quantidade e importância dos efeitos de que ele é a causa?’

«De acordo com a *quantidade* dos seus efeitos. Só designamos um efeito como importante porque traz consigo uma maior quantidade de implicações. O ser humano não tem outro valor para além dos efeitos da sua acção.»

‘A pessoa portanto, na qual está contido o fundamento de várias acções, seria a pessoa mais perfeita?’

«Incontestavelmente.»

‘Como? Assim deixa de existir entre o bem e o mal qualquer diferença! Assim se perde a beleza moral!’

«Isso não receio. Se assim fosse, diria imediatamente que tinha perdido contra vós. O sentimento da diferença moral é para mim uma instância de longe mais importante do que a minha razão – e só então principiei a crer na última, uma vez que achei que coincidia com esse sentimento inapagável. A vossa moralidade necessita de um suporte, a minha assenta no seu próprio eixo.»

‘Não nos ensina a experiência que os mais importantes papéis são frequentemente desempenhados pelos actores mais medianos, que a natureza realiza as mais benéficas revoluções através dos mais nocivos sujeitos? Um Maomé, um Átila, um Aurangzeb²⁰ são servidores tão eficazes do universo como trovoadas, terremotos, vulcões são preciosos instrumentos da natureza física. Um déspota no trono, que marca cada hora do seu governo com sangue e miséria, seria então um elo de longe mais digno da sua criação do que o camponês nas suas terras, uma vez que produz mais efeitos – sim, o que é mais triste, ele teria um maior grau de excelência precisamente por *isso* que o torna no objecto da nossa repulsa, pela soma dos seus actos, que são todos dignos de censura – ele teria mais direito de exigir o nome de uma excelente pessoa, precisamente nessa medida em que se afunda na humanidade. Vício e virtude – ‘

«Vede», exclamou o Príncipe desgostoso, «como vos deixais iludir à superfície e quão facilmente vos dais por vencido! Como podeis afirmar que uma vida *devastadora* é uma vida *activa*? O déspota é a criatura mais inútil nos seus Estados, uma vez que paralisa as forças mais activas através de receios e preocupações e sufoca a alegria criadora. Toda a sua existência é uma terrível negativa; e se ele agride a vida mais nobre, mais santa e destrói a liberdade de pensamento – cem mil pessoas activas não podem repor, ao longo de um século, o que *um* Hildebrand²¹, *um* Filipe de Espanha terão devastado em poucos anos. Como podeis homenagear essas criaturas e criadores da decomposição comparando-os com aqueles benfazejos instrumentos da vida e da fecundidade!»

‘Admito a debilidade da minha hipótese – mas se colocarmos no lugar de um Filipe um Pedro O Grande no trono, não podereis então negar que este terá sido mais eficaz na sua monarquia do que a pessoa privada com a mesma medida de forças e toda a actividade de que é capaz. A felicidade é portanto o que determina o grau de excelência de acordo com o vosso sistema, uma vez que distribui as oportunidades de produzir efeitos!’

«O trono seria portanto, na vossa opinião, uma oportunidade privilegiada? Dizei-me pois – quando o rei governa, que faz o filósofo nos seus reinos?»

‘Pensa.’

«E que faz o rei quando governa?»

‘Pensa.’

«E quando o filósofo atento dorme, que faz o rei atento?»

‘Dorme.’

«Tomai duas velas acesas, uma delas está numa cabana de camponeses, a outra deverá iluminar um pomposo salão com um grupo em alegre convívio. Que fazem as duas?»

‘Iluminam. Mas precisamente isso argumenta em meu favor – Ambas as velas, suponhamos, ficam acesas durante o mesmo tempo e com a mesma claridade e, se fosse trocado o lugar que lhes foi determinado, ninguém notaria qualquer diferença. Por que razão deverá uma delas ser mais excelente só porque o acaso a favoreceu permitindo-lhe mostrar pompa e beleza num brilhante salão, por que razão deverá a outra ser pior só porque o acaso a condenou a tornar visíveis a pobreza e o sofrimento numa cabana de camponeses? Será esta a conclusão a tirar da vossa afirmação?’

«Ambas são iguais em excelência, mas terão ambas obtido resultados *em quantidades iguais?*»

‘Como é isso possível? Porque a que está no salão grande terá dado mais luz do que a outra? Porque terá difundido mais prazer do que a outra?’

«Ponderai apenas que só se fala aqui do primeiro efeito, não de toda a cadeia. Só o efeito seguinte pertence à causa que o antecedeu; só um certo número de partes da matéria luminosa foram impulsionadas em contacto directo pela vela acesa. E que vantagem deveria ter uma face à outra? Será que não podeis captar o mesmo número de raios de cada ponto central? Tantos do vosso olhar como do centro da terra? Desabituai-vos pois do pressuposto segundo o qual as grandes massas, que o entendimento só capta nessa mesma globalidade, existiriam também enquanto globalidade. A faísca que cai

num paiol de pólvora, que faz ir para o ar uma torre e reduz cem casas a escombros, só acendeu um único grão.»

‘Muito bem, mas – ‘

«Aplicamos isto a acções morais. Vamos dar um passeio e é suposto que dois mendigos venham ao nosso encontro. Dou a um uma moeda, vós dais ao outro uma moeda igual; o meu embebeda-se com o dinheiro e comete nesse estado um assassínio, o vosso compra uma provisão para um pai moribundo e prolonga-lhe com isso a vida. Será que eu, precisamente com a acção através da qual vós haveis dado vida, terei roubado uma vida? – Nada disso. O efeito da minha acção acabou com a sua imediatidade, assim como o vosso, de ser o *meu* efeito.»

‘Mas se o meu entendimento não vê essa cadeia de efeitos e só a visão de conjunto me determina a praticar a acção – se eu tiver dado esse dinheiro ao mendigo para com isso prolongar a vida de um pai moribundo, então todas as consequências são minhas, se surgem como as imaginei.’

«Nada disso. Apenas não esqueceis que *uma* causa só pode ter *um* efeito. Todo o efeito que haveis produzido foi passar a moeda da vossa mão para a mão do mendigo. De toda essa cadeia de efeitos este é o único que pode ser contado como vosso. O remédio actuou como remédio, etc. Pareceis surpreendido. Pensais que estou a fazer afirmações paradoxais, uma única palavra talvez pudesse fazer com que nos entendêssemos, mas preferimos fazê-lo através das nossas conclusões.»

‘Do que foi dito até agora conclui-se, como bem vejo, que uma boa acção não tem culpa de um efeito ruim e uma acção ruim não tem culpa de um efeito excelente. Mas ao mesmo tempo pode-se também concluir que nem a boa acção tem culpa do bom efeito nem a acção ruim do mau efeito e que ambas são portanto iguais nos seus efeitos. – Deveríeis só excluir os casos raros em que o efeito imediato é ao mesmo tempo também o pretendido.’

«Tal imediatidade não existe, pois entre cada efeito que o ser humano produz para o exterior e a sua causa interna ou a vontade, se irá interpor uma série de efeitos indiferentes, nem que seja nada mais que o movimento muscular. Dizei portanto sem peias que ambas têm o mesmo valor moral nos seus efeitos, i.e., são indiferentes. E quem irá negar isso? A punhalada que põe fim à vida de um Henrique IV²² e de um Domiciano²³ são ambas a mesma acção.»

‘Certo, mas os motivos -’

«Os motivos determinam portanto a acção moral. E em que consistem os motivos?»

‘Em representações.’

«E a que chamais representações?»

‘Acções interiores ou actividades do ser pensante, que correspondem a actividades exteriores.’

«Uma acção moral é portanto a consequência de acções interiores que correspondem a transformações exteriores?»

‘Inteira e correctamente.’

«Se eu disser portanto que o facto ABC é uma acção moral, logo isso significa que a série de transformações exteriores, que perfazem esse facto ABC, terá sido precedida por uma série de transformações interiores abc?»

‘Assim é.’

«As acções abc estariam então já concluídas quando as acções ABC começaram.»

‘Necessariamente.’

«Se portanto ABC também não tivesse principiado, nem por isso abc teria sido menor. Ora se a moralidade estava contida em abc, então ela terá também permanecido mesmo que eliminemos ABC completamente.»

‘Compreendo-vos, mui clemente senhor – e assim o elo da cadeia que pensei ser o primeiro teria sido o último. Quando dei o dinheiro ao mendigo, a minha acção moral já tinha acabado integralmente, já o seu valor, ou a falta dele, teria sido decidido.’

«É assim que interpreto a questão. Se os efeitos ocorreram como os haveis pensado, i.e., se ABC se seguiu a abc, logo isso nada mais terá sido do que uma boa acção *bem-sucedida*. Nessa corrente exterior o ser humano nada mais tem a dizer, nada mais lhe pertence senão a própria alma. Vedes aqui de novo que o monarca não tem qualquer vantagem face à pessoa privada, pois é tão pouco senhor daquela corrente como este; também nele, todo o domínio da sua actuação e da eficácia da mesma reside apenas na sua própria alma.»

‘Mas com isso nada se transforma, mui clemente senhor; pois também a má acção tem os seus motivos como a boa, i. e., as suas actividades interiores, e só por estes motivos é que a designamos como ruim. Se colocardes pois os fins e o valor da pessoa na soma das suas actividades, nem assim vejo ainda como ireis extrair a moralidade a partir dos fins dessa pessoa, e as minhas anteriores reservas regressam.»

«Ouçamos. *Ruim* ou *bom*, concordámos nisso, são predicados que uma acção só na alma pode obter.»

‘Isso está provado.’

«Deixemos portanto cair uma parede de separação entre o mundo exterior e o ser pensante, a mesma acção surge-nos como sendo indiferente fora do mesmo e dentro dele designamo-la por ruim ou boa.»

‘Correcto.’

«Moralidade é portanto uma relação que só pode ser pensada dentro da alma e nunca fora dela, como p. ex. a honra é uma relação que só pode ser atribuída ao ser humano no âmbito da sociedade civil.»

‘Inteiramente justo.’

«Logo que pensamos uma acção como sendo existente na alma, ela surge-nos como cidadã de um mundo totalmente distinto e temos de julgá-la segundo leis totalmente distintas. Ela pertence a um todo próprio que tem em si mesmo o seu centro, a partir do qual tudo o que existe flui, em direcção ao qual tudo o que recebe corre. Esse centro ou esse princípio nada mais é, como tínhamos acordado antes, do que o impulso inerente de pôr em acção todas as suas forças ou, o que quer dizer o mesmo, de dar a conhecer ao máximo a sua existência. É neste estado que situamos a perfeição do ser moral, assim como chamamos perfeito a um relógio do qual todas as partes, com que o artesão o compôs, correspondem ao efeito para o qual ele as juntou, assim como chamamos perfeito a um instrumento musical quando todas as partes do mesmo têm a máxima participação no máximo efeito que elas são capazes de produzir e para que foram reunidas. Ora é a relação entre as actividades do ser moral e este princípio que designamos por *moralidade*; e uma acção é moralmente boa ou má consoante se aproxime ou se afaste dele, o promova ou iniba. Estamos de acordo sobre isto?»

‘Perfeitamente.’

«Ora uma vez que esse princípio nada mais é do que a mais completa actividade de todas as forças no ser humano, logo uma boa acção seria aquela na qual haveria mais forças em actividade e uma má acção aquela em que haveria menos forças activas?»

‘Aqui, mui clemente Senhor, detenhamo-nos. De acordo com isso, uma boa obra de pequena dimensão por mim efectuada ficaria situada, na hierarquia moral, muito abaixo da conjura da Noite de S. Bartolomeu²⁴, que durou anos, ou da conspiração de Cueva contra Veneza²⁵.’

Aqui o Príncipe perdeu a paciência. «Quando poderei fazer-vos compreender», começou, «que a natureza não conhece nenhum todo? Associai aquilo que deve ser associado. Aquela conjura foi *uma* acção ou não terá sido antes uma cadeia de cem mil? - e de cem mil *imperfeitas*, face às quais a vossa boa obra de pequena dimensão ainda

fica em vantagem. O impulso do amor humano estava adormecido em todas mas activo na vossa. Mas estamos a desviar-nos. Onde tinha ficado?»

‘Uma boa acção seria aquela em que estariam activas mais forças e vice-versa.’

«E portanto pelo facto de terem estado activas menos forças, uma acção ruim torna-se ruim e vice-versa?»

‘Inteira e compreensível.’

«Numa acção ruim só se *nega* o que numa boa acção se *afirma*?»

‘Assim é.’

«Não posso pois dizer que seria necessário um mau coração para executar essa acção e tão pouco posso dizer que seria preciso uma confiança e não um homem para levantar esta pedra?»

‘Quão verdadeiro. Deveria antes dizer que teria de faltar uma porção tão grande de bom coração para executar essa acção.’

«Vício é portanto apenas a ausência de virtude, estupidez a ausência de entendimento, um conceito mais ou menos como sombra ou silêncio?»

‘Inteira e certo.’

«Assim como não se pode dizer, com correcção lógica, que existe vazio, silêncio, escuridão, tão pouco existe vício no ser humano e em geral, portanto, em todo o mundo moral?»

‘Isso é claro.’

«Se portanto não existe vício no ser humano, logo tudo aquilo que nele está activo é virtude, i.e., é bom, assim como tudo o que não é silêncio ressoa, e tem luz tudo o que não está na sombra?»

‘Consequentemente.’

«Cada acção portanto, que o ser humano executa, é boa pelo facto de ser uma acção?»

‘De acordo com o que foi dito antes.’

«E se vemos uma acção ruim de uma pessoa, logo essa acção é precisamente a única coisa boa que dela notamos nesse momento.»

‘Isso soa de forma estranha.’

«Tomemos um símbolo como ajuda. Por que razão chamamos a um dia sombrio e nevoento de Inverno uma visão triste? Será por acharmos uma paisagem de neve em si desagradável? Nada disso; se a pudéssemos transplantar para o Verão, ela veria o seu grau de beleza elevar-se. Chamamos-lhe triste porque essa neve e esse odor de névoa não poderiam estar presentes se o sol brilhasse para desfazê-los, uma vez que são

incompatíveis com os encantos do Verão, muito maiores. O Inverno é para nós portanto uma desgraça, não porque careça de todos os prazeres, mas por excluir prazeres maiores.»

‘Perfeitamente inteligível.’

«O mesmo se passa com seres morais. Desprezamos uma pessoa que se furta ao encontro com a morte e a ela escapa, não porque nos desagrada a eficácia do instinto de conservação mas porque ela teria menos a ceder a esse instinto se tivesse possuído a magnífica capacidade da *coragem*. Posso admirar a ousadia, o arдил do salteador que me rouba qualquer coisa, mas chamo-lhe vicioso a ele próprio uma vez que lhe falta a qualidade da *justiça*, incomparavelmente mais bela. Do mesmo modo pode surpreender-me uma iniciativa que seja a erupção de um desejo de vingança dominado ao longo de vários anos, mas designo-a como sendo desprezível porque me mostra uma pessoa que pôde viver durante anos sem amar os seus semelhantes. Passo com desagrado por um campo de batalha, não porque há tantas vidas aqui a apodrecer – uma peste e um terramoto teriam podido fazer ainda mais, sem que eu me agaste com eles -, tão pouco porque deixe de achar perfeitas a força, a arte, a coragem heróica que derrubaram esses guerreiros – mas sim porque essa visão me traz à memória tantos milhares de seres humanos aos quais terá faltado humanidade.»

‘Perfeito.’

«O mesmo é válido para os *graus* de moralidade. Uma maldade muito artificial, muito sofisticada, seguida com persistência, executada com coragem, tem em si um brilho que incita frequentemente as almas débeis à imitação, porque elas encontram aí tantas energias grandes e belas actuando em toda a sua plenitude. E contudo designamos essa acção como sendo mais grave do que uma acção semelhante que implique uma menor medida de espírito e punimo-la mais severamente, uma vez que ela nos permite reconhecer com maior frequência aquela falta de justiça na sua série maior de motivos. Se ela fôr cometida, para culminar, na pessoa de um benemérito, então ela indigna todos os nossos sentimentos uma vez que as ocasiões de movimentar o impulso do amor eram neste caso mais frequentes e que portanto repetimos mais vezes a descoberta de que esse instinto terá permanecido ineficaz.»

‘Claro e esclarecedor.’

«Para voltar à nossa questão. Admitis portanto que não são as actividades das energias que tornam o vício em vício, mas a sua inacção.»

‘Completamente.’

«Os motivos são porém essas acções; logo não é correcto dizer-se que uma acção é viciosa por causa dos seus motivos. Nada disso! Os seus motivos são a única coisa *boa* que ela tem, ela é ruim por causa dos que lhe faltam.»

‘Incontestável.’

«Mas poderíamos tornar ainda mais curta essa demonstração. Será que o vicioso agiria a partir desses motivos se eles não lhe concedessem uma fruição? Só a *fruição* põe os seres morais em movimento; e só o bem, como sabemos, pode trazer fruição.»

‘Estou satisfeito. A consequência incontestável do que foi dito é que, por exemplo, uma pessoa de espírito esclarecido e coração bondoso só é uma pessoa melhor do que outra com igual espírito e um coração menos bondoso porque se aproxima mais do máximo da actividade interior. Mas surge em mim outra reserva. Dai a uma pessoa as qualidades do entendimento, da coragem, da ousadia, etc., em alto grau e de forma privilegiada, e fazei com que lhe falte a única qualidade a que chamamos de bom coração – será que ireis preferi-lo a outrem que possua aquelas qualidades num grau inferior, mas esta última com a maior das amplitudes? Sem dúvida que aquela pessoa é muito mais activa do que esta e, uma vez que na vossa opinião a actividade das forças determina o valor moral, logo haveríeis de ajuizar em seu favor, o que a faria entrar em contradição com o juízo comum das pessoas.’

«Haveria infalivelmente uma grande concordância. Uma pessoa cujas capacidades de entendimento são activas em alto grau possuirá também, com igual certeza, um excelente coração, na medida em que não pode odiar noutra pessoa o que ama em si própria. Se a experiência parece contradizer isso, então ter-se-á feito um juízo demasiado magnânimo acerca do próprio entendimento ou demasiado limitado acerca da bondade moral. Um grande espírito com um coração sensível situa-se na ordem dos seres ao mesmo alto nível do malvado inteligente, assim como uma pessoa estúpida se encontra num nível inferior juntamente com um coração mole, para dizer melhor, *molengão*.»

‘Mas um ser exaltado e uma pessoa do tipo violento é pelos vistos um ser mais activo do que uma pessoa comum com sangue fleumático e sentidos limitados?’

«Mesmo numa pessoa comum fleumática e limitada cada força tem possibilidade de agir, uma vez que nenhuma é reprimida pela outra. É uma pessoa com um sono saudável; o exaltado é igual a alguém que corre freneticamente de um lado para o outro, que se lança em furiosas convulsões quando a energia vital já terminou nas artérias exteriores. – Tendes mais alguma objecção?»

‘Estou convencido *convosco* que a moralidade do ser humano está contida no maior ou menor grau da sua actividade interior.’

«Lembrai-vos agora», prosseguiu o Príncipe, «que situámos toda esta pesquisa no domínio fechado da alma humana, que a separámos da cadeia exterior das coisas por meio de uma divisória, e que expusemos dentro deste círculo nunca ultrapassado toda a estrutura da moralidade. Achámos em simultâneo que a sua felicidade se desenvolve inteiramente com a sua perfeição moral, que portanto tão pouco lhe resta para exigir em relação a esta última, que tão pouco lhe poderá ser dado fruir uma perfeição ainda por alcançar, tão pouco como uma rosa, que hoje floresce, poderia ser bela só no ano seguinte, tão pouco como uma nota falsa no piano poderia misturar na peça seguinte a sua dissonância. Poder-se-ia igualmente pensar que o brilho do sol ao meio-dia de hoje daria calor ao meio-dia de amanhã, do mesmo modo que a perfeição do ser humano poderia caber neste mundo e a sua felicidade no outro – Estará isto comprovado aos vossos olhos?»

‘Nada sei responder contra isso.’

«O ser moral é portanto um ser completo e concluso em si próprio, assim como aquilo a que chamamos o elemento orgânico, para distinguir uma coisa da outra; e assim como aquele se conclui através da sua moralidade, este conclui-se através da sua estrutura, e essa moralidade é uma relação inteiramente independente daquilo que é exterior.»

‘Está comprovado.’

«Independentemente daquilo que possa cercar-me, a distinção moral permanece.»

‘Imagino aonde quereis chegar, mas –’

«Suponhamos que existe um todo racionalmente ordenado, uma justiça e bondade infinitas, uma permanência da personalidade, um eterno progresso – a partir do mundo moral não é possível demonstrar tal coisa com maior propriedade do que a partir do mundo físico. Para ser perfeito, para ser feliz, o ser moral não necessita de uma nova instância – e se espera por alguma, tal expectativa não poderá pelo menos estar fundamentada numa *exigência*. O que com ele seguir o seu curso terá de ser tão alheio à sua perfeição como a rosa – para ser bela – terá de ser alheia ao facto de florir num deserto ou no jardim de um príncipe, seja para o seio de uma graciosa jovem ou para o verme que a consome.»

‘Será essa comparação adequada?’

«Completamente; pois eu digo *aqui* expressamente, para ser *bela, ali*, para ser *feliz* – não para *ser dada!* Este último aspecto requer uma nova análise e não quero prolongar a conversa.»

‘Não posso porém libertar-vos ainda totalmente, mui clemente Príncipe. Haveis - e parece-me que de maneira irrefutável – comprovado que o ser humano só é moral na medida em que seja em si próprio activo - mas haveis afirmado há pouco que ele só teria moralidade para agir para o seu exterior.’

«Dizei que ele só age para fora de si porque tem moralidade. Os vossos *a-fim-de-ques* confundem-nos. Não posso suportar os vossos fins.»

‘Aqui o que importa é uma coisa só. A hipótese seria então que ele só teria em si o fundamento da maior parte dos efeitos que causa na medida em que atingisse o grau superior da sua moralidade. E essa prova, ainda ma deveis.’

«Não podereis concluí-la vós mesmo a partir do que foi dito até agora? O estado da mais alta eficácia interior das suas forças, não será esse o mesmo no qual ele poderá também ser a causa da maior parte dos efeitos para o exterior?»

‘*Pode ser, mas não tem de ser* – pois não haveis admitido vós próprio que uma boa acção que tenha ficado sem efeito nada subtrai ao seu valor moral?’

«Não só admiti como estabeleci tal coisa como sendo altamente necessária! – Como é difícil fazer-vos sair de uma ideia errada a partir do momento em que ela se apoderou de vós. Essa aparente contradição segundo a qual as consequências exteriores de uma acção moral seriam altamente indiferentes para determinar o seu valor, e todo o fim da sua existência residiria contudo nos efeitos que obtém no exterior, isso ainda vos confunde. Suponhai que um grande virtuose toca diante de um público numeroso mas rude, que um desajeitado se intormete e lhe rouba toda a sua audiência – qual deles declarareis como sendo *o mais útil?*»

‘O virtuose, é evidente, pois o mesmo artista deleitará noutra vez ouvidos mais requintados.’

«E será que ele o faria se não possuísse a arte que então se perdeu e que então ele exercitou?»

‘Difícilmente.’

«E será que o seu concorrente produzirá alguma vez o efeito que *ele* produziu?»

‘Esse não, mas –’

«Mas talvez um maior efeito junto do seu aglomerado maior, é isso que quereis dizer? Podeis seriamente duvidar que um artista que tenha sabido enfeitiçar um círculo de

peças sensíveis e de conhecedores inteligentes terá feito mais do que aquele desajeitado em toda a sua vida? Que talvez *uma* sensação que ele tenha despertado se tenha elevado, numa alma requintada, à forma de acções que se tenham tornado posteriormente úteis para um milhão de pessoas? Que ele se tenha associado, talvez como o único elo que ainda faltava, a uma importante cadeia e tenha coroado uma intenção magnífica? – Também aquele desajeitado, admito-o, pode alegrar as pessoas – também uma pessoa que tenha perdido a sua coroa moral ainda produzirá efeitos, da mesma maneira que um fruto assolado pelo apodrecimento poderá ser ainda uma refeição para pássaros e vermes, mas não será jamais digna de tocar uma boca encantadora.»

‘Fazei porém com que aquele artista toque num deserto, que nele viva e morra. *Eu* posso dizer que a sua arte o recompensa; mesmo aí onde nenhum ouvido capta os seus sons, ele é o seu próprio ouvinte e frui nas harmonias que produz a harmonia ainda mais esplendorosa do seu ser. Mas isso não podeis *vós* dizer. O vosso artista tem de ter ouvintes ou terá existido em vão.’

«Entendo-vos – mas o caso que haveis apresentado nunca pode ter lugar. Nenhum ser moral vive no deserto, aí onde vive e interage, ele toca num todo que o rodeia. O efeito que produz, e mesmo que fosse esse único, sabemos que só poderia ser produzido por *esse* ser e por mais nenhum outro, e ele só o terá conseguido graças à totalidade da sua constituição. Quando o nosso virtuoso chega a tocar, nem que seja *uma só vez*, tendes então de admitir que ele teria de ser precisamente *esse* artista que era, que para o ser teria de ter passado por tantos graus de exercício e aptidão como realmente passou, e que portanto toda a sua anterior vida de artista participa nesse momento de triunfo. Terá o primeiro Brutus²⁶ sido inútil durante vinte anos por ter feito vinte anos o papel de parvo? O seu *primeiro* acto foi a fundação de uma república que hoje ainda ali está como sendo o maior fenómeno da História universal. E assim será imaginável que a minha *necessidade* ou a vossa providência pudesse preparar tacitamente uma pessoa, durante toda a sua vida, para um acto que só lhe iria exigir na sua última hora.»

‘Por mais plausível que isso pareça – o meu coração não pode habituar-se à ideia de que todas as energias, todos os esforços de uma pessoa devam apenas trabalhar em prol da sua influência nesta temporalidade. O grande estadista patriótico e experiente, que hoje é derrubado do leme, transporta todos os seus conhecimentos adquiridos, as suas forças experientes, os seus planos amadurecidos, para a sua vida privada e esquecida, na qual morre. Talvez ele tivesse apenas de colocar a *última* pedra na pirâmide que se abate

atrás dele, que os seus sucessores terão de recomeçar por inteiro a partir da pedra inferior. Terá que ele em cinquenta anos de vida, terá ele durante a sua fatigante actividade administrativa tido apenas de juntar para a tranquilidade inactiva da sua vida privada? Que ele tenha cumprido a sua acção apenas através dessa actividade administrativa, eis o que vós não podeis responder-me. Se a influência que uma pessoa exerce neste mundo esgota toda a sua determinação, então a sua existência tem de terminar em simultâneo com os efeitos da sua acção.’

«Remeto-vos para o exemplo da natureza física, que fala por si, e em relação a essa mesma natureza tendes de admitir que *ela* só trabalha para a temporalidade. Quantas sementes e embriões, que ela compôs para a vida futura com tanta arte e cuidado, são dissolvidas de novo no reino dos elementos sem se terem sequer desenvolvido. – Por que razão é que ela os terá composto? Em cada par humano dorme, como no primeiro, todo um género humano; por que razão permitiu ela que a partir de tantos milhões o *dever* de apenas um único? Tão certo como o facto de ela transformar estas sementes em decomposição, tão certo também irão seres morais, em relação aos quais ela terá parecido abandonar um fim superior, chegar a este mais cedo ou tarde. Querer descobrir o modo como ela reproduz um efeito isolado através de toda a cadeia, isso revelaria uma presunção infantil. Muitas vezes, como vemos, ela deixa subitamente cair o fio de uma acção, de um acontecimento, que retoma de forma igualmente súbita três milénios depois, afunda na Calábria as artes e costumes do século *dezoito* para mostrá-los talvez no século *trinta* a uma Europa transformada, alimenta, ao longo de muitas idades humanas, saudáveis hordas nómadas nas estepes tártaras para as mandar um dia para o desgastado sul como sangue fresco, assim como, no seu curso físico, atira o mar para as costas da Holanda e da Zelândia para descobrir quiçá uma ilha na longínqua América! Mas também em dimensões isoladas e pequenas não faltam inteiramente sinais desse tipo. Quantas vezes a *moderação* de um pai, que há muito deixou de existir, faz milagres junto de um filho genial, quantas vezes uma vida terá sido talvez vivida para merecer um epitáfio que deverá lançar mais tarde um raio de fogo na alma de um descendente! – Porque há séculos um pássaro em debandada deixou cair no seu voo algumas sementes num certo sítio, floresce uma colheita para um povo que a ela vai parar – e uma semente moral ter-se-á perdido num reino tão fecundo!»

‘Oh magnífico Príncipe! A vossa eloquência entusiasma-me para debater contra vós. Podeis conceder tanta perfeição à vossa insensível necessidade e não preferis fazer com isso feliz um Deus! Olhai em vosso redor em toda a criação. Aí onde existe apenas um

prazer, ides encontrar um ser que o disfruta – e esse infinito prazer, esse gozo de perfeição, teria de ficar vazio para toda a eternidade!’

«Estranho!» disse o Príncipe depois de um profundo silêncio. Essa base em que *vós e outros* fundamentam as suas esperanças, é precisamente a que derrubou as minhas – precisamente essa hipótese de perfeição das coisas. Se não estivesse tudo concluso em si, se eu visse nem que fosse uma única farpa deformadora a sobressair desse belo círculo, isso provar-me-ia a imortalidade. Mas tudo, tudo o que vejo e noto, retorna a esse centro *visível* e a nossa mais nobre espiritualidade é uma máquina totalmente indispensável para movimentar essa roda da precibilidade.»

‘Não vos compreendo, mui clemente Príncipe. A vossa própria filosofia pronuncia a vossa sentença, sois verdadeiramente igual ao homem rico que vive na indigência apesar dos seus tesouros. Admitis que o ser humano contém em si tudo para ser feliz, que ele só pode receber a sua felicidade através do que possui, e vós mesmo quereis buscar a fonte da vossa infelicidade no exterior. Se as vossas conclusões forem verdadeiras, então não é possível que pretendais sair, nem que seja apenas com um desejo, para além desse círculo no qual mantendes as pessoas presas.’

«Precisamente isso é que é grave, o sermos apenas moralmente perfeitos, apenas felizes, para sermos úteis, o facto de fruirmos apenas o nosso *esforço* mas não as nossas *obras*. Cem mil mãos trabalhadoras juntaram as pedras para fazer as pirâmides – mas a pirâmide não foi o seu salário. A pirâmide deleitou o olhar dos reis e os escravos que se esforçaram tiveram de contentar-se com a subsistência. O que se deve ao trabalhador quando não puder trabalhar mais ou quando nada mais houver para ele trabalhar? O que acontecerá ao ser humano quando ele já não for útil?»

‘Ele será sempre útil.’

«Sempre também como ser pensante?»²⁷

Notas da Tradutora

1) No ducado da Curlândia, território hoje englobado na república báltica da Letônia, vivia até ao século XIX uma população predominantemente de expressão alemã, como resultado da colonização do Leste europeu empreendido a partir do século XII. Por curiosidade, note-se que no século XVIII – época em que é suposto terem ocorrido os acontecimentos aqui ficcionados – o filho do duque Jakob Kettler, Friedrich Kasimir, levou uma vida de corte faustosa que arruinou a economia mercantil até então florescente devido às relações mercantis com toda a Europa. O rei da Polónia, contra os proprietários de terras da Curlândia, declarou seu filho, conde da Saxônia, como próximo Duque da Curlândia, o que fez com que esse Ducado ficasse simultaneamente com dois duques. A situação tornou-se extremamente tensa — uma parte dos donos de terras aceitavam Ernst Johann von Biron como sendo seu duque e a outra parte, Carlos da Saxônia. Em 1763, a Imperatriz Catarina II da Rússia resolveu a situação chamando do exílio Ernst von Biron. Fazendo isso, ela evitava o possível aumento de influência do Reino da Polónia na Curlândia. Contudo, lutas políticas tinham esgotado Ernst Biron e ele decidiu passar a sua posição de duque para o seu filho, Peter von Biron, em 1769. Porém, a agitação política ainda continuou na Curlândia. Alguns donos de terras apoiavam a Polónia, outros a Rússia. Finalmente, a Rússia determinou o futuro da Curlândia quando, juntamente com seus aliados, realizou a terceira partilha da Polónia (1795). Acatando a "recomendação" da Rússia, o Duque Peter von Biron desistiu de seus direitos em favor da Rússia, em 1795. Com a assinatura do documento com esta intenção, em 28 de Março de 1795, o Ducado da Curlândia deixou de existir.

2) Na versão original podia ler-se a seguir: “Menciono tal coisa com empenhamento, uma vez que creio provar como ele estava longe, nessa altura, de qualquer intenção e sede de domínio.”

3) Trata-se do Papa Clemente XIV (1769-74) que dissolveu a Ordem dos Jesuítas. A sua morte é suposta ter sido provocada por envenenamento, eventualmente obra de jesuítas.

4) Referência a uma obra do âmbito das ciências ocultas.

5) Na versão publicada na revista *Thalia*, podia ler-se a seguinte nota de rodapé: “O Conde de O***, cujas palavras segui literalmente até agora, manifesta-se de forma muito circunstanciada acerca dos diferentes efeitos que esta ocorrência teve no ânimo do Príncipe e dos seus companheiros de viagem, bem como sobre as narrativas visionárias que ocasionaram tudo isso. Poupo a tais coisas o leitor que sentirá provavelmente o mesmo do que eu para passar à própria questão, permitindo que se reconheça tais efeitos nos actos do Príncipe; contento-me apenas com dizer que o Príncipe não pregou olho na noite seguinte e esperou com impaciência que o dia lhe proporcionasse o esclarecimento desse incompreensível mistério. S.”

6) Trata-se do convento franciscano junto da igreja de Il Redentore.

7) Ilha situada na parte sul de Veneza.

8) Na versão da *Thalia* e nas versões em livro de 1789 e 1792, podia ler-se a seguinte nota de rodapé: “E quiçá também a maior parte dos meus leitores estavam na mesma situação. Essa coroa, tão inesperada e cerimoniosamente deposta aos pés do Príncipe, parece, tomada em conjunto com as anteriores profecias do arménio, apontar de forma

tão natural e isenta de coacção para um *certo* fim que numa primeira leitura destas memórias me ocorreu a insidiosa saudação das bruxas em *Macbeth*: «Salve Than de Glamis, que um dia será rei!»; e provavelmente isso aconteceu a algumas pessoas mais. Se uma certa representação tiver sido introduzida na alma de modo cerimonioso e invulgar, inevitavelmente todas as que se lhe seguirem e que possuam a mais ligeira relação com ela associar-se-lhe-ão e estabelecerão com ela uma certa conexão. O siciliano que, ao que parece, em toda a história não quis nada mais, nada menos do que surpreender o Príncipe com a revelação da descoberta do seu estatuto, prestou um serviço ao arménio sem pensar nisso: mas do mesmo modo que também a questão perde interesse se abstrairmos dos fins superiores para os quais ela parecia de início estar orientada, tão pouco posso violar a verdade histórica e narro o facto tal como o encontrei. S.”

9) Cidade na ilha de Chipre.

10) Apolónio de Tiana foi um neopitagórico contemporâneo do imperador Nero e que posteriormente ficou conhecido como profeta e mágico.

11) Segundo a sua teoria, e de acordo com a obra do Abade de Villars *Le comte de Sabalis ou Entretiens sur les sciences secrètes* (Amsterdão, 1715), os filósofos conviviam com os espíritos elementares.

12) Trata-se da harmónica de vidro, de que Schiller tinha conhecimento através do seu amigo Gottfried Körner.

13) David Garrick (1716-1779), actor inglês famoso na época.

14) *Bucentauro* ou “Barca dourada” era o nome da embarcação na qual, durante a festa realizada no dia da Ascensão, se celebrava o “casamento de Veneza com o mar”, quando o doge, acompanhado pelos grandes da república, se fazia transportar nela e lançava às águas a aliança matrimonial.

15) “Bairro do Castelo”: na época, tratava-se do bairro com pior fama, na parte oriental de Veneza.

16) Segue-se, nas edições em livro de 1789 e 1792, uma nota de rodapé relacionada com o Diálogo Filosófico, então aqui inserido de forma mais completa (ou seja, reduzido a cerca de metade da dimensão que assume no final do texto): “Fiz um esforço, mui caro O***, para vos transmitir fielmente o importante diálogo que se desenrolou então entre nós, do mesmo modo que ocorreu; mas isso foi-me impossível, embora eu tivesse deitado mãos à obra ainda na mesma noite. A fim de ajudar a minha memória tive de dar às ideias que o Príncipe lançou cá para fora uma certa ordem que elas não tinham; e assim surgiu este meio-termo entre conversa livre e lição filosófica, que é melhor e pior do que a fonte a que fui beber; porém asseguro-vos que tirei mais do que dei ao Príncipe e que nada é meu a não ser a ordenação – e algumas notas à margem, que ireis reconhecer pela sua futilidade. Nota do Barão de F***.”

17) “Seja o que for, só será visto por aqueles que estão a afundar-se” (por terem presenciado o banho da deusa Nerthus, da mitologia nórdica, segundo Tácito na sua obra *Germania*, referindo-se aos escravos que eram mortos por afogamento).

18) Amante do filósofo escolástico Abelardo (1079-1142), tendo posteriormente professado.

19) De acordo com a edição de 1798 (3ª edição em livro), o “Diálogo Filosófico” segue a primeira versão da *Thalia* e surge aqui em separado e na íntegra, ao inverso da forma reduzida no final da quarta Carta do Barão de F*** ao Conde de O**.

20) Grão-mogul da Índia (1618-1707), conhecido pelo seu carácter tirânico.

21) Trata-se do Papa Gregório VII (1073-85).

22) Rei da França, assassinado em 1610 por Ravailiac.

23) Imperador romano (81-96).

24) Noite de 24.8.1572, que ficou assinalada pelo assassinio dos huguenotes em Paris por ordem do rei Carlos IX e da sua mãe Catarina de Médicis.

25) Trata-se do Marquês de Bedemar, que pretendia derrubar a república veneziana em 1608.

26) Lucius Junius Brutus é suposto ter-se feito passar por néscio para escapar às perseguições dos Tarquínios, seus parentes; após a morte de Lucrecia, liderou a conspiração contra aqueles, da qual resultou a república romana.

27) Seguia-se na versão da *Thalia*: “Aqui interrompeu-nos uma visita – e bastante tarde, pensareis. Desculpai, muito caro O**, esta carta infinitamente longa. Queríeis saber todos os detalhes acerca do Príncipe e posso incluir nisso também a sua filosofia moral. Sei que o seu estado de espírito é importante para vós e as suas acções, sei-o, só têm para vós importância devido àquele. Por isso também anotei fielmente tudo o que me ficou na memória dessa conversa.* De futuro irei...” A nota de rodapé era a seguinte: “*E também eu peço desculpa aos meus leitores por ter transcrito tão fielmente as notas do Barão de F***. Se já a desculpa que o último apresentou ao seu amigo não me serve junto do leitor, por sua vez eu tenho outra que o Barão de F*** não tinha e que me servirá totalmente junto do leitor. Ora o Barão de F*** não podia prever a influência que a filosofia do Príncipe iria ter no seu destino futuro, mas eu sei-o; e por isso deixei ficar tudo como encontrei. Ao leitor que estava à espera de ver espíritos, asseguro que ainda surgirão alguns; mas ele próprio vê que eles não teriam nenhuma hipótese de acolhimento junto de uma pessoa tão descrente como o Príncipe de *** ainda era.”

Posfácio

Teresa R. Cadete

A vida material dos espíritos

Uma coisa é o interesse de uma *farsa*, como é no fundo o Visionário, outra coisa o interesse de um romance ou de uma narrativa em que se segue tranquila e atentivamente cada passo que o poeta dá no coração humano. O leitor do Visionário tem de fazer como que um acordo tácito com o autor, através do qual este último se compromete a movimentar a sua imaginação no reino do maravilhoso, mas o leitor por sua vez promete não levar tudo á letra no que diz respeito à minúcia e à verdade.

Carta de Schiller a Caroline von Beulwitz e Carlote von Lengefeld, 12.2.1789

Desconfiemos de uma etiqueta – ainda que atribuída pelo próprio autor - que pretende reduzir o texto que acabámos de ler a um “recheio”, se tivermos em conta a etimologia latina de *farcire*, hoje ainda presente na língua francesa. Porém, tal desconfiança deve servir-nos sobretudo para deslocarmos ligeiramente a nossa perspectiva. Por que não ver nesse mesmo recheio um *cocktail* de géneros, uma arena experimental em que o autor antecipa a afirmação formulada na 9ª Carta sobre a educação estética e segundo a qual a verdade continuaria a viver na ilusão?

De que “verdade” se trata aqui?

No caso deste texto, estamos perante um sucesso editorial que alegadamente desagradava ao próprio autor. Porém, este não podia escamotear o princípio da realidade: tratava-se de contentar os leitores e o editor, de salvar da ruína uma revista organizada pelo próprio Schiller, a *Thalia* e – last but not least - de pagar um considerável montante de dívidas.

Recordemos a constelação de circunstâncias em que o texto foi escrito, entre 1785 e 1789, entre Dresden e Leipzig, Weimar e Jena, paralelamente a poemas filosóficos, ao drama *Don Carlos*, ao ensaio histórico sobre a luta pela independência dos Países-Baixos face à coroa filipina no século XVI, entre o círculo de amigos em torno de Gottfried Körner e Ferdinand Huber, a solidão de Weimar (mau grado os círculos de

sociabilidade literária que frequentava, a amizade amorosa e problemática com Charlotte von Kalb), a tensa relação com Goethe, o ausente omnipresente, os desafios colocados pela cátedra na universidade de Jena e pela relação com as irmãs Lengefeld, que se vão tornando nas mais próximas confidentes das preocupações criativas, conceptuais e emocionais.

Ainda antes da viragem causada pela leitura da *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant, ironicamente acelerada pela doença e possibilitada pela bolsa de três anos dada pelo Duque de Augustenburg, Schiller apodera-se de temáticas extremamente apelativas para a época e para o público leitor que passava grande parte do tempo dedicando-se a variadas formas e registos de leitura e escrita, da carta ao poema, do romance ao ensaio, cruzando-se nos salões onde circulavam os debates, os olhares, os interditos e os entreditos – e se comentavam histórias fantásticas e teorias da conspiração, se trocavam sinais cúmplices entre membros de sociedades secretas, se encriptava uma realidade comunicacional caracterizada por uma espécie de teia pantextual.

Nesta perspectiva, a figura do arménio enfileira com outras extremamente populares na época, como Swedenborg e Cagliostro, que já tinham ocupado os comentários de numerosos contemporâneos de Schiller, de Kant a Goethe. Mas Schiller visava sempre algo mais, neste caso algo mais do que entreter o público com uma história bem contada – e, como tivemos ocasião de verificar, bem *dramatizada*, bem *marcada*. A teatralidade sobrepõe-se aqui à trama policial (na parte narrativa), à reflexão filosófica (no diálogo final). O Príncipe afivela assim uma série de máscaras, de detective a um anti-Sócrates desconstruidor de ilusões, de sofista a um materialista-ironista anunciando um Brecht ou um Rorty séculos mais tarde.

Como é evidente, nenhum leitor contemporâneo pode escamotear referências epistemológicas posteriormente desenvolvidas a partir do reconhecimento pioneiro, por parte dos materialistas franceses do século XVIII (que Schiller lera na juventude, graças ao ecletismo do seu professor de filosofia na Academia Militar de Stuttgart, Jakob Abel), do papel da realidade material na configuração de imagens mentais, na modelagem de conceitos, após um meticuloso trabalho de desilusão. Mas mesmo nem quando a mais negra trama ameaça enredar o Príncipe (na parte narrativa), ou este parece cair numa circularidade argumentativa (no diálogo filosófico), ele abdica de usar a sua faculdade de julgar, que acaba por contrapor-se à informação fornecida abruptamente no final da narrativa. Aí temos mesmo de suspeitar seriamente se a conversão ao catolicismo do Príncipe (mau grado a tensão existente nalguns Estados

alemães de influência protestante, em que essa conversão podia equivaler a uma mudança na esfera de influências, em equilíbrio instável, mesmo após a paz de Vestefália que pusera termo à Guerra dos Trinta Anos) ou a morte da mulher amada não teriam sido soluções abruptas e voluntaristas por parte do autor, para pôr fim a um trabalho que já se havia tornado importuno e supérfluo, na economia da sua obra.

Não obstante as reservas colocadas por Schiller e a relativa perplexidade dos estudiosos do autor, que tendem a colocar este *divertimento* num plano inferior à (muito mais famosa) narrativa do criminoso por honra perdida, publicada cinco anos antes, é impossível não reconhecer a complexidade da estrutura desta novela, os seus jogos de revelação e ocultação, de transitoriedade e multiperspectivismo, de jogo e esclarecimento. Os veículos de informação (uma chave, uma carta) podem tornar-se pouco depois em instrumentos criadores de novas ilusões, que dobram e desdobram a cadeia instrumental de meios e fins. Em todo o processo narrativo, dramático e dialógico vemos como essa figura tece os seus próprios mecanismos de sedução, pela modelagem de ideias e de factos históricos, pela especulação sob a capa de desmontagem da espectacularidade dos truques de ilusionismo, pelo fascínio demonstrado pelas descobertas mais recentes da ciência (por exemplo, associadas ao uso da electricidade).

Se a legibilidade do mundo, defendida pelos portadores do facho das Luzes, se via obnubilada a cada esquina, arriscando-se a produzir fantasmas e monstros não só de Goya, não será então a resultante ilegibilidade a melhor matéria de recuperação das práticas estéticas, para as quais haveria que educar morosamente o indivíduo? Estamos a cerca de cinco anos da elaboração e publicação das Cartas sobre a educação estética, na sua versão final. Segundo as teses aí defendidas por Schiller, seria necessário um moroso caminho adâmico para que o indivíduo se tornasse capaz de elaborar os seus próprios parâmetros de beleza, de recepção e criação – e ainda assim, atingida essa plataforma, não existiria qualquer garantia acerca da possibilidade de uma actuação moral da sua parte. A estética apenas ajudaria, conjugando emoção e razão, a apresentar formas de argumentação que na época de Schiller (e estamos ainda a cem anos das manifestações niilistas de um Schopenhauer, de um Nietzsche) contrariavam sobretudo qualquer tentativa de ler a História numa grelha de finalidades optimistas, de crença numa perfectibilidade dada como garantida quando afinal bastaria uma constelação de múltiplas seduções – e aqui as armadilhas a que o Príncipe se expõe em Veneza surgem

numa óptica totalmente realista – para pôr em risco toda a processualidade da sedimentação de normas morais.

Neste contexto, são significativas as palavras endereçadas a Gottfried Körner em 9.3.1789, corrigindo equívocos de leitura em que qualquer leitor facilmente poderia incorrer: “Se o Visionário me tivesse interessado até agora como um todo, ou melhor, se eu não tivesse tido de expedir as partes antes de este interesse pelo todo ter em mim amadurecido, então esse diálogo teria sido mais subordinado ao todo. Mas como tal não aconteceu, que pude eu fazer senão tornar importante o detalhe para o meu coração e a minha cabeça, e que mais pode o leitor exigir de mim em tais condições a não ser que eu o entretenha com uma matéria interessante e de forma não desprovida de espírito. Mas *aí* é que te equivocaste, creio, ao pensares que o modo de agir do Príncipe deveria ser comprovado a partir da sua filosofia: ele não deve decorrer da sua filosofia, mas da sua posição *insegura* entre essa filosofia e os seus sentimentos dilectos de anteriormente, da insuficiência dessa construção racional e de um abandono do seu ser daí resultante. O teu equívoco reside no facto de pensares que a filosofia ali exposta deveria fornecer os motivos para a sua forma de vida. Nada disso, é a sua insatisfação com essa filosofia que fornece esses motivos. A filosofia não é, como viste, um todo, falta-lhe consequência – e isso torna-o infeliz e ele quer escapar a essa infelicidade ao aproximar-se das pessoas *comuns*. (...) Por exemplo a prova de que a moralidade reside apenas numa maior ou menor quantidade de actividade, isso parece-se estar iluminado por muitas vertentes e até exaustivamente exposto. Eu aprendi bastante com este trabalho – e isso vale mais do que 10 táleres por caderno.”

A publicação em fascículos ocorreu entre 1786 e 1789, data em que saiu a primeira edição em livro, a que se seguiram uma segunda em 1792 e uma terceira em 1798, cada uma delas revista e aumentada. A presente tradução segue esta última.

Schiller sempre anunciou, mas nunca escreveu uma segunda parte. Na segunda década do século XX, o escritor e cineasta Hanns Heinz Ewers fez essa tentativa, que comentou num posfácio próprio à obra editada em 1922: “É espantoso o efeito de modernidade deste Schiller! Se esquecermos um pouco os ornamentos e as cabeças empoadas, cremos estar situados no nosso tempo. Os mesmos cavaleiros do abracadabra, outrora como hoje, os mesmos charlatães que prometem a lua em todas as cores, as mesmas sociedades e ordens fantásticas, que se degladiam encarniçadamente” (H.H. Ewers, *Der Geisterseher. Aus den Papieren des Grafen O***. I. Teil, herausgegeben von Friedrich*

Schiller, II. Teil, herausgegeben von Hanns Heinz Ewers. München: Georg Müller 1922, p. 529).

Resta-nos entender que, se os deuses se retiraram dos palcos da antiga tragédia para dentro dos corações individuais, como Schiller escreverá anos mais tarde num pequeno ensaio sobre o papel do coro na tragédia moderna (“Sobre o uso do coro na tragédia”, in: *Textos sobre o Belo, o Sublime e o Trágico*. Lisboa: INCM 1997, p.231-239), se portanto qualquer *deus ex machina* deixa de ter qualquer credibilidade, também qualquer *autor ex machina* se torna facilmente desmontável.

Para além dos jogos de (des)ilusionamento dos leitores que pediam sempre mais peripécias e esperavam impacientes pela saída de um novo número da revista *Thalia*, para além do desfecho de um autor entediado com o seu próprio produto e que lhe confere (na parte final da narrativa) um inverosímil golpe de misericórdia, resta (sobretudo no que diz respeito ao diálogo final) uma escrita de clareza e vigor admiráveis, a coragem de assumir riscos conceptuais a que só muito mais tarde seria reconhecida uma exemplar modernidade.